ENTRE O SILÊNCIO E A LUZ

ENTRE O SILÊNCIO E A LUZ

reflexões de uma jornada espiritual

2025

Pentagrama
publicações

Título original:

ENTRE O SILÊNCIO E A LUZ

2025

Impresso no Brasil

Capa e Projeto gráfico: Mônica Jackson

Diagramação: Lumiar Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, Brasil

Entre o silêncio e a luz : reflexões de uma jornada espiritual. -- 1. ed. -- Jarinu, SP :
Pentagrama Publicações, 2024. -- (Renovação ; 6)

ISBN 978-65-86863-12-3

1. Autoconhecimento 2. Espiritualidade
3. Libertação 4. Transformação I. Série.

25-316118.1 CDD-133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritualidade 133.9

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

Copyright:

Todos os direitos desta edição reservados à

Pentagrama Publicações

Rua Heitor Peixoto, 588 - Cambuci - São Paulo - SP - 01543-020

www.pentagrama.org.br/

SUMÁRIO

Prefácio	7
1. O símbolo da Rosacruz Áurea: o ponto	9
2. O símbolo da Rosacruz Áurea:o triângulo	15
3. O símbolo da Rosacruz Áurea: o quadrado	21
4. A influência das escolas espirituais: os maniqueus	27
5. Como a influência das escolas espirituais se manifesta	35
6. O trabalho atual da Escola Espiritual	43
7. O método rosacruz e sua aplicação	51
8. A estrutura de trabalho da Escola	57
9. A expressão do trabalho da Escola	63
10. O ciclo da vida	71
11. A educação libertadora	77
12. O trabalho da juventude	85
13. O que a escola de mistérios não é	93
14. A batalha de Arjuna	101
15. Estado de ânimo	109
16. A renovação do pensamento	115
17. O pensamento molda a realidade	123
18. A libertação estrutural	129
19. Conhecimento, ligação e rendição	135
20. Nova atitude de vida	143
21. A ação justa e libertadora	151
22. Hílicos, psíquicos e pneumáticos	157
23. As três escolas	165
24. As três espirais de consciência	173
25. Medo	181
26. O sofrimento e as quatro nobres verdades	189
27. O Caminho Óctuplo	195

28. O poder do pensar 203
29. Inteligência artificial e inteligência superior 217
30. O início da Escola da Rosacruz Áurea 225
31. O novo começo 231
32. Os sete pilares da Luz 237
33. Da sombra à Luz 247
34. Desperta! 257
35. A um passo da eternidade 263
Referências Bibliográficas 271

PREFÁCIO

A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea comemorou seu primeiro centenário e iniciou um processo de renovação em diversos aspectos. Um dos reflexos dessa transformação é o volume que você tem em mãos: a partir deste número, a série Renovação passa a reunir as alocuções de todas as conferências proferidas em um período específico. Com isso, alunos e o público em geral têm a oportunidade de revisitar e conhecer as reflexões da Escola sobre temas que envolvem aqueles que buscam um sentido mais profundo para sua vida.

O símbolo da Escola já revela muito sobre o que o ensinamento universal elucida a respeito desse caminho — uma doutrina compartilhada por todas as tradições espirituais ao longo da história. Contudo, é importante reconhecer a que tipo de escola espiritual estamos nos referindo, pois existe um caminho apropriado para cada estágio de desenvolvimento da consciência.

Todos os tempos colocam o ser humano diante de desafios. Estes tempos, em consequência da velocidade e abrangência com que as informações circulam, impõem desafios ainda maiores, pois toda a humanidade se vê envolvida nas mesmas questões. Pensamentos de insegurança, medo, sofrimento e angústia a colocam na mesma vibração, reforçando esse estado de inquietude.

Romper esse padrão de pensamento, trocando o estado comum de inquietude por outro que a leve a ampliar seu nível de consciência, é o tema que ocupa a nossa Escola. Aqui, você encontrará esse assunto visto sob vários ângulos e por diversas tradições espirituais.

Que você, leitor, encontre nesta leitura as ferramentas necessárias para viver a verdadeira liberdade.

1. O SÍMBOLO DA ROSACRUZ ÁUREA: O PONTO

O símbolo utilizado pela Escola Espiritual da Rosacruz Áurea em sua apresentação ao mundo é composto pelo ponto, pelo triângulo, pelo quadrado e pelo círculo: essa imagem se relaciona ao processo iniciático proposto pela Escola.

Símbolos são elementos que representam ou significam algo mais do que sua forma literal e são apresentados em forma de bandeiras, logotipos, ícones, sinais, uniformes e outros modos de identificação; ao serem visualizados, reconhece-se o seu significado. A observação da realidade mostra que estamos imersos em um mundo de símbolos. Eles desempenham papel central na comunicação e, embora isto seja pouco percebido, deles partem estímulos que influenciam nosso subconsciente e imprimem condicionamentos seja em direção ao consumo, ao reconhecimento de ideias ou a aspectos relacionados à segurança e às emoções.

Um símbolo também pode revelar e iluminar nossa compreensão para aspectos de uma verdade profunda, que se encontra além das palavras. Ao buscar o significado de um símbolo, algo transcendente e invisível pode começar a vibrar, auxiliando o desenvolvimento de nosso ser real e interior.

Ainda que possua valor universal, um símbolo exterior revela ao observador apenas o que é possível e necessário no momento da observação, em concordância com seu estado momentâneo de consciência. Por isso, em geral o valor atribuído por cada observador é diferente, pois o símbolo desperta uma experiência interior vivenciada no momento da observação.

Um símbolo, portanto, transmite algo de maneira muito mais intensa e direta do que a expressão verbal porque, em sua forma original, ele inspira e estimula uma vivência nova, capaz

de incitar o abandono de velhos caminhos. Todavia, um símbolo não proporciona o desenvolvimento espiritual automático, porque a reação transformadora que ele impulsiona só ocorre na medida em que ela representar a ressonância do que está presente no coração do observador.

É por essa razão que um símbolo pode ter o efeito de despertar um buscador da verdade de seu sono de inconsciência somente quando a partícula transcendente nele estiver em sintonia com as radiações da luz do Sol Divino, que banha todo o Universo de forma incondicional e ininterrupta. Essas irradiações, presentes em nosso campo de vida, possuem um amplo espectro de atuação, desde um efeito irradiador e demolidor, até um efeito atrativo e construtor. Associando tais irradiações ao espectro luminoso, a Escola denomina o primeiro grupo de radiações de ultravioleta, e o segundo, de infravermelho.

Quando a radiação infravermelha da luz do Sol Divino toca os seres humanos, ela os impulsiona a uma determinada reação. A partir dessa reação, uma série de experiências intensas, inquietantes e inexplicáveis acontecem.

Não só os símbolos têm esse poder impulsionador. Um texto, uma palestra, uma conversa, a observação da atitude de uma pessoa, uma situação vivida... sim, muitas são as possibilidades de *insights* que brotam em nós a respeito do verdadeiro sentido da existência humana, pois no imo do coração de cada ser humano existe um átomo transcendente, uma partícula divina única, que conserva em si as lembranças de uma outra realidade, a realidade onipresente da Unidade do Todo e de Todos.

Movido pela inquietude dessa lembrança profunda, dessas verdadeiras memórias despertadas pelas radiações do Sol Divino, o ser humano, fustigado pelas experiências da vida, começa a

perceber o mundo e a realidade de uma forma diferente. Tudo o que antes era assimilado como habitual, normal e comum, deixa de sê-lo, e passa a ser percebido com estranhamento. É como se, em um piscar de olhos, o buscador da verdade despertasse em outra realidade até então não percebida, como se tivesse acordado em um outro país, onde se fala uma língua estranha, com hábitos e uma cultura diferentes, no qual ele fosse forçado agora a viver.

A partir desse momento ele passa a perceber tudo o que antes estava sedimentado e sacramentado – por suas velhas certezas e por seus condicionamentos do querer, do sentir e do desejar – como um mero cenário, um labirinto sem saída onde sua consciência egocêntrica se movimenta sem cessar. Assim, a vida, como ele usualmente a compreendia e encarava, passa a ter um novo sentido.

A Escola afirma que, a partir desse ponto, o ser humano se torna um buscador da verdade, e passa a se sentir estrangeiro em uma terra estranha, desprovido das certezas dos velhos valores que ao longo da vida lhe foram transmitidos como dogmas inquestionáveis. É nesse momento que as perguntas fundamentais da existência humana – que nos acompanham desde a aurora dos tempos – brotam do âmago de nosso coração: de onde vim, qual é o meu propósito nesta vida, para onde vou depois que meu tempo neste mundo se encerrar?

As clássicas perguntas da Esfinge no deserto da vida aparecem e permanecem, demandando imperiosamente uma resposta, como se uma espada de fogo tivesse sido cravada em seu ser.

É nesse estado de crise que o buscador da verdade chega às portas de uma escola espiritual, e precisa fazer a escolha fundamental de sua vida: dar meia-volta diante do portal da senda

da iniciação e seguir com sua antiga vida, ou avançar através do portal, dando início ao grande processo de transformação de todo o seu ser!

Nas oficinas de trabalho das escolas espirituais de todos os tempos, e também hoje na Escola da Rosacruz Áurea, a todo aquele que se dispõe a iniciar a jornada de autoiniciação é disponibilizado um Campo de Forças favorável – concentrado nos templos, centros de conferências e núcleos – como auxílio indispensável, no qual flui a força impessoal de todo o grupo. A partir desse momento ele pode iniciar sua caminhada com o auxílio impessoal do grupo de alunos e de toda a Escola Espiritual, que corresponde não somente às suas oficinas de trabalho mas, principalmente, a seu campo de força, luz e vida.

Tal caminhada estará ancorada no verdadeiro autoconhecimento que brota do átomo divino que habita o imo do ser; por meio dela o buscador poderá dar início ao processo de transformação de sua consciência, não com base em elementos externos ou sob determinada autoridade, mas com base em suas próprias possibilidades e forças, movido pela coragem para vencer seus condicionamentos do pensar, sentir e agir.

Esse é o processo de autoiniciação, em que o próprio candidato, sem fugir da realidade da sua vida, inicia sua nova jornada interior.

Nesse caminho ele não está sozinho, mas amparado por todo o grupo que possui o mesmo propósito de vida, todos contando com um campo de força que atua como elemento catalisador do processo interior de demolição e reconstrução. Esse é o processo alquímico de que fala a Escola Espiritual, processo que só se realiza com a colaboração e engajamento do aluno na senda interior.

Quando somos chamados pelo Sol Divino – e atendemos a esse chamado –, passamos a construir sobre a pedra angular com a radiação infravermelha, e a demolir tudo o que nos impede de seguir esse caminho interior, auxiliados pela radiação ultravioleta.

Esse constante esforço alquímico, de demolir e reconstruir, possui enorme significado na vida do buscador. Esse movimento contínuo de transmutação também é denominado de autoconhecimento, e deve ser impulsionado pela força da centelha do espírito, a partícula transcendente em cada ser humano. Como livre construtor, o ser humano que se propõe a reconstruir a si mesmo, com base nesse trabalho, vai transformando passo a passo os três centros de sua consciência – o santuário do coração, o santuário da cabeça e o santuário da vida – estabelecendo uma ligação consciente com a partícula transcendente, a centelha do espírito.

No símbolo da Escola, o ponto representa esse novo e fundamental ponto de partida, o início do caminho da autoiniciação, que tem seu começo no que guarda em si a indivisível e onipresente força do uno: a centelha do espírito.

É nosso profundo anseio que, com base no verdadeiro autoconhecimento, possamos encontrar, reconhecer e trilhar o caminho que nos conduz, em segurança, do deserto da vida egocêntrica até o novo campo de vida!

2. O SÍMBOLO DA ROSACRUZ ÁUREA: O TRIÂNGULO

> Do insondável, profundamente buscado, onde o mistério primordial estava oculto, proveio o frequentemente implorado, sobre o qual o eu não tem poder; uma força que me curou completamente. Em um amplexo intangível de algo santo, sem forma ou nome, participo da misericórdia eterna. Amplo torna-se em mim o que amplamente recebo. Simultaneamente fora e dentro, o milagre acolheu-me. Em todos os meus sentidos, revela-se que ele nunca mais me deixará. E enquanto a jovem nova vida demonstra livrar-se de seus laços, conheço, em estremecimento quase intangível, mãos maravilhosas e muito amigas. A linha de ação de meus esforços é conhecida. As alianças são sentidas.

Essas palavras, retiradas de um de nossos serviços do meio-dia, representam bem o estado do aluno que tocado, despertado e impulsionado pela poderosa força da centelha do espírito, colocou seus pés na senda da autoiniciação. Esse aluno sente que uma força primordial, sem forma ou nome, uma força sobre a qual seu "eu" não tem poder algum, fez morada em seu ser, e o colocou em movimento, ligando-se indissoluvelmente à sua alma, uma força que nunca mais o deixará.

E, mediante essa força, tal aluno reconhece também o auxílio imprescindível que vem até ele, um auxílio poderoso, mas totalmente impessoal, que o apoia sem retirar-lhe a autonomia e a autorresponsabilidade, como mãos amigas que o sustentam, em uma nova aliança que lhe permite enxergar a linha de ação de seus próprios esforços na senda.

E assim, munido da força primordial da centelha do espírito e do auxílio impessoal do campo de forças da Escola Espiritual, esse aluno dá início à sua senda interior, que o leva à manifes-

tação do Trigonum Igneum, o triângulo de fogo de uma nova consciência.

Por que triângulo de fogo? Porque ele significa a transformação fundamental que ocorre no arquétipo tríplice do ser humano, nos três centros de sua consciência-alma.

A Escola Espiritual denomina esses três centros de três santuários, porque a força primordial da centelha do espírito precisa transformá-los novamente em um espaço sagrado, um espaço em que a alma reencontre o espírito, unificando-se a ele. Para que isso aconteça, os três centros precisam atravessar um longo processo de purificação, preenchimento e ativação, a saber:

- a purificação do fogo astral da velha consciência egocêntrica;
- o preenchimento com a força primordial da centelha do espírito;
- a ativação de um novo fogo, o fogo da nova consciência, inflamada pelo impulso ígneo do espírito.

É dessa forma que o coração, a cabeça e a pelve se transformam nos três santuários da nova consciência, em que se manifestam:

- a flama de uma nova identidade;
- a luz de uma nova consciência;
- a força de uma nova vida.

Assim o triângulo de fogo – como uma imagem vivente do logos tríplice, irradiação do Pai, do Filho e do Espírito Santo – ressurge no aluno, e a nova consciência-alma nasce. Para que isso possa de fato ocorrer, o aluno precisa travar uma batalha heroica: atravessar um intenso combate interior, no qual enfrenta, demole e transmuta o estado de ser do núcleo de sua consciência egocêntrica tríplice.

Esse núcleo da consciência egocêntrica também pode ser comparado a um fogo, mas de uma natureza completamente diferente. Ele é um fogo caótico, que reflete de maneira real e contundente o estado de permanente caos no qual a consciência egocêntrica se encontra mergulhada.

Na linguagem do ensinamento universal, esse fogo é comparado à "força com a cabeça de leão", ou seja, a um redemoinho incontrolável de uma força astral violenta e consumidora, que se agita dentro dos três centros da consciência humana, em perpétua desarmonia e intenso sofrimento. E esse violento redemoinho de fogo astral é mantido pela desconexão e pela desarmonia inerentes aos três centros da consciência egocêntrica, os quais, nesse estado de coisas, funcionam de maneira isolada e caótica:

> Na vida da natureza terrestre, já não se pode falar de um triângulo de fogo que arde harmoniosamente. Neste mundo manifestam-se três tipos de seres humanos: primeiramente, o tipo racional, baseando-se, antes de mais nada, no pensamento, o qual nada tem a ver, contudo, com a verdadeira sabedoria. Em segundo lugar, o tipo volitivo, que não está mais ligado à vontade pura; e finalmente, em terceiro lugar, o tipo denominado místico, que nada tem a ver com a verdadeira mística.
>
> Numa atividade do pensamento, a vontade e o sentimento estão sempre subordinados; numa atividade da vontade, são recalcados o pensamento e o sentimento; numa atividade do sentimento, pode-se dizer que o pensamento e a vontade, como fatores ativos livres, estão totalmente ausentes.
>
> Esse desequilíbrio do triângulo ocasiona uma degenerescência que conduz, finalmente, à supremacia da vida emocional, em consequência de uma submissão primária aos desejos. O homem da multidão – e quão poucos escapam a essa condição – está absolutamente encadeado à vida dos desejos, o que pode ser facilmente demonstrado.

> (…) Que o aluno veja claramente que se trata portanto, aqui, de um círculo degenerativo. No homem já não se pode falar, desde tempos imemoriais, de razão pura. Seu pensar tornou-se hipotético e especulativo; em consequência, a vida da vontade desceu a um nível muito baixo e tornou-se especulativa.
> (…) O homem violentou a si mesmo e perdeu a ligação com o Logos.[1]

Esse é o estado natural de coisas que o aluno precisa enfrentar desde o início de sua senda da autoiniciação! Um estado no qual o consciente é totalmente dominado pelo subconsciente e o inconsciente, e a confusão do mundo mental, os conflitos do mundo astral, e os condicionamentos do mundo etérico e material, alimentam e retroalimentam o tríplice fogo desarmonioso de sua consciência egocêntrica natural.

E como o aluno pode enfrentar tal estado de coisas? Como ele pode transformar o funcionamento dos três centros de sua alma? O ensinamento universal chama esse processo de "endireitar as veredas" e, com esse símbolo singelo, mas poderoso, pode-se fazer uma imagem interior do que devemos realizar em nosso ser; pois é como se as trilhas e as vias de conexão entre o coração, a cabeça e a vida estivessem bloqueadas, como se fossem veredas estreitas, tortuosas e intransponíveis que impedem que os três centros da consciência possam funcionar de maneira estável e harmoniosa.

Por essa razão, o aluno precisa trabalhar diligentemente para reconstruir o triângulo de fogo original como a imagem do logos tríplice em seu ser, a partir do fogo monádico, da força da centelha do espírito no âmago de seu coração.

1. Rijckenborgh, J. van. *O mistério iniciático cristão.* Parte III, cap. 2, 2003.

Esse trabalho deve ser realizado mediante um esforço tríplice, seguindo uma ordem precisa e clara, como se o aluno estivesse recriando a manifestação do logos tríplice em seu ser. Essa ordem, precisa e clara, é a fórmula alquímica do fogo, que permite que da centelha do espírito no coração possa ser recriado o Trigonum Igneum, o flamejante triângulo de fogo nos três centros da alma humana. Essa fórmula dita que:

- em primeiro lugar, o coração esteja aberto ao toque da centelha do espírito, nele acendendo o fogo de um novo e puro anseio;
- em segundo lugar, que a cabeça se volte totalmente ao fogo que emana da centelha do espírito, refletindo-o no espelho da consciência, transformando-o na luz de uma nova compreensão;
- em terceiro lugar, que mediante o fogo e a luz, portanto, por meio da unificação do coração e da cabeça, desperte no aluno o impulso para uma nova ação.

Essa fórmula alquímica do fogo deve ser repetida infinitas vezes pelo aluno, até que ela permeie todas as experiências de sua vida, até que ele possa vivê-las de maneira nova e consciente, transformando a sua vida em um grande laboratório alquímico, em permanente serviço diante dos três santuários de sua alma.

A aplicação dessa fórmula deve se tornar uma espiral tríplice de transformação, que constrói os três pilares da ponte que leva do velho estado da consciência egocêntrica ao estado da nova consciência-alma. Esses três pilares correspondem às três fases de renovação da consciência, como se mencionou anteriormente:

- a purificação do fogo astral da velha consciência egocêntrica,

- o preenchimento com a força primordial da centelha do espírito, e
- a ativação de um novo fogo, o fogo da nova consciência, inflamada pelo impulso ígneo do Espírito.

Essa purificação, esse preenchimento e essa ativação correspondem às três tarefas iniciais do aluno na senda, para adquirir as três capacidades da nova consciência, a saber:

- o autoconhecimento;
- a ligação consciente à centelha do espírito, e
- a transformação dos 3 santuários,

E isso mediante:

- um novo pensar,
- um novo sentir, e
- um novo agir.

É dessa forma, transformando cada experiência em um tesouro de aprendizado, descobrindo as amarras do velho pensar, sentir e agir, e abrindo um crescente espaço interior de neutralidade e liberdade, que o aluno finalmente atinge a transformação dos três centros de sua consciência.

Assim, mediante a flama primordial da centelha do espírito, e o auxílio imprescindível do campo de forças da Escola Espiritual, o aluno prossegue do ponto ao triângulo, da chispa do espírito ao equilíbrio estável e sereno do triângulo de fogo da nova consciência. Ele prossegue em seu caminho que o leva a uma nova vida, erigida sobre a sólida base do quadrado da construção, a respeito do qual trata o próximo capítulo.

3. O SÍMBOLO DA ROSACRUZ ÁUREA: O QUADRADO

Os capítulos anteriores trataram de dois símbolos da Rosacruz Áurea: o ponto – a centelha do espírito – e o triângulo de fogo – que representa o despertar da nova consciência. Este capítulo trata do quadrado da construção, que é o símbolo da concretização do processo de manifestação da força universal em nosso microcosmo, que possibilita o seu regresso ao círculo da eternidade, sem começo e sem fim.

Como visto anteriormente, com base na força do toque da centelha do espírito, o buscador da verdade coloca seus pés na senda da autoiniciação. Nessa força que o toca, desperta e instiga, ele encontra a base para construir uma nova consciência, uma construção que transforma os três santuários de sua alma – seu coração, sua cabeça e sua vida.

Porém, essa construção não é algo miraculoso, que cai do céu em um passe de mágica, transformando-o em um piscar de olhos. Não, o buscador que trilha a senda precisa se esforçar, perseverar e avançar lentamente, passo a passo, galgando a um novo patamar de consciência a cada nova experiência, como alguém que escala lentamente, mas de forma segura, uma alta montanha. Nesse caminho, que serpenteia monte acima como uma luminosa espiral, ele precisa transformar suas experiências nas próprias pedras que constroem a trilha, pavimentando a subida em que ganha cada vez mais autoconhecimento.

E, ao utilizar o autoconhecimento que vai adquirindo, que ao mesmo tempo ilumina e desmascara seu mundo interior, ele estabelece uma ligação cada vez mais forte e consciente com a força da centelha do espírito que arde no âmago de sua alma.

Com base nessa nova compreensão e na força da ligação que aos poucos unifica seu coração e sua cabeça pelo fogo da centelha do espírito, ele se torna capaz de transformar sua maneira de agir, o que significa interferir concretamente no funcionamento de seu santuário da vida.

Essa mudança não ocorre diretamente nas ações concretas do mundo material, mas primeiramente na atitude interna que as precede; portanto, nas correntes energéticas do corpo etérico. Por essa razão a Escola diferencia a "nova atitude de vida" da "nova ação": sem uma mudança interna, que ocorre inicialmente nas correntes vitais do corpo etérico, qualquer transformação na maneira de agir concretamente no mundo material não passa de algo forçado, que se desmantela em pouco tempo, como um castelo de cartas.

Não. A transformação de que se trata aqui precisa possuir bases profundas e sólidas, que sustentem uma mudança real e interior, uma mudança definitiva da consciência. É essa mudança definitiva que transforma os três santuários da alma, mudança que transforma o triângulo de fogo da nova consciência no quadrado da construção.

A mudança que ocorre no santuário da cabeça, do coração e da vida deve começar a se consolidar em uma transformação estável e definitiva nos veículos sutis e no veículo material daqueles que trilham a senda da iniciação. Dessa forma:

- uma mudança no santuário da cabeça deve transformar o corpo mental mediante um novo pensar – a compreensão superior da nova alma;
- uma mudança no santuário do coração deve transformar o corpo astral mediante uma nova radiação – a força do amor impessoal da nova alma; e

- uma mudança no santuário da vida deve transformar o corpo etérico, mediante nova correntes vitais – a nova atitude de vida –, e o corpo material, mediante uma mudança sanguínea – a base de uma nova ação libertadora, autônoma e espontânea.

Assim o ser humano que trilha a senda da autoiniciação avança do triângulo de fogo da nova consciência para o quadrado da construção de um novo estado de vida, na qual ele tece a nova veste da alma, conquistando a liberdade real e estrutural. Sim, o ser humano que avança até esse ponto na senda torna-se realmente um ser livre e autônomo, no qual uma nova realidade se manifesta:

> Um novo templo surge. Um templo tríplice, segundo consciência, alma e corpo. Um corpo material, não à imagem grosseira da natureza (…), porém segundo a aparência sutilizada de uma natureza inteiramente nova. Uma personalidade glorificada, incluindo, portanto, uma forma corpórea material (…) A viagem que ora iniciamos se relaciona com a construção desse novo veículo, dessa arca, do navio celeste, necessário para alcançar nossa meta.[2]

Estamos abertos, estamos conscientes e desejamos essa meta? Aquele que conquista a verdadeira liberdade jamais o faz para benefício próprio, pois aquele que se liberta assume, no mesmo instante, a missão de libertar todos os seus semelhantes, ingressando, voluntaria e alegremente, na grande corrente dos libertos que trabalham, sem cessar, em prol da libertação do mundo e da humanidade.

2. Rijckenborg, J.van. *O novo homem*. Cap. III-1, 2016.

Esse novo ser humano se transforma em um catalisador da grande transformação cósmica, no grande trabalho alquímico da transmutação e libertação dos quatro reinos de nosso cosmo, na medida em que a transfiguração avança nas quatro vestes de sua alma.

Por isso, para todos os candidatos na senda da autoiniciação sempre ressoa a pergunta fundamental: "Estamos dispostos a abrir mão de nossos desejos mais íntimos, oriundos do egocentrismo, em prol dessa meta?" Se a resposta que brotar do nosso coração for um inequívoco "sim", então sobre nós jorrará a corrente de um poderoso auxílio, qual um fuste de luz que emana do único caminho, aberto e iluminado por todos os grandes do Espírito que nos precederam.

Esse caminho sempre existiu e já foi indicado para o mundo e a humanidade pelos grandes obreiros da Índia, por Lao Tsé na China, por Zaratustra nos reinos caldeus, por Mani no Oriente Médio, por Sócrates, Platão e Pitágoras na Grécia, bem como pelos druidas e pelos cátaros na Europa Ocidental, e também hoje pela Rosacruz Áurea.

Se seguirmos esse caminho universal, proposto pela Rosacruz Áurea, seremos como aqueles que, com a pequenina luz oriunda de sua centelha do espírito, integram-se a essa grande corrente da luz, tornando a senda ainda mais visível e perceptível para o mundo e a humanidade. Assim, trabalharemos para o auxílio de todos aqueles que buscam o caminho, que percebem sua existência e se achegam a ele.

Para isso é preciso apenas mantê-lo visível, coeso e vivo por meio da luz que ilumina e que não precisa de combustível externo, mas apenas de sua fonte interior, imperecível e inesgotável. Como uma luz serena e silenciosa, faremos o que for

preciso, na hora apropriada, sempre respeitando a vida na sua totalidade, irradiando harmonia e permitindo que tudo flua de acordo com os desígnios da grande Inteligência Universal, que a tudo vivifica e preenche.

Assim irradiamos luz, amor e sabedoria em cada instante; estamos no mundo, mas não somos mais do mundo; rompemos os véus do tempo e ingressamos no círculo da eternidade. Conquistamos a liberdade dos libertos, a liberdade dos Bodhisattvas, que sendo livres, detêm-se no portal do Nirvana, a partir do qual servem, cheios de amor e compaixão, a tudo e a todos.

Estaremos no *looping* da roda, porém, livres de seus giros. Vivendo do mundo da alma e trabalhando no mundo da matéria, assim como todos os grandes do Espírito que, sem cessar, novamente aqui descem para elevar-nos às alturas do novo reino da alma.

Um trabalho cheio de amor, que se reconhece nas palavras finais de *Fernão Capelo Gaivota*:

> Lembro-me de um jovem pássaro impetuoso, por exemplo, chamado Francisco Coutinho Gaivota. Acabava de ser banido; estava pronto a lutar com o bando até a morte e começou por construir o seu próprio inferno amargo nos domínios dos Penhascos Longínquos. E aqui está ele hoje, construindo o seu próprio paraíso em vez do inferno, e guiando todo o bando nessa direção.
> ...Francisco virou-se para o seu instrutor e houve um momento de medo no seu olhar.
> – EU, guiando-os? Que você quer dizer com isso? Você é o instrutor. Não pode ir-se embora.
> – Acha que não? Você não julga que possa haver outros bandos, outros Franciscos, que necessitem mais de um instrutor do que este que se encaminha para a luz?
> – EU? Fernão, eu sou uma simples gaivota e você é...
> – ...o próprio filho da Grande Gaivota, suponho?

Fernão suspirou e olhou o mar.
– Você já não precisa de mim. Precisa continuar descobrindo, pouco a pouco, todos os dias, o verdadeiro e ilimitado Francisco Gaivota. É ele o seu melhor instrutor. Você precisa compreendê-lo e treiná-lo.
Um momento depois, o corpo de Fernão começou a estremecer no ar, a ficar brilhante e a tornar-se transparente.
– Não os deixe espalhar boatos a meu respeito ou fazerem de mim um deus. De acordo, Chico? Eu sou uma gaivota que gosta de voar, talvez...
– FERNÃO!
– Pobre Chico! Não creia no que os seus olhos lhe dizem. Tudo que mostram é limitação. Olhe com o entendimento, descubra o que você já sabe e verá como voar.
O brilho extinguiu-se. Fernão Gaivota desapareceu no ar.
Passado um bocado, Francisco Gaivota arrastou-se para o céu e encontrou-se face a face com um novo grupo de alunos, desejosos de ter a sua primeira lição.
– Para começar – disse Francisco pesadamente –, têm de compreender que uma gaivota é uma ilimitada ideia de liberdade, uma imagem da Grande Gaivota, e todo o corpo de vocês, da ponta de uma asa à ponta da outra, não é mais do que o próprio pensamento de vocês.
As jovens gaivotas olharam-no interrogativamente. "Isso não parece uma regra do 'loop'!", pensaram.
Francisco suspirou e recomeçou.
– Hum... muito bem... Vamos começar com o voo planado – disse-lhes, observando-os com ar de crítica.
Mas, ao dizer isso, compreendeu de súbito que o seu amigo não fora mais divino do que ele próprio.
"Não há limites, Fernão!?", pensou. "Bem, então não está longe o dia em que aparecerei na sua praia e lhe mostrarei uma ou duas coisas acerca de voo!"
E embora tentasse mostrar-se severo com os seus alunos, Francisco Gaivota viu-os de repente como eram realmente, por um momento, e, mais do que gostou, amou o que viu. "Não há limites, Fernão?", pensou e sorriu.
A sua corrida para a aprendizagem acabava de começar.[3]

3. Bach, R. *Fernão Capelo Gaivota*. Ed. Record, 2015.

4. A INFLUÊNCIA DAS ESCOLAS ESPIRITUAIS: OS MANIQUEUS

Um aspecto fundamental do trabalho de uma escola espiritual é sua influência na transformação do mundo e da humanidade, tema sobre o qual a citação abaixo é esclarecedora:

> Já refletiram sobre a enorme influência exercida por uma escola espiritual sobre o mundo e a humanidade? Uma escola de mistérios está destinada, em um sentido muito especial, àqueles que desejam efetivamente percorrer o caminho...
> Além disso, ela exerce (...) uma influência determinante sobre todos os acontecimentos humanos. Nunca subestimem esse aspecto do formidável trabalho de libertação empreendido pela Fraternidade.
> Vocês talvez estejam tão ocupados no trabalho e no objetivo essencial da libertação que tendem a esquecer os aspectos gerais do trabalho benfeitor da Escola…
> (...) Têm consciência de que aplicar o método do "não fazer", pela prática de todos os aspectos da entrega, é um comportamento muito revolucionário na ordem natural dialética?
> Pois bem, quando o número dos que percorrem os caminhos da Escola for suficientemente grande, estes farão mudar rapidamente o atual aspecto do mundo...
> (...) Menos de um por cento da população mundial é capaz de modificar, pela prática do wu-wei – a prática do "não fazer" –, toda a estrutura de nossa sociedade sob o ponto de vista social, político, econômico e religioso.
> (...) Ergam-se e encontrem consolo no pensamento de que, mediante um discipulado positivo, não só ajudamos a nós mesmos e servimos à Escola, mas também prestamos auxílio a toda a humanidade.[4]

4. Petri, C. *Transfiguração*. Cap. 3, 2004.

Jan van Rijckenborgh chegou a afirmar que cerca de 10.000 pessoas seguindo efetivamente a senda interior, transformam toda a sociedade. Catharose de Petri menciona que esse fenômeno se manifestou em alguns momentos da China Antiga, quando muitos seguiram os passos de Lao Tsé. O mesmo ocorreu na Índia, quando muitos seguiram os passos de sábios como Buda e Shânkara, sem esquecer a influência transformadora do cristianismo original no Ocidente.

Há também evidências de grandes e rápidas transformações em antigas civilizações das Américas, quando estruturas extremamente rígidas e hierarquizadas foram substituídas em pouco tempo por culturas livres e igualitárias, muitas vezes associadas a novas revelações espirituais.

Esse fenômeno também se observou na manifestação da comunidade gnóstica dos maniqueus. Essa comunidade nasceu no século III da era cristã, se desenvolveu e atuou incansavelmente por mais de mil anos.

Os fundadores da Rosacruz Áurea sempre tiveram os maniqueus em alta conta, por reconhecê-los como parte da mesma corrente de fraternidades à qual a Rosacruz Áurea está ligada. Ainda antes da Segunda Guerra Mundial, o semanário da Escola passou a se chamar "A Luz da Rosa-Cruz, publicação da Fraternidade da Rosa-Cruz, Ordem dos Maniqueus". Jan van Rijckenborgh afirmava que a tarefa espiritual dos maniqueus iria além da tarefa da própria Rosacruz.

A escola dos maniqueus realizou trabalho amplo e duradouro, que não se limitou aos membros da comunidade maniqueia, mas abrangeu toda a cultura ao seu redor. O fundador dessa comunidade, Mani, nasceu em 14 de abril de 216 d.C., na

região próxima à atual Bagdá, no Iraque, durante o período de transição entre as dinastias parta e sassânida, no Império Persa.

Ele cresceu na comunidade dos elcassaítas, um grupo religioso influenciado pelo cristianismo gnóstico, que mantinha rigorosos códigos de conduta exterior. Aos doze anos teve uma primeira experiência de encontro com seu "gêmeo celeste", assim descrita:

> Quando meu corpo se desenvolveu, surgiu diante de minha face, de modo totalmente inesperado, um reflexo esplêndido e magnífico de mim mesmo. [...] Então o Paracleto revelou-me tudo o que era, tudo o que será, tudo o que o olho vê, o que o ouvido ouve, e tudo o que o pensamento pensa. Por meio dele eu aprendi tudo, eu vi o Todo, tornei-me um só corpo e um só espírito.

Aos 24 anos, após mais uma experiência interior transformadora, Mani questionou as regras da comunidade em que foi criado e partiu em uma jornada até a Índia, ao longo da qual difundiu seu próprio ensinamento.

Ao retornar, o imperador Shapur I tinha assumido o trono. Surpreendentemente, mesmo mantendo sua fé no zoroastrismo, o imperador permitiu que Mani pregasse suas doutrinas pelo Império Sassânida.

Após a morte do imperador, seu filho Bahram I, influenciado pelos sacerdotes do zoroastrismo, lançou perseguições contra Mani e sua escola, que culminou na prisão e no assassinato de Mani.

Mas Mani já havia consolidado o trabalho, e o maniqueísmo continuou a se disseminar pelo Oriente e pelo Ocidente, atingindo regiões como a Sogdiana, a Europa e o norte da África.

Com o tempo, porém, a perseguição ao maniqueísmo cresceu. No Ocidente, a partir do ano 380, o imperador Teodósio instituiu o cristianismo romano como religião oficial do Império e ordenou a execução de todos os maniqueus. Tal perseguição acabou levando ao fim o maniqueísmo ocidental, pelo menos em sua manifestação exterior.

Mas os maniqueus continuaram a se expandir para o Oriente, chegando à China no século VIII, onde puderam atuar com relativa liberdade até 843. Conseguiram se estabelecer também entre os uigures na Mongólia, que adotaram o maniqueísmo como religião estatal por quase um século.

Após o colapso do Império Uigure, eles migraram para a região de Turfan, próxima ao deserto de Gobi, onde muitos manuscritos e afrescos maniqueus foram descobertos no século XX.

Relatos mostram que os maniqueus exerceram influência profunda sobre a cultura uigure, transformando uma região marcada por conflitos sangrentos em um lugar de paz e espiritualidade.

François Favre diz que a partir da adoção do maniqueísmo, os uigures deixaram de ser nômades e passaram a

> uma nova forma de vida comunitária baseada em valores espirituais como o respeito à vida sob todos os aspectos, a renúncia à vontade de poder, a busca de consenso na resolução de conflitos, a busca da sabedoria e do conhecimento do ser como verdadeiro objetivo da vida, o desprendimento etc.
> (...) pela tomada prática e efetiva das "regras de vida" gnósticas, esse país de hábitos bárbaros e cheio de fumaça de sangue [que era a Mongólia na época] se tornou um país consumidor de legumes [adotaram o vegetarianismo]; que, nessa região do mundo devastada por conflitos sangrentos entre tribos turcas e mongóis, a paixão pela guerra deu lugar à paixão pela espiritualidade.
> (...) Diferentes concepções religiosas [como o budismo, o taoís-

> mo e o cristianismo nestoriano] serão não somente toleradas no interior do império uigure, mas até encorajadas e valorizadas, como representando as múltiplas formas de experiência religiosa em relação à evolução da consciência.[5]

O maniqueísmo continuou a ter influência na China por muitos séculos, fundindo-se com o Taoísmo e o Budismo. Recentemente foi descoberto que, ainda nos dias de hoje, famílias preservam e realizam rituais de origem maniqueia no sudeste do país.

Por causa da crítica negativa de opositores, a palavra "maniqueísmo" se tornou sinônimo de uma visão de separação drástica e inflexível entre bem e mal, e a doutrina maniqueia foi frequentemente interpretada como a mais dualista de todas, negando totalmente nosso mundo.

Porém, ao longo dos últimos 150 anos, a descoberta de textos esquecidos do maniqueísmo e do cristianismo gnóstico original revolucionou as interpretações tanto do maniqueísmo quanto do cristianismo primitivo. Os textos maniqueus originais mostram que seu ensinamento está em sintonia com o cristianismo gnóstico. Além disso, considera que nosso mundo não é apenas de trevas, mas um mundo de junção entre luz e trevas.

Na cosmogonia de Mani, existem três tempos: no primeiro, há a separação entre os reinos da luz e das trevas; o segundo é o nosso tempo, no qual esses reinos se encontram e se misturam, resultando em nosso mundo, a fusão de luz e trevas; no terceiro tempo, haverá nova separação entre os dois reinos.

Essa compreensão levou os maniqueus a verem toda a realidade como sagrada, pois as partículas de luz divina estão pre-

5. Favre, F. *Mani, Christ d'Orient, Bouddha d'Occident*. Editions du Septnaire, 2002.

sentes em toda a manifestação material. Eles viam a divindade em todas as coisas, como o Cristo crucificado na matéria ou Cruz de Luz. Por isso os eleitos, os iniciados maniqueus, viviam uma existência sacramental em seu cotidiano, e sua reverência por todas as coisas manifestava-se como um ritual contínuo.

Os maniqueus não apenas eram vegetarianos, como transformavam cada refeição em um ritual de compaixão pelo sofrimento de todas as coisas vivas, que poderia liberar a luz presente nelas. Eles deveriam estar constantemente conscientes do estado de "mistura" em que o mundo se encontra: a vida misturada com a morte, a luz com as trevas. E para os maniqueus, a humanidade desempenharia um papel fundamental na manifestação plena da vida e da luz originais.

A pessoa egocêntrica e não desperta inevitavelmente promoveria o triunfo das trevas, levando à escravização pelos propósitos materiais. Por outro lado, um aluno da escola espiritual maniqueia deveria cuidar com compaixão da terra e preservar as águas dos rios, a vida das plantas e dos animais, pois isso auxiliaria os mecanismos da própria natureza a liberarem a luz aprisionada pelas trevas. Eles pisavam com cuidado sobre a terra, para não a ferir, nem aos seres que nela habitam.

Embora o maniqueísmo tenha enfrentado perseguições em várias partes do mundo, deixou um legado como a primeira religião verdadeiramente mundial, antes do cristianismo, budismo e islamismo, abrangendo uma série de povos e regiões. Pode ser também considerada como uma das escolas espirituais mais bem-sucedidas, duradouras e abrangentes da História.

Uma das razões para seu sucesso estava na fidelidade aos princípios essenciais, ao mesmo tempo que flexibilizava sua forma

exterior, adaptando sua mensagem de acordo com a cultura de cada povo que alcançava.

Ao se dirigirem para o Ocidente, utilizavam a linguagem do cristianismo; no Império Persa, empregavam a linguagem do zoroastrismo; e no Oriente, utilizavam a linguagem das tradições locais, como o hinduísmo, o budismo e o taoísmo. Por isso Mani ficou conhecido como "Apóstolo de Jesus Cristo" no Ocidente e como o "Buda de Luz" no Oriente. Eles se adaptavam à cultura local sem comprometer seus princípios, utilizando a música, a poesia, a pintura e outras formas de arte para transmitir sua mensagem. Isso afetava positivamente a cultura em que estavam inseridos: como se viu, as evidências sugerem que povos violentos se transformaram em sociedades pacíficas ao adotar o estilo de vida maniqueu.

A exemplo dos maniqueus, outros grupos gnósticos posteriores, como os bogomilos e os cátaros, também tiveram impacto significativo na sociedade de sua época, promovendo a liberdade de pensamento e a igualdade entre homens e mulheres, além de contribuir para o florescimento artístico e cultural.

Da mesma forma, a Escola da Rosacruz Áurea tem procurado ser uma voz ativa na sociedade atual, principalmente por meio do trabalho público, de suas fundações e institutos (como o Instituto Civitas Solis, no Brasil) e da Academia da Nova Consciência, que começa a se estruturar. O próximo capítulo apresenta uma perspectiva mais detalhada sobre esse trabalho.

5. COMO A INFLUÊNCIA DAS ESCOLAS ESPIRITUAIS SE MANIFESTA

No capítulo anterior, foi mostrada a profunda influência exercida pelas escolas espirituais na transformação da consciência do mundo e da humanidade, em particular a Escola de Mani. Este capítulo mostra as nuances de como essa influência se manifesta.

Duas são as abordagens principais para entender esse processo. A primeira está relacionada à mensagem disseminada pelas escolas espirituais, que toca o coração dos buscadores espirituais em todas as épocas, oferecendo uma filosofia, uma doutrina, um caminho de evolução espiritual, uma mensagem de libertação entre outros elementos. Seres humanos amadurecidos pelas experiências da vida muitas vezes se sentem atraídos por essa mensagem, e se aproximam das escolas espirituais. Fazer essa mensagem libertadora alcançar o maior número possível de buscadores é um desafio constante para todas as escolas espirituais, inclusive para a Rosacruz Áurea na atualidade.

A segunda abordagem se refere ao aspecto irradiador do campo de força de uma escola espiritual, do seu corpo vivo, e como ele influencia o mundo e a humanidade. A natureza e a qualidade do aspecto irradiador de uma escola dependem do trabalho espiritual realizado pelo seu grupo de alunos, quer individualmente, quer coletivamente. Em linhas gerais, a irradiação se refere ao que poderia ser comparado com uma forma de energia, de natureza eletromagnética, que se propaga pelo tempo e espaço, partindo de uma fonte emissora para uma fonte receptora que a pode absorver e utilizar.

Nesse sentido, todo ser humano, devido ao que circula em seu interior – seja pelos seus pensamentos, emoções, sentimentos

ou desejos – é uma fonte emissora de radiação. E quando um grupo de seres humanos se sintoniza com determinado pensamento, sentimento, emoção ou desejo, a radiação que dele emana se torna potencialmente mais poderosa do que a radiação individual.

É assim que a influência de grupos que irradiam uma determinada energia ou vibração pode afetar o estado emocional, mental e espiritual das pessoas ao seu redor que se sintonizam com essa energia ou vibração.

Essa influência ocorre de maneira sutil e subjetiva, mas pode ser profundamente significativa em relação a como as pessoas se sentem e se comportam em um determinado ambiente ou contexto social. A energia que um grupo irradia desempenha um papel importante não só na experiência das pessoas dentro desse grupo, mas também em sua interação com a sociedade em geral, estejam as pessoas próximas ou distantes.

A característica e a qualidade do que é irradiado por um grupo depende basicamente de 3 fatores: do objetivo pelo qual o grupo se formou; da forma de organização desse grupo (por exemplo, se há alguma estrutura hierárquica ou não na divisão de trabalho), e do tipo de trabalho coletivo e individual que o grupo realiza.

As escolas espirituais sempre trabalharam e trabalham de maneira muito peculiar. A motivação para sua formação, a forma como se organizam e o trabalho que realizam é muito diferente da quase totalidade das organizações que atuam hoje no mundo, sejam elas de caráter social, cultural, político, esportivo, religioso etc.

E o mais importante: o impacto dessas influências na consciência e na vida dos seres humanos também é profundamente

singular: é importante que os alunos de uma escola espiritual compreendam essas diferenças.

> Suponham que determinado número de homens e mulheres abra uma passagem, isto é, uma via livre, através dos principais domínios etéricos, tanto individualmente como em grupo, e que, portanto, consiga uma grande abertura até o triplo domínio do Espírito, da alma e da matéria, uma passagem por onde todas as forças da bem-aventurança possam afluir ao mundo.
> (...) é preciso que essas poderosas vibrações sejam transmutadas e que os obreiros, cujo anseio é infundir sobre a humanidade as forças da salvação e oferecer-lhe essas forças plenas de graça, tenham primeiro preparado um santuário, um templo, como base, como lugar de serviço consagrado para a aplicação da magia gnóstica.
> (...) Devemos nos voltar para uma prática que se baseie na qualidade interior e na preparação interior. E por isso esperamos que compreendam do que se trata e que estejam decididos a se tornar, tão rápido quanto possível, aptos para esse santo trabalho templário por meio de vossa preparação interior.
> (...) Trata-se de um trabalho interior que deverá emanar de nossos templos como um novo campo de irradiação que envolverá o mundo todo com seus efeitos benéficos.[6]

Essa citação dos fundadores de nossa Escola indica que um templo desempenha um papel importante e fundamental no modo como a influência de uma escola espiritual se manifesta no mundo e na humanidade. E fica claro como há um templo interior e um templo exterior e como há um trabalho individual e um trabalho coletivo.

Um templo não é apenas um edifício físico; é também um símbolo e uma representação do templo interior, da morada espiritual da alma em cada indivíduo. Todo ser humano carrega

6. Rijckenborg, J.v; Petri, C. *A Gnosis Chinesa.* Parte II, cap. 32, 2010.

em si um espaço sagrado, onde a alma pode se conectar com o divino. O cultivo desse templo interior envolve o desenvolvimento espiritual e a busca da verdade interior.

Um templo, seja físico ou interior, é um espaço onde as pessoas podem se retirar do mundo exterior e buscar a conexão espiritual com o divino nelas, refletindo sobre questões profundas e elevadas.

Quando estamos presentes num templo, fisicamente ou por meio remoto, é realizada uma conexão entre nosso templo interior e o templo exterior, representado por todos aqueles que também estão presentes naquele momento.

Mas não é só isso: o que de fato está ocorrendo é a assimilação, a transmutação e a irradiação de forças e energias de caráter libertador. Pelo conteúdo do que está sendo exposto, pela atenção consciente dos que estão ouvindo e pela compreensão coletiva que disso resulta sintonizam-se as radiações etéricas que provêm do alto, que são derramadas sobre cada um dos presentes e colocadas em circulação em seu interior pelo pensar e sentir. Como já foi mencionado, cada ser humano é fonte emissora de radiação do que circula em seu interior, pelos seus pensamentos, emoções, sentimentos ou desejos. Pela compreensão individual revelada durante cada serviço e pela comoção interior que ela causa, com a cabeça e o coração em unidade, um trabalho coletivo é realizado.

Esse trabalho pode ser feito presencialmente num templo físico ou num templo etérico, formado virtualmente por ouvintes conscientes em uma transmissão on-line, e sempre irradiará forças e energias transmutadas, espargidas para o mundo como forças e energias de transformação coletiva.

A cruz presente em muitos templos físicos da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea é símbolo desse trabalho coletivo: a haste vertical representa o contato feito a partir da ativação do núcleo espiritual no coração de cada aluno; a rosa simboliza a centelha do espírito, e sua conexão com as forças do Espírito Universal provenientes do alto; a haste horizontal representa a irradiação resultante da transmutação dessas forças dentro de cada aluno, e espargida para o mundo e a humanidade.

E aqui cabe um pequeno parêntesis sobre as transmissões on-line. Embora esses serviços e conferências fiquem disponíveis para serem ouvidos por longos períodos, cada aluno deve se conectar no horário programado e divulgado para a transmissão, pois dessa forma contribuirá para a formação de um templo etérico, que é mais eficaz em sua função e destinação.

O trabalho coletivo tem continuidade com o trabalho individual, em nosso templo interior no dia a dia. Por meio das reflexões diárias dirigidas ao núcleo mais profundo de nosso ser, a partir da autorrendição a esse princípio e das experiências vividas de forma consciente, cada aluno também contribui para o aspecto irradiador da Escola. Essa é a nossa tarefa individual como alunos.

Nossas ações, atitudes e comportamento são o resultado do trabalho interior: embora não deva ser agente político, cada aluno tem papel transformador no mundo.

É preciso compreender que o aspecto irradiador do trabalho coletivo e individual do grupo de alunos, que parte do campo magnético do corpo vivo da Escola Espiritual, tem caráter duplo, um objetivo duplo, pois são irradiadas forças e energias que não se harmonizam com o egocentrismo humano. Por um lado, essa irradiação possui aspecto chamador e despertador; ou seja,

chama o buscador para trilhar um caminho espiritual, desperta o buscador para sua essência e origem divinas. Por outro, ela ataca o que reforça o egocentrismo humano, causa de tantas dores e sofrimentos. Esse caráter duplo da irradiação do corpo vivo é fundamental para a transformação da consciência egocêntrica humana.

Outro aspecto do trabalho espiritual realizado pelas escolas espirituais, que contribui para aumentar a potência do seu aspecto irradiador, é a unidade de grupo. A unidade de grupo desempenha papel importante na superação do egocentrismo pessoal, pois oferece ambiente propício para o desenvolvimento espiritual, que frequentemente envolve a transcendência do ego.

A interação com outros membros do grupo cultiva a empatia e a compaixão: à medida que aprende a compreender e ajudar os outros em suas próprias jornadas espirituais, o foco no ego tende a diminuir.

A unidade de grupo também oferece ambiente em que os membros se apoiam mutuamente em suas jornadas espirituais. Isso ajuda a criar o senso de comunidade e pertencimento, que atenua a sensação de solidão e a necessidade de validação pessoal.

Além do trabalho realizado conjuntamente nos templos durantes os serviços e conferências, muitas outras atividades são realizadas em grupo: reuniões de discipulados, trabalhos de manutenção, limpeza, preparação de refeições, mutirões etc.

As atividades podem ser agrupadas nas de caráter espiritual e nas de caráter prático. Nas atividades de caráter espiritual destacam-se as reuniões de discipulados, nas quais os alunos refletem sobre questões profundas como o autoconhecimento. Isso os leva a olhar para dentro de si mesmos, questionando as próprias motivações e a natureza do ego.

Nas atividades de caráter prático, os alunos são chamados à interação com a questão material de todo trabalho espiritual. É a matéria demandando suas necessidades. Nessas atividades, percebe-se como a colaboração e os esforços coletivos são mais significativos do que as realizações individuais. Isso ajuda a reduzir o desejo de buscar reconhecimento pessoal. Além disso, coloca-se em circulação forças de natureza não egocêntricas, contribuindo para uma verdadeira ação libertadora.

A superação do egocentrismo é um processo contínuo e pessoal, e a unidade de grupo é um recurso que ajuda o aluno nesse caminho. Cada indivíduo é único em sua jornada espiritual, e o equilíbrio entre o desenvolvimento pessoal e a integração em um grupo é uma busca delicada e individual: a unidade de grupo é um meio valioso para apoiar esse processo.

Em resumo, o aspecto irradiador do corpo vivo de uma escola espiritual desempenha papel importante na transformação da consciência dos seres humanos. Esse aspecto depende de 3 fatores: do trabalho coletivo no templo exterior, do trabalho pessoal no templo interior e da unidade de grupo.

Não há barreiras nem obstáculos para a irradiação espiritual; ela se propaga por todo o mundo; se disponibiliza como força e energia, impessoalmente, para todos os seres humanos.

Mas uma mensagem precisa acompanhá-la. Qual é essa mensagem e como fazê-la chegar à maior quantidade possível de seres humanos é o assunto do próximo capítulo.

6. O TRABALHO ATUAL DA ESCOLA ESPIRITUAL

Toda a humanidade se encontra em um longo processo de desenvolvimento da consciência, e nisso obviamente há diferenças de indivíduo para indivíduo: por isso, nem todos já estão preparados para um caminho de autoiniciação espiritual. Tendo conhecimento disso, o trabalho da Escola é direcionado a diferentes tipos humanos e em diferentes estágios de desenvolvimento da consciência.

Em primeiro lugar, ela se constitui como uma escola iniciática para o buscador maduro à autoiniciação. Sua estrutura de discipulados, particularmente do segundo aspecto em diante, serve a esse propósito.

O caminho de autoiniciação é profundo e atrai muitas consciências que intimamente, cientemente ou não, estão amadurecidas para iniciar o processo de autoconhecimento e verdadeiro desenvolvimento anímico e espiritual. Por isso, a Escola vai ao mundo emitindo um chamado a esses buscadores maduros. Atualmente, a Escola tem ido à praça aberta das redes sociais e propagado ali esse chamado para uma audiência global, com absoluta fidelidade à sua proposta essencial de conduzir o ser humano para além da ilusão egocêntrica.

No cenário digital de hoje, a disseminação de informações é mais rápida e abrangente do que nunca, e as redes sociais, para o bem e para o mal, desempenham um papel crucial nesse processo, conectando pessoas de todo o mundo.

Em relação ao trabalho da Escola, esse esforço contribui para criar uma comunidade virtual que compartilha conhecimento e apoio na busca da iluminação espiritual. No último ano, esse processo se dinamizou pelas iniciativas ligadas ao Projeto Século

XXI, ou P21. Por meio desse projeto, todas as barreiras existentes entre o público buscador e a Escola, nas redes sociais, caíram por terra; muitos novos alunos já foram acolhidos e um grupo grande de obreiros têm se dedicado a esse acolhimento em todo o Brasil.

Mas o P21 é apenas o início de um projeto mais amplo: a Academia da Nova Consciência. Reconhecendo a importância de compartilhar o conhecimento espiritual com um público mais amplo, a Academia buscará levar os princípios da autoiniciação e do crescimento espiritual para um número crescente de pessoas em todo o mundo, com uma linguagem aberta e universal.

Essa iniciativa parte da compreensão de que o caminho da autoiniciação não deve ser apresentado exclusivamente para aqueles que já demonstram maturidade espiritual, mas deve acolher também aqueles que estão apenas começando a florescer espiritualmente. Por isso, o Primeiro Aspecto, ampliando-se para Academia da Nova Consciência, deve atuar também como estrutura de amadurecimento da consciência.

A jornada espiritual é única para cada indivíduo: cada um tem suas próprias experiências, desafios e potencialidades, e a Rosacruz Áurea entende que essa diversidade só enriquece a comunidade espiritual. Por isso a preparação espiritual não pode seguir um modelo único e restritivo, mas deve ser adaptada às necessidades e ao ritmo de cada indivíduo. Reconhecendo isso e valorizando a singularidade de cada pessoa, a Rosacruz Áurea se prepara cada vez mais para oferecer orientação e apoio personalizados no caminho da autoiniciação.

Um aspecto do ensinamento da Rosacruz Áurea é a visão do ser humano em toda a sua complexidade, como seres compostos de espírito, mente e corpo. A autoiniciação espiritual não se

limita apenas à mente e ao espírito, mas abrange a integração das três partes essenciais de nossa natureza. Essa abordagem holística visa promover o equilíbrio e o crescimento saudáveis em todas as dimensões da existência humana.

O autoconhecimento proporcionado pelo caminho espiritual já nos permite enxergar o desequilíbrio nos centros de nossa consciência e a via para o equilíbrio interno entre pensamento, sentimento e ação.

A própria noção de inteligência passou por muitas mudanças nas últimas décadas e hoje já se reconhecem diferentes tipos de inteligência, como a cognitiva, a emocional, a musical, a cinestésica e outras.

Além disso, a vida individual abrange fatores diversos, como trabalho, família, relacionamentos, comunicação, ética, cidadania e outros. A pessoa pode se sobressair em uma área e ser muito deficiente em outra – o que, em si, não é um problema, apenas a coloca diante da possibilidade de desenvolver ainda mais os pontos fortes e compensar os pontos fracos, o que exige autoconhecimento.

Por que isso é importante para o aluno de uma escola iniciática? Porque, mesmo que ele se desenvolva segundo uma linha de crescente inteligência espiritual, pode ser que o desenvolvimento deficiente em outra linha o impeça de progredir no caminho interior. Por exemplo, o cuidado com a saúde física e emocional é elemento fundamental da vida e do próprio caminho espiritual. Como diz Pitágoras,

> Não negligencies, de modo algum, a saúde de teu corpo. Mas dá-lhe, na devida medida, o alimento, a bebida e o movimento de que necessita.[7]

7. Fabre-D'olivet, Antoine. *Os versos dourados de Pitágoras*. Edipro, 2017.

A Academia da Nova Consciência se propõe a tratar de forma abrangente as questões da vida humana. Para isso, ela pretende manter uma rede de relacionamentos com outros grupos e especialistas nos mais diversos campos do saber para possibilitar que seus alunos, membros e interessados tenham a melhor orientação em cada área para seu desenvolvimento interior. Por exemplo, antes do ingresso no segundo aspecto, os alunos da Escola são colocados diante da necessidade da alimentação vegetariana; no entanto, o processo de abandono da alimentação carnívora deve ser feito com conhecimento de causa para que seja saudável. Por isso, dentro do contexto da Academia da Nova Consciência, a Escola pretende ir em busca de profissionais da área de nutrição que possam oferecer cursos e aconselhamentos sobre uma dieta vegetariana saudável.

O mesmo apoio deve ser dado nas mais diversas áreas da vida, como profissão, relacionamento, ética, cidadania etc. Em todas essas áreas, a Academia da Nova Consciência pode ser o elemento aglutinador, um espaço livre de encontro, que enriqueça o diálogo e a troca de informações entre interessados e especialistas.

A Escola sabe que nem todos os tipos humanos se identificam com a proposta particular da Rosacruz Áurea; e que nem todos estão maduros para o processo iniciático. E a Escola reconhece que tem papel a desempenhar em um campo ainda mais amplo, a exemplo das fraternidades do passado. Por meio do Instituto Civitas Solis, a Escola busca ir a esse campo que, na falta de outra palavra, pode ser chamado de cultural no sentido amplo – não apenas o da cultura erudita ou acadêmica – incluindo todo o conjunto de hábitos, crenças e conhecimentos de um povo. O elemento acadêmico tem sua importância, porque esta-

belece relações entre o Instituto e formadores de opinião, com capacidade de inspirar muitas pessoas. Mas essa esfera não deve restringir a atuação do Instituto, porque o objetivo é estabelecer um círculo maior ao redor da Escola, destinado a influenciar o despertar coletivo de toda a humanidade.

É nesse campo mais amplo que ocorre o contato da Escola com outras instituições, movimentos e indivíduos que trabalham em sintonia com nossos objetivos. Para isso, o Civitas Solis sonda a linguagem dos povos, particularmente do povo brasileiro, e procura traduzir os conceitos universais das mais diversas formas.

Um tipo humano talvez compreenda melhor a linguagem acadêmica, outro a linguagem popular. Alguns compreendem melhor a ciência, outros a filosofia, outros a arte, outros as mais diferentes tradições espirituais. Cada um é tocado por uma ou outra forma de expressão cultural. O conhecimento espiritual interior é tema que transcende fronteiras, sejam nacionais, institucionais ou culturais. Ele é encontrado em forma de verso ou prosa, pintura, música, cinema ou jogos, contos e mitos, e move milhões de pessoas ao redor do mundo.

Reconhecendo essa riqueza de abordagens, o Instituto tenta revelar a unidade espiritual por trás da aparente multiplicidade da forma, tornando todo esse material disponível aos interessados, independentemente de sua origem.

A abordagem universalista, tanto da Academia da Nova Consciência quanto do Instituto Civitas Solis, permite que se acesse tudo o que as diferentes áreas de conhecimento e as mais diversas culturas têm a oferecer para o desenvolvimento humano.

Conhecemos o elemento que conecta a tudo e a todos no mais profundo do ser; poder agir a partir desse elemento unificador

é o diferencial do trabalho das várias instituições da Rosacruz Áurea. Não por acaso, o símbolo do Civitas Solis é constituído de sete losangos que se encontram num centro único.

Assim como os maniqueus traduziam a linguagem única do Espírito para a linguagem múltipla das diferentes tradições espirituais, mostrando a unidade na multiplicidade, o Instituto também pretende falar a linguagem mais universal possível. Da mesma forma como fizeram as antigas fraternidades dos maniqueus e dos cátaros, o Civitas Solis reconhece a importância de utilizar a música, a literatura, a pintura e outras formas de expressão cultural para nos aproximarmos das pessoas em processo de desenvolvimento da autoconsciência, conduzindo-as ao toque e ao despertar.

A visão dos fundadores da Escola é a bússola que orienta todo esse trabalho. Sua liderança espiritual deixou a responsabilidade de permanecermos fiéis à sua essência e objetivo único, fatores fundamentais para o cumprimento da missão da Rosacruz Áurea para com o mundo e a humanidade, em prol da transformação da consciência universal, como expresso na *Declaração de Princípios da Escola,* o Lectorium Rosicrucianum:

> O objetivo do Lectorium Rosicrucianum é a restauração e a revivificação do templo tríplice de Deus.
> (...) Esse templo tríplice trouxe à humanidade a religião real e sacerdotal original, a ciência original e a arte de construção original.
> Ao longo da História, muitos têm tentado construir, vivificar e manter essa ligação tríplice entre a natureza da morte e a natureza divina original. A última vez foi há cerca de 700 anos. No entanto, repetidas vezes essas atividades foram frustradas e muitas vezes banhadas em sangue por diversos adversários da restauração definitiva da humanidade.

> No entanto, no final de um dia de manifestação, sempre se desenvolve uma mudança nítida e evidente nessa luta permanente entre a luz e as trevas, mediante o estabelecimento definitivo e a restauração inabalável do templo universal, que se manifestará com força e provará ser invencível. O Lectorium Rosicrucianum é o começo dessa festa da vitória.[8]

Que assim seja! E assim já é.

8. Rijckenborgh, J. van.; Petri C. *Chamados pelo coração do mundo.* 2016, pp. 218-220.

7. O MÉTODO ROSACRUZ E SUA APLICAÇÃO

Este e os dois próximos capítulos apresentam uma visão do que é a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea nos dias de hoje. Ela está sendo construída no século XXI, porque foram colhidas as experiências do passado, mas não ficou presa a ele. Com nosso esforço, tomamos parte nessa construção espiritual, mas sabemos que os verdadeiros arquitetos da Casa *Sancti Spiritus* são outros: é a própria Fraternidade da Vida que traçou e continua traçando as linhas mestras do encontro entre a eternidade e o tempo.

A nós, como alunos, cabe a humilde tarefa de buscar entender, com a maior clareza possível, o que essas linhas mestras querem nos dizer e, em seguida, com grande energia e esforço genuíno, assentar cada tijolo que nos cabe nessa construção. Essa é nossa missão coletiva: cada aluno, membro, simpatizante e interessado traz e aporta sua pedra de construção. Tomamos parte nesse esforço, que desde sempre acompanha a humanidade que se isolou em seu egocentrismo; sabemos de nosso papel, mas sabemos, antes de tudo, que esse trabalho obedece a um plano.

Esse plano nos é transmitido por aqueles que os antigos rosacruzes denominavam de os irmãos maiores. Seguimos o plano mesmo não tendo a visão completa dele. Prosseguimos e convidamos todos os que queiram seguir conosco, pois temos a certeza de que esse plano nos conduz seguramente para o encontro com o espírito.

Esse plano é estruturado em três pilares: o método rosacruz e sua aplicação; a estrutura de trabalho da Escola, que segue o desenho clássico utilizado por muitas fraternidades no passado; e a expressão viva desse trabalho.

Por que nos denominamos Escola Espiritual? Escola, porque temos alunos, material de ensino e um método. Espiritual, porque o objeto do seu ensino é o Espírito, que é universal, é para todos e está em todos.

E qual é o método seguido nesta Escola? Ele foi criado por seus fundadores a partir de uma visão pessoal, como um dos vários projetos que nascem e se desenvolvem no mundo? Quando investigamos como as escolas espirituais do passado trabalhavam, somos tentados a responder que "sim", pois, externamente, a abordagem do Budismo é diferente da do Cristianismo, que é diferente da do Hermetismo, e assim por diante.

Mas, vista de outro ângulo, essa resposta não procede, pois uma escola espiritual fidedigna não cria um método, registrando-o como posse sua. Isso não aconteceu com as escolas do passado e não se aplica à Escola Espiritual da Rosacruz Áurea.

Como escola, seguimos um plano, um método que nos é oferecido pela Inteligência Espiritual Universal, a que chamamos de Fraternidade da Vida. Note bem que não falamos que o método "foi" oferecido. Ele é.

A voz dessa Inteligência se adapta às circunstâncias do momento, às características do grupo humano ao qual ela se dirige. A esse processo dinâmico de manifestação damos o nome de filosofia perene, ou conhecimento universal.

Esse conhecimento toma diversas formas para se manifestar, da mesma maneira que a inteligência planetária toma forma no bebê, na criança, no adolescente e no adulto.

De maneira muito sintética, essa inteligência visa levar de volta à eternidade o ser eterno preso no ser do tempo e do espaço, que somos nós. Esse caminho de ascensão é longo, e podemos desenhá-lo sob a forma de uma escada com sete

degraus. O primeiro degrau está assentado na realidade espaço-temporal: é por isso que podemos tomar contato com uma escola espiritual. O sétimo, ou último degrau, está assentado na eternidade: é por isso que não o percebemos, pois ele está além da nossa consciência. Entre o primeiro e o sétimo degraus está o método de trabalho de toda escola iniciática.

Como essa escada está estruturada em nossa Escola? No primeiro degrau, tomamos consciência da eternidade em nós. Falamos de autoconhecimento, ou do voltar-se à centelha espiritual, ou ao nosso coração espiritual, ou ao ponto da singularidade e assim por diante. Tudo isso quer dizer exatamente a mesma coisa: já desde o primeiro momento a Escola nos instiga a discernir a voz da eternidade em nós.

No segundo degrau somos orientados a usar essa conexão consciente para começar a alterar os fundamentos de nossa própria consciência, com base na verdade que nos toca com sua vibração purificadora e transformadora.

No terceiro degrau, a Escola nos mostra com mais profundidade como os processos de consciência – que ocorrem dentro de nós, mas que não percebemos claramente – podem ser trazidos à luz.

No quarto degrau, a Escola ensina como trabalhar no campo mental, que se apoia sobre os processos de consciência, de forma que ele possa ser purificado e se aproximar da fronteira mais imediata entre o tempo e a eternidade, a que damos o nome de mental abstrato.

Simbolicamente, essa é a primeira metade do caminho, pois nesse ponto nosso campo mental deveria estar se abrindo às influências das forças da eternidade, a que damos o nome de Sete Raios do Espírito.

Essa abertura só é possível se, de fato, e não em teoria, houver acontecido a transformação do campo mental, ou seja, sua abertura a um segundo campo mental, o abstrato.

Ainda no quarto degrau, é oferecida a possibilidade de conectar o campo mental abstrato, que está se abrindo na fronteira de um novo campo astral. Esse novo campo astral não pertence ao campo planetário, mas já faz parte do campo astral da eternidade.

No quinto degrau, para a consciência que se elevou até esse ponto, é aberta a possibilidade de uma conexão consciente com esse novo campo astral.

No sexto degrau, os candidatos são estimulados a se abrir para uma nova força vital, um novo campo de éteres que dão forma à vida na eternidade.

Essa nova força vital possibilitará que, no sétimo degrau, os candidatos possam ganhar a consciência na eternidade.

Aquele que chegou a esse ponto pode dizer, com propriedade: "E vi um novo céu e uma nova terra". Ele nasceu para uma nova vida, não mais no espaço e no tempo, mas na eternidade.

Em pouquíssimas palavras, esse é o método de ensino que a Escola Espiritual traz aos que dela fazem parte, com o objetivo de religar o ser humano com o espírito em seu microcosmo, no qual está oculto o mistério da vida.

Há outros tipos de escolas com propostas de trabalho que, sem dúvida, fazem parte da preparação para se colocar os pés no primeiro degrau dessa escada sétupla. A estas chamamos de escolas da alma, ou escolas anímicas, para diferenciá-las das escolas espirituais. Temos o maior respeito e admiração por todos os incansáveis trabalhadores da Fraternidade da Vida que se encarregaram e ainda se encarregam do trabalho destinado a

acolher as consciências que estão se preparando para um salto mais decisivo em direção ao Espírito.

Há diferença entre seguir um método que aponta diretamente para a eternidade, ou seguir uma proposta de trabalho em que se acumulam conceitos mentais, sem propostas concretas de como utilizá-los para subir a escada. Ou ainda outros métodos que propõem o aprimoramento da alma e melhoria da vida humana – o que, sem dúvida, é necessário e tem seu valor – como oportunidade de aprendizado preliminar na escola da vida.

Respeitamos todas as iniciativas que buscam elevar o estado da alma humana, mas, nesta Escola, busca-se ir além: transformar a alma e não apenas melhorá-la. Por isso, nesta Escola, fala-se de transfiguração, ou seja, ir além da figura, ir além da manifestação atual da alma.

Em resumo, a Rosacruz Áurea é uma escola espiritual e não uma escola anímica; seu foco é a efetiva transformação espiritual do ser humano, para que ele possa subir – cada qual em seu próprio ritmo – a escada que leva à eternidade.

Ouvir o chamado interior e usar o anseio da busca como ponto de apoio da alavanca, para mover a consciência degrau acima da escada iniciática, não é um trabalho trivial. Exige buscar a autonomia da consciência e libertar-se de modelos do passado, seja de modo individual, seja coletivamente como escola, pois os modelos que foram úteis no passado podem não ser mais no presente e no futuro.

Esse é segredo do método alquímico Rosacruz moderno para o século XXI: ser um compêndio contemporâneo para a libertação do ser humano atual, isto é, manter integralmente a

essência do trabalho e adaptar a aplicação da essência conforme o momento.

Nossa Escola é, por isso, sempre moderna. Nosso modelo atual e flexível em pleno século XXI se assemelha à clássica imagem da casa sobre rodas dos Rosacruzes Clássicos do século XVII, a Casa *Sancti Spiritus*.

A Escola nos oferece, em seus sete degraus, não só a explicação, mas a aplicação prática e renovada dessa alquimia que separa o terreno do divino.

E pela ação do fogo do espírito, o que é terreno em nós poderá ser dissolvido e purificado pela consciência que se eleva para, finalmente, experimentarmos as essências neo-humanas que transformam o que é humano em divino.

Como alunos, podemos todos ser a encarnação desse novo tipo humano, não em um futuro distante, mas hoje, desde que nos dediquemos à compreensão e à aplicação na vida da matéria de ensino que nos é dada na Escola. Continuaremos a viver como seres humanos comuns, que lidam com tudo o que pertence à vida, mas que, dentro de si, vivem um desenvolvimento singular: o desabrochar da consciência na eternidade.

Que aproveitemos, então, cada dia que nos é dado, como se fosse o primeiro da descoberta da Luz em nós!

8. A ESTRUTURA DE TRABALHO DA ESCOLA

A história da humanidade tem sido relatada como uma sequência de eventos focados em disputas, guerras e conflitos.

Isso fica evidente quando atentamos ao conteúdo dos hinos nacionais dos diferentes países. De uma maneira geral, eles exaltam as conquistas – às vezes sangrentas – vistas como atos de bravura dos povos.

Essa forma de tratar a história tem sido revisitada nos últimos anos. Novas descobertas e pesquisas têm ampliado a complexidade histórica mostrada nos bancos escolares. Novos pesquisadores não apresentam a história da humanidade como uma sequência de acontecimentos lineares, mas como um complexo emaranhado de idas e vindas, nos quais nem sempre as supostas vitórias conquistadas representam ganhos para o desenvolvimento da humanidade.

Um desses exemplos é a Cruzada Cátara, que foi uma das mais violentas já realizadas, apesar de seu objetivo ser "apenas" atacar a "heresia cátara", considerada uma ameaça à ortodoxia religiosa da época.

O termo "heresia" refere-se à rejeição consciente e persistente de doutrinas fundamentais de uma religião, especialmente em relação a crenças consideradas ortodoxas. O que se sabe é que a cruzada contra os cátaros, também conhecida como Cruzada Albigense, foi uma campanha militar empreendida no início do século XIII, na região de Languedoc, no sul da França.

Essa cruzada é notória por seu caráter intenso, com a destruição de grande parte da herança material dos cátaros. Mas apesar de toda a violência imposta, novas descobertas permitiram

revelar algo muito profundo sobre a verdadeira herança cátara: seu legado imaterial permaneceu indestrutível.

A impossibilidade de destruição da herança cátara é um axioma revelado por Catharose de Petri de forma muito bela:

> Podemos certamente comprovar que o Tesouro imaterial dos Cátaros é o mesmo que o de todas as Fraternidades Gnósticas. Ele é composto, por conseguinte, das riquezas imensuráveis que pertencem a todos aqueles que participam do Campo Espiritual universal. Isto não é nenhuma linguagem mística figurada, porém estas palavras contêm uma realidade vivente![9]

"Deus é Amor!" era uma de expressões preferidas dos cátaros. E a partir dela eles construíram o ideal do reino de amor que deveria ser levado a todas as partes. "A profunda paz, irmão", "Deus é amor", "Os belos consolos de Belém" eram como que contínuas bênçãos em seus lábios a todos com quem tivessem contato.

Um rápido salto para os dias atuais, com um olhar mesmo que superficial sobre os rumos dos acontecimentos no mundo, nos dá a certeza de que a mensagem cátara continua atual e extremamente necessária.

O grande legado cátaro não está em suas ruínas no Vale do Ariège ou mesmo nas grutas e lugares sagrados, mas no seu exemplo. E esse exemplo se alastrou com tamanha força que possibilitou seu renascimento 700 anos depois.

O encontro do patriarca dos cátaros, Antonin Gadal, com os fundadores da Escola, Catharose de Petri e Jan Van Rijckenborgh, na década de 50 do século XX, representou uma conexão indelével, que pode ser conhecida por meio dos diversos relatos em livros e textos que tratam desse encontro.

9. Petri, C. *A tríplice aliança da luz*. Ed. Rosacruz, 2014, p. 20.

Por outro lado, é preciso destacar a ocasião em que nos encontramos, especialmente porque atravessamos os 100 anos da Escola. Esses 100 anos não devem ser vistos como uma mera celebração ou um evento comemorativo, mas sim como um novo impulso, a partir da herança recebida. Para que possamos ser bem-sucedidos neste intento, é preciso reconhecer o passado, mas com um olhar lúcido sobre o futuro.

E esse olhar lúcido requer de nós algumas atitudes que trazem em si grande maturidade espiritual: é preciso evitar o apego ao passado, que se revela por uma certa adoração aos locais utilizados pela fraternidade precedente; é preciso evitar o culto à personalidade, que se manifesta como uma admiração desproporcional a determinadas pessoas do presente e do passado.

Não há como negar os relatos de alunos que estiveram em locais utilizados pela fraternidades precedentes e sentiram a presença de uma força que os mobilizou.

Porém, é preciso reconhecer que esse tipo de encontro, que em muitos casos causa certa comoção, não tem capacidade de gerar na consciência humana a transformação que precisa ser observada e reconhecida como uma mudança concreta na vida diária, e que possui duas dimensões.

A primeira, a dimensão individual. Se partir de nós um desejo real de transformação, e esse desejo for seguido por uma busca honesta, a primeira conclusão a que chegamos é que o trabalho da Fraternidade da Vida não está distante de nós. Percebemos em nosso dia a dia que somos tocados e apoiados de uma forma evidente, e então notamos, mesmo que de forma embrionária, algo novo, como um sentimento amplo e difícil de explicar, como um primeiro passo de um amor absoluto por tudo e todos em nossas relações diárias.

Mas essa percepção individual do trabalho deve avançar, pois a partir do toque individual e perceptível, desdobra-se uma tarefa, uma jornada individual.

O nosso contato com a Fraternidade se expressa a partir do amor-luz, um amor livre de parcialidade. Como a Fraternidade é luz, ela busca encontrar a luz em cada coração humano, por menor que seja.

Mas a sustentação dessa luz requer uma segunda dimensão do trabalho, que emerge a partir do encontro com uma escola de mistérios: aí se revela uma nova força coletiva.

Atualmente a Escola Espiritual transformou-se em uma poderosa usina de força, possuidora de um campo capaz de inspirar, impulsionar e dinamizar a jornada individual de incontáveis seres humanos.

Na medida em que ela foi aceita na corrente de fraternidades, isso produziu em seu trabalho um impacto significativo, transformando nossos centros de conferências em verdadeiras cidadelas iniciáticas modernas, que atuam, no aqui e no agora!

Mas, mesmo todo esse trabalho é ainda o resultado das duas dimensões apresentadas. E a longevidade e a qualidade desse campo dependem dos membros que dele participam. Além disso, das duas dimensões – o trabalho individual e o trabalho coletivo – pode surgir uma terceira: o trabalho de expansão para o mundo e para a humanidade.

É possível imaginar que o trabalho voltado para o mundo e para a humanidade esteja comprometido pelas diversas crises observadas no mundo. Mas esse sentimento não está ancorado na realidade do trabalho da Fraternidade da Vida, que nunca esperou encontrar condições adequadas para iniciá-lo. A própria

Escola da Rosacruz Áurea começou seu trabalho no período entre as grandes guerras do século XX.

A Escola começou seu trabalho em agosto de 1924. Poucos anos depois foi deflagrada a Segunda Guerra Mundial, que se alongou até 1945, com impactos devastadores na Holanda, país onde a escola começou.

As grandes guerras foram as maiores calamidades vividas pela humanidade; porém, não foram capazes de impedir o trabalho da Escola, pois nada pode impedi-lo, a não ser nós mesmos.

Nós somos os responsáveis pela continuidade ou não desse trabalho. Cada um de nós é uma célula do corpo vivo da Fraternidade Universal e, como tal, não devemos permitir que a chama em nosso coração se apague, mesmo na noite mais escura.

O portador da tocha é uma imagem muito simbólica, utilizada em diversas situações esportivas ou mesmo nas produções cinematográficas. A chama da tocha é frequentemente associada à luz, simbolizando a iluminação e o conhecimento. Ela é usada para representar a busca pela verdade e a luta pela liberdade individual ou coletiva.

Hoje, mais do que nunca, essa tocha deve ser a representação do amor universal, como magistralmente expresso na carta de Paulo aos Coríntios. Esse amor que não se vangloria, não se orgulha, não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor que não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade.

Como cátaros modernos, precisamos ter a sabedoria e a coragem de empunhar essa tocha do amor universal, onde quer que estejamos.

A humanidade vive uma profunda desilusão, como a falta do amor que se expressa no fim das utopias. Há grande carência de

amor, de um amor legítimo e verdadeiro, como aquele divulgado pelos cátaros e que pode ser divulgado por cada um de nós nos dias atuais.

E só podemos divulgar esse amor se nós formos o Amor.

Para isso, por um ato de amor, precisamos nos livrar das tensões astrais que nos circundam, precisamos estar despertos e não sermos tomados pelas surpresas do nosso subconsciente.

A prática do autoconhecimento, tão explicada na Escola, deve ser realizada com muita atenção: se bem praticada, vemos brotar em nós a compreensão mútua que nos permite trabalhar juntos, sem tensão.

A Escola sempre será uma fonte de auxílio à transformação da consciência, e os elementos para isso estão presentes, como uma grande árvore da vida, aqui e agora.

Há a raiz, uma ligação forte e bem estabelecida com a Fraternidade da Vida e com a corrente de fraternidades, que é vivificada nos graus interiores da Escola. E há o Corpo Vivo – nele existem elementos que requerem a atuação da Escola Interna, mas isso é também responsabilidade de todos.

Esses componentes em conjunto geram uma nova energia vital, permitindo-nos produzir novas folhas e frutos. E assim há um novo ciclo vital que pode se manifestar com toda a intensidade. A partir das cidades iniciáticas, que são nossos centros de conferências, percebemos que Ussat é aqui e agora!

Que possamos reconhecer a importância deste momento. Que sustentemos a força recebida para nos mantermos constantemente conectados com a raiz e o corpo deste trabalho, e assim possamos transmutar para toda humanidade o único fruto necessário: o verdadeiro amor universal.

9. A EXPRESSÃO DO TRABALHO DA ESCOLA

Diante da guerra, do conflito, da violência e da fome, diante da constante luta pelo poder, da incessante busca pela fama a qualquer preço, e do apego à riqueza, ao dinheiro e aos bens materiais, muitos alunos e alunas se perguntam: até quando a Fraternidade da Vida permitirá esse estado de coisas? Até quando ela assistirá esse triste espetáculo sem intervir? Até quando precisaremos esperar por uma intervenção direta no curso dos acontecimentos mundiais?

A esse clamor sincero, que brota do âmago de nossa alma, precisamos responder da maneira mais direta e clara possível: já vivemos sob a intervenção da Fraternidade da Vida! Já nos encontramos, há um bom tempo, sob sua intervenção direta no curso dos acontecimentos mundiais. E podemos afirmar, com serenidade e confiança, que somente nos encontramos aqui e agora, pelo resultado direto dessa intervenção.

Sem a adição constante de uma poderosa força que se encontra além dos domínios da humanidade subjugada pela consciência egocêntrica, a "equação simplesmente não fecha". Sim, a equação entre o somatório das ações dos seres humanos e de suas consequências diretas, sejam sobre o meio ambiente, a vida em sociedade, o sistema econômico, sobre seus semelhantes e sobre si mesmos, sim, essa grande equação cósmica não fecha sozinha. Caso tivéssemos sido deixados à nossa própria sorte, como espécie, como humanidade egocêntrica, a única certeza que poderíamos ter é a de que já estaríamos aniquilados.

À luz do ensinamento universal, podemos afirmar que o final deste grande ciclo civilizatório ainda não ocorreu; não pelos méritos da diplomacia ou de todos os seres humanos genui-

namente altruístas, mas sim pela intervenção direta de uma inteligência superior, que emana do campo de vida daqueles que ultrapassaram os limites da consciência egocêntrica.

Isso é indicado de maneira velada na Bíblia:

> Depois disso vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos, para impedir que qualquer vento soprasse na terra, no mar ou em qualquer árvore.
> Então vi outro anjo subindo do Oriente, tendo o selo do Deus vivo. Ele bradou em alta voz aos quatro anjos a quem havia sido dado poder para danificar a terra e o mar: "Não danifiquem nem a terra, nem o mar, nem as árvores até que selemos as testas dos servos do nosso Deus".
> Então ouvi o número dos que foram selados: cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos de Israel.[10]

Os quatro anjos nos quatro cantos da terra não representam apenas um posicionamento fixo nos quatro pontos cardeais sobre um mapa. Eles indicam as quatro dimensões que se encontram ativas no campo de vida da humanidade, em seu atual estado de consciência.

Em outras palavras, eles indicam as quatro dimensões do continuum do espaço-tempo, percebidas pela consciência egocêntrica comum, por meio dos quatro veículos ativos de sua personalidade, a saber: comprimento, altura, profundidade e tempo.

Isso representa todo o nosso campo de manifestação, assim como o percebe nossa consciência, englobando todas as três dimensões do espaço e o tempo no qual ele se manifesta.

A linguagem simbólica do Apocalipse indica a presença de um quinto anjo, ainda mais poderoso que os quatro anteriores, que se levanta do Oriente, a região do nascer do sol. Esse quinto anjo

10. Bíblia Sagrada. *Apocalipse.* Cap. 7.

indica um outro estado de consciência, superior e mais poderoso que os quatro anteriores, que atua a partir da quinta dimensão, habitada por todos aqueles que possuem o quinto corpo, o corpo-alma, formado pelo éter de fogo da mente superior.

É esse quinto poder, o poder da mente superior, que surge como nova consciência, como um novo sol que desponta no horizonte da vida manifestada, que ordena aos outros quatro que permaneçam em suas posições, sustentando o inteiro campo de vida que se manifesta no interior de suas quatro dimensões. Por isso ele ordena: "Não danifiquem nem a terra, nem o mar, nem as árvores até que selemos as testas dos servos do nosso Deus".

Isso significa que a inteligência coletiva de todos aqueles que ultrapassaram o véu da ilusão do tempo-espaço – a quem denominamos de Fraternidade da Vida – suspende indefinidamente o momento em que o resultado do carma acumulado se desencadeie como poderosa tempestade sobre toda a humanidade.

É como se todos os libertos da Fraternidade da Vida assumissem sobre os próprios ombros, em um amor infinito e em um autossacrifício incompreensível para nós, uma grande porção do carma da humanidade.

E eles fazem isso por meio de um fino equilíbrio que somente a consciência da onipresença é capaz de atingir.

De um lado, eles impedem que a autodestruição total seja colocada em marcha e, por outro, mantêm sobre os ombros da humanidade o carma que ela é capaz de assimilar, para que continue a aprender e a progredir, dentro do máximo que seu estado de consciência pode atingir.

Diz-se que a Fraternidade da Vida aguarda, com a respiração suspensa, até que a luta entre as forças que dominam a cons-

ciência humana seja vencida, e o último ser humano anelante possa ser libertado.

Por essa razão também se afirma, no final de *A voz do silêncio*, que ao atingir a iluminação perfeita, o discípulo que se transformou em Bodhisattva decide permanecer no limiar do Nirvana, aguardando até que o último peregrino atravesse o portal, postergando assim, indefinidamente, sua própria libertação, afirmando, em infinita compaixão: "Pode haver bem-aventurança quando deve sofrer tudo o que vive? Quererás salvar-te ouvindo todo o mundo chorar?".

Sim, vivemos sob o manto de luz que emana do coração de amor de toda a Fraternidade, de todo círculo dos Bodhisattvas que, em seu infinito amor, nos aguardam no limiar do espaço e do tempo. Na verdade, eles mesmos criam esse limiar, eles mesmos estendem o tempo, a fronteira do destino, além daquilo que o mero carma e o estado atual de consciência da humanidade o permitiriam, permanecendo na fronteira entre o campo da natureza comum e o campo de vida das almas imortais.

Eles são os Grandes do Espírito, que reduzindo o brilho e o esplendor de suas vestes imortais de luz, como que de mãos dadas fazem descer, sobre as esferas sutis da natureza, a abóbada celeste da metade pura e desconhecida do mundo, a verdadeira terra-céu que envolve nosso cosmo, acima do campo terrestre, em um campo que se formou em torno de nossa Terra fora do campo do éter refletor de nosso planeta.

Assim eles mantêm suspensos os ventos nos quatro cantos do mundo, mantém aberto nosso campo de manifestação quadridimensional até que todos aqueles que amadureceram e despertaram tenham condições de se libertar da prisão da consciência egocêntrica, ingressando na liberdade da nova consciência.

Esse é o significado do grande grupo dos 144.000 selados, ou seja, dos seres humanos que atingiram a perfeição, representada pelo número 9, a somatória de 144, que renovaram os 3 centros da alma, os 3 zeros, e assim trazem a luz da nova consciência em suas frontes.

Porém, mesmo em seu infinito amor, esplendor e poder, os grandes da Fraternidade necessitam de auxílio. Precisam de seres humanos que ainda vivam na matéria, e sejam capazes de construir o arco ascendente da transformação humana; que ele se eleve e se mantenha, pelo tempo que for necessário, em contato com o quinto éter, com a margem do novo campo de vida das almas imortais.

É para essa tarefa, e nenhuma outra, que se constroem as escolas espirituais, em todos os tempos, em todos os lugares, em todos os povos e em todos as culturas.

Sim, a tarefa das escolas espirituais não se limita a libertar alguns milhares de seres humanos de suas mazelas pessoais, visando lhes assegurar um salvo conduto para fora da roda da vida e da morte, para fora da roda de Samsara quando deixarem esta esfera material.

Tal objetivo seria pequeno demais, mesquinho demais, para que os grandes da Fraternidade sequer o considerassem! Não! Uma escola espiritual tem o objetivo de construir uma estrutura orgânica, viva e inteligente, capaz de atuar como a outra metade da ponte entre os dois campos de vida. Uma ponte vivente que se eleva do solo da vida material até a fronteira com o novo campo de vida, para que então a outra metade, formada pelos irmãos e irmãs libertos da Fraternidade da Vida, pelo círculo infinito dos Bodhisattvas que vibram na eternidade, possa derramar sua força, sua luz e seu amor sobre toda a humanidade.

Portanto, o objetivo de uma escola espiritual é construir, mediante a formação de seu corpo vivo, de seu próprio campo de força, luz e vida, a ponte vivente com o novo campo de vida, em prol da libertação do mundo e da humanidade.

É a união desses dois campos, desses dois grandes arcos da promessa, que se erguem no limiar, na fronteira entre a humanidade e a humanidade-alma, que surge o glorioso graal cósmico, a morada da sublime, gloriosa e poderosa Fraternidade do Graal.

Vocês conseguem perceber a grandeza, a realidade e a proximidade que tudo isso representa para todos nós? Conseguem perceber que o tesouro de toda a Fraternidade da Vida está sendo derramado agora, neste exato momento, sobre todo o corpo vivo da Escola Espiritual e que ele pode preencher totalmente a veste de luz da alma de cada uma de suas células, portanto, de cada um de nós?

A Tríplice Aliança da Luz não é a visão de uma glória do passado! A Tríplice Aliança da Luz não é um sonho projetado no futuro distante! A Tríplice Aliança da Luz está aqui! Ela é uma realidade, aqui e agora!

E nossa tarefa – como células do corpo vivo e como Escola Espiritual – é, em primeiro lugar, compreender a magnitude da obra a que estamos ligados, viver de acordo com essa tarefa tão elevada, dedicando a ela toda a nossa vida, com amor, compreensão e júbilo!

A cada instante, a cada batida de nosso coração, vivemos no limiar do tempo que é criado e recriado pelo sacrifício de amor de todos os libertos, pela oferenda do sangue do coração de toda a comunidade das almas imortais.

Na força desse momento, libertemo-nos das preocupações mesquinhas de nossa vida egocêntrica, abandonemos o girar

sem fim na esterilidade do deserto da vida do velho eu. Ao mesmo tempo, cumpramos com amor e dedicação tudo o que a vida nos pede; cuidemos com carinho e real prestabilidade de todos os que foram confiados aos nossos cuidados! Elevemo-nos, interiormente, ao mundo da alma, e tornemo-nos conscientes da tarefa que nos cabe como verdadeiras células do corpo vivo de uma Escola Espiritual, acolhidos como coparticipantes na grande obra mundial da Fraternidade da Vida

- aplicando, em nossa vida, a alquimia da nova vida, como verdadeiros Rosacruzes contemporâneos;
- vivendo, a cada instante, da realidade do campo de força, luz e vida da Escola Espiritual, como os cátaros dos dias atuais, e
- trabalhando, cheios de amor, compreensão e alegria, em prol da libertação da humanidade, como membros da Fraternidade do Graal sobre a Terra.

Esse é o coroamento da nossa vida, como seres humanos! Esse é o coroamento do trabalho de nossa Escola Espiritual. Esse é nosso trabalho, para o novo período que já raiou, nos gloriosos horizontes de Aquarius!

Sim, que assim seja!

E assim já É!

10. O CICLO DA VIDA

A mitologia nórdica sobre a criação do mundo diz que "primeiro havia o caos, que era o nada do mundo, e isso era tudo quanto nele havia. Nem céu, nem mar, nem terra: nada disso havia". Essa concepção é semelhante a outras narrativas ocidentais e orientais sobre o mesmo tema. Hermes Trismegisto afirma que "assim como em cima, é em baixo". Jan Van Rijckenborgh, no livro *Não há espaço vazio*, diz que na grande coerência macrocósmica, em que a Terra como um cosmo é membro da família solar, o homem é um microcosmo, um planeta em miniatura. Enfatiza que nosso campo microcósmico e tudo o que ele contém, inclusive a personalidade, está sintonizado com o campo terrestre cósmico e com o campo solar macrocósmico[11].

Embora busquemos fora de nós respostas para a nossa existência, muitas vezes encontramos apenas distâncias maiores e novas perguntas. Essa desconexão decorre da noção de um universo separado de nossa própria essência.

Para quem anseia pela verdade, a separação entre o ser humano e o universo é considerada irrelevante, pois a vida, com suas vicissitudes, o leva a buscar dentro de si mesmo as respostas que procura.

À medida que nos confrontamos com nossa própria essência, percebemos que cada ser humano é um universo em si mesmo, uma casa, um planeta íntimo. A este intricado sistema interior chamamos de microcosmo. O microcosmo é um sistema de vida complexo, composto por diversas partes, incluindo temporariamente nossa alma mortal e sua respectiva personalidade.

11. Rijckenborgh, J. van. *Não há espaço vazio*, 2006.

Essa entidade em escala reduzida reflete o vasto cosmos. Considerando a relatividade dos conceitos de pequeno e grande, podemos equiparar, por analogia, o microcosmo ao átomo. Assim como um átomo, o microcosmo possui uma estrutura complexa. No âmago do microcosmo reside um espaço singular, um espaço que na Escola Espiritual é denominado de campo de manifestação ou campo de respiração. No centro desse campo de respiração repousa um segundo micromundo atômico, conhecido como rosa-do-coração ou centelha do espírito.

Embora linhas de forças magnéticas partam diretamente para o interior do microcosmo, e o campo de respiração esteja preenchido de vibrações poderosas e contínuas oriundas dos registros cármicos, a centelha do espírito não reage a essas vibrações.

Assim é porque, embora a rosa do coração seja como o sol central do microcosmo, sua influência como campo de força e luz só se dá em plenitude quando o campo de respiração está transformado.

"Primeiro havia o caos, que era o nada do mundo, e isso era tudo quanto nele havia. Nem céu, nem mar, nem terra: nada disso havia". Relatos sobre a origem do mundo são muitas vezes considerados meras histórias a preencher as lacunas de nossa consciência. No entanto, ao contemplar esses relatos sob uma nova luz, percebemos quão próximos esses mitos estão de nós.

Jan Van Rijckenborgh relembra que "no homem é um mundo em miniatura". O microcosmo é portador de duas heranças distintas. A primeira é a carga dos registros cármicos de todas as personalidades que o habitaram, prontos para se fundirem a um novo ser. A segunda é a herança ancestral, mais antiga que o próprio tempo, a centelha divina contida em seu âmago, à espera de uma personalidade que desperte.

Ao nascer, cada ser humano recebe essa dupla herança e pode vir a ser aquele que as desperta no tempo. Ao nascer, o ser humano representa um ponto de conexão com o microcosmo, um núcleo-alma. Mas para isso, esse corpo precisa se ligar a um microcosmo esvaziado.

Esse processo, visto como uma alegoria, poderia ser descrito como um transplante, em que um órgão desta natureza é enxertado em um complexo de outra natureza. Isto é, um ser mortal deve habitar um campo magnético imortal, o microcosmo.

A parte mais tangível do ser humano é o corpo material ou corpo físico. Esse corpo físico não é somente uma construção biológica, mas também uma sofisticada matriz energética, um verdadeiro arquétipo feito de energia e de matéria.

Durante a gestação, no campo médico é comum chamar a relação entre mãe e o ser em gestação de binômio mãe-feto. Essa terminologia representa um sistema complexo de dependência para a sobrevivência e desenvolvimento. Nessa fase, o corpo físico recebe todo o material necessário para se tornar autônomo como ser biológico.

Conforme mencionado, o corpo físico não é apenas uma estrutura biológica, mas também uma matriz energética sofisticada, conhecida como duplo etérico, fundamental para a manutenção da estrutura e funcionamento do corpo físico. O ensinamento universal afirma que o corpo físico é acompanhado por um corpo energético que se assemelha a ele em sua estrutura, envolvendo-o e interpenetrando-o como uma imagem energética perfeita de cada órgão e estrutura.

Esses corpos físico e energético são herdados de nossos pais, transmitindo-nos não apenas sua herança genética, mas também suas experiências por meio da memória celular, conforme

evidenciado pela biologia moderna. Quando uma criança nasce, recebe dos pais os arquétipos de seu corpo físico e de seu duplo etérico.

Ao entrar na segunda infância, por volta dos sete anos, inicia-se um novo processo orgânico. Durante esse processo, os outros corpos energéticos, mais sutis, começam a se desenvolver e se manifestar, impulsionados pela memória acumulada no campo eletromagnético de seu microcosmo.

Assim, desde a segunda infância até a adolescência e a idade adulta, em ciclos aproximados de sete anos, surgem os três corpos energéticos mais sutis da consciência, moldados pelo carma registrado no microcosmo.

Esses três corpos – o etérico, o astral e o mental – se conectam cada vez mais à estrutura do corpo material e de seu duplo etérico, vitalizando-os de maneira única e individualizada.

A partir da segunda infância e principalmente na adolescência, o ser humano passa por inúmeras transformações que exercem influência marcante sobre o equilíbrio e a saúde de seu organismo.

Aqui se delineia o ser humano, a personalidade, o ser-alma, uma personalidade naturalmente egocêntrica que opera suas ações e reflexões a partir da interação dos corpos formados, dinamizando-se em si mesma e para si mesma.

Essa personalidade age com reflexos inconscientes dos fluxos astrais presentes em seu campo de respiração, construindo uma identidade com base na percepção dos sentidos.

No início deste capítulo mencionou-se a estrutura atômica que não comunicava ou interagia com o complexo de forças no interior de um microcosmo esvaziado de manifestação de

uma personalidade. Uma partícula que permanecia como que adormecida: a centelha do espírito.

Essa centelha, essa singularidade, começa a pulsar no interior do ser personalidade, e o inquieta.

As escolas de mistérios têm aqui um papel crítico: elas auxiliam o ser humano a compreender a origem dessa inquietação, criando a possibilidade de tornar mais claro o objetivo desse processo, que culminará na manifestação do ser humano completo.

Isso ocorre quando o ser alma desperto segue interiormente em um caminho de transformação, tendo a centelha do espírito como guia. Mas esse caminhar precisa ser aprendido, como uma nova educação da alma para alma.

E a escola, como grande auxílio neste caminhar, precisa alertar para os empecilhos que precisam ser vencidos nessa jornada para a liberdade.

11. A EDUCAÇÃO LIBERTADORA

No capítulo anterior, foi salientado que o ciclo da vida não garante a conquista da autonomia de forma espontânea: para tanto é preciso uma nova educação dos pensamentos, que têm grande poder sobre nossa vida.

Quantas vezes nos pegamos em diálogos mentais com outras pessoas, chegando mesmo a conclusões, sem que elas estejam presentes? É como se nos relacionássemos com formas pensamentos que nós mesmos criamos.

O relacionamento entre nós e nossos pensamentos forma um emaranhado que à primeira vista parece muito sutil, mas é um dos fatores que impede que avancemos no caminho de transformação interior. Organicamente não há como evitar que se estabeleça uma ligação entre o pensar e o sentir, o que faz nascer a necessidade de ação baseada muitas vezes em situações imaginárias, razão de muitas dificuldades que criamos para nós e nossos semelhantes.

Como essa dinâmica paralisa o discipulado, e a própria vida, é preciso ir à raiz dessas questões: nisso, a reflexão sobre a formação humana e seus ciclos é um grande auxílio.

Comecemos com uma breve descrição da formação de nossa personalidade, constituída pelo corpo físico, etérico, astral e mental, e a seguir sua dinâmica interna.

Como mencionado no capítulo anterior, na infância são formados o corpo físico e o etérico. Até que o corpo etérico se forme plenamente, a criança mantém uma conexão forte com os pais, ligação que é uma verdadeira dependência etérica, pois a criança vive dos éteres dos pais. Essa fase – que dura ao redor de sete anos – em geral se encerra quando a criança começa a fazer

perguntas sobre a morte. Quando o medo da morte se manifesta pela primeira vez, é um sinal tão forte quanto a primeira mexida do bebê na barriga da mãe.

A morte é, em resumo, a dissolução dos corpos, e o corpo etérico é o que dá integridade à personalidade, representando o primeiro passo da individualização. Logo, é natural que a posse do corpo etérico seja acompanhada do receio de sua dissolução, da morte.

À medida que o tempo passa, os corpos físico e etérico vão se desenvolvendo, até que um furacão de sentimentos começa a tomar conta do ser humano. A confusão de sentimentos é a melhor indicação de que o corpo astral, ou corpo de desejos, passou a ser um protagonista na vida. Chamamos esse período de adolescência, que os americanos demarcam pelo sufixo *teen*, contando dos 13 anos aos 19 anos.

Esse momento da vida possui muitas nuances, algumas das quais serão aqui tratadas sob o ponto de vista dos corpos energéticos.

A adolescência é o momento da vida em que o ser humano recebe sua herança cármica. Isso significa a fusão do ser humano com o enorme volume de informações que acompanha a grande carga enérgica de todo um passado. Essa carga requer uma complexa "digestão", razão pela qual os jovens sentem muito mais dificuldade de concentração; uma grande necessidade de sono é natural nessa fase da vida.

Para os pais, esse momento também é muito complexo, pois são tomados por um grande estranhamento com o ser em formação, que muitas vezes não parece mais com aquela criança de outrora. A situação é tão complexa que se assemelha

ao momento das grandes navegações do século XV, na busca para um caminho até a Índia.

A passagem pelo Sul da África era o caminho mais curto. O trecho que hoje está entre a Cidade do Cabo e o porto Elizabeth na África do Sul, era chamado de "o cabo das tormentas", pois muitos navegantes afundaram em suas marés bravias. Após algumas tentativas, em 1488 Bartolomeu Dias conseguiu encontrar uma forma de atravessar esse perigoso trecho, que passou então a ser batizado de "cabo da boa esperança".

Essa é exatamente a situação que todo ser humano, junto com seus pais, precisa atravessar durante a adolescência. O jovem precisa saber que pode viver experiências, pois não há um caminho único para atravessar e se consolidar em outra fase da vida.

Isso também é válido para o trabalho da juventude, que precisa ser um campo aberto em que os jovens possam ter contato livre com Escola. Eles devem se sentir livres para ter contato pessoal com os serviços da Escola e seu campo de forças, sem um direcionamento claro ou muito definido. Pelo fato de a personalidade e o ego ainda estarem em formação, qualquer tentativa de endereçar uma mensagem específica aos jovens, buscando adocicar o caminho iniciático, será apenas uma mentira, ainda que honesta.

Para a maior parte dos seres humanos, essa fase se encerra ao redor dos vinte e poucos anos, e segue em direção à formação completa da individualidade, com o desenvolvimento do corpo mental.

O corpo mental deve ser responsável por coordenar as diversas tarefas orgânicas dos demais corpos energéticos.

Em tese, o corpo mental necessita ter um grau suficiente de autonomia em relação ao demais corpos, principalmente

em relação ao astral, o que não acontece no atual estágio de desenvolvimento humano. Somos ainda muito astrais, e a consequência é que, como eternos adolescentes, aceitamos passivamente viver sem o controle dos nossos pensamentos e dos nossos desejos, nos deixando levar por impulsos.

Essa falta de controle é organicamente compreensível, mas é uma das razões da estagnação no processo de autoiniciação.

Agora detalhemos um pouco mais, observando melhor a interrelação entre os corpos energéticos e a nossa consciência.

A explicação abaixo é um resumo do capítulo "A natureza do aprisionamento humano", do livro *O novo homem*:

> A faculdade mental do cérebro também é composta por uma combinação de energias mais sutis, referidas como éteres. Adicionalmente, há uma consciência que percorre o corpo, localizada no sistema cerebrospinal, especificamente na coluna do fogo serpentino.
>
> Essa consciência guarda uma íntima relação com o sangue e o fluido nervoso, sendo influenciada pelo nosso ser-desejo, o núcleo essencial de nossa existência. O ser-desejo, ou eu mais profundo, encontra sua residência no sistema fígado-baço. Estes órgãos, juntamente com rins, suprarrenais e o plexo solar, constituem o domínio do eu sanguíneo.
>
> O baço não se restringe apenas ao local onde o ser eu se manifesta, mas também serve como a principal porta de entrada para as forças etéricas no corpo.
>
> O ser-desejo, assumindo o papel de líder, se alimenta dessas forças e exerce sua influência sobre o organismo.
>
> As formas pensamento desempenham um papel considerável nesta dinâmica. O ser-desejo, instigando o cérebro a empregar sua capacidade criativa, utiliza a mente conforme as necessidades do eu sanguíneo. Isso resulta no preenchimento do campo etérico com pensamentos que se convertem em focos de forças etéricas.

> Estas forças permanecem no campo de manifestação, sendo assimiladas pelo ser-desejo através do baço.
> A circulação dessas energias segue um percurso definido: ingressam no corpo pelo baço e são direcionadas para fora pelo fígado.
> Essa interação compõe um ciclo constante, proporcionando suporte ao ser-desejo, ao eu sanguíneo.[12]

Este é o retrato de nossa realidade aprisionada. A base da nova educação do pensamento é o reconhecimento de que nossa realidade só permanecerá aprisionada se utilizarmos o automatismo como prática de vida.

O automatismo e a vida de hábitos sempre foram aceitos na sociedade, mas hoje não são mais. Hoje se fala de inovação e ruptura, e poucos aceitam passivamente uma vida com tranquilidade e repetição. O que os gnósticos chamam de alma do mundo está atuando com seu fogo transformador.

Nesse sentido, a Escola sempre esteve à frente de seu tempo, pois essa mudança – que hoje se tornou normal – sempre foi colocada como necessidade para nosso discipulado.

Contudo, sem um novo início, sem uma autoiniciação, as tentativas de mudança serão frustradas.

Para que essa frustração não ocorra, um dos aspectos fundamentais da educação da alma é a compreensão do papel do autoconhecimento, ao qual a Escola dá tanta atenção desde o primeiro aspecto.

Apesar disso, muitos alunos se lamentam por ainda terem ações impensadas e pensamentos repetitivos que os retêm no mesmo lugar. Mas o que lhes falta é a vontade para mudar. O barco da autoiniciação singra muito bem nos mares tranquilos e

12. Rijckenborgh, J. van. *O novo homem.* Parte I, cap.4.

prazerosos do autoconhecimento, mas encalha na autorrendição, que é onde a mudança ocorre.

A Escola ensina educação para a alma, mas só pode ir até onde o aluno deseja e permite. A Escola possui um campo indutor que inspira, acolhe e impulsiona, mas nunca pode ir além dos caminhos abertos pelo próprio aluno em si mesmo.

Isso vale tanto para os alunos jovens como para os mais antigos. O livre-arbítrio não pode ser quebrado por nenhuma escola espiritual. Não há possibilidade de coação pela Escola: é impossível que o campo de forças da Escola faça o trabalho de transformações que cabe ao próprio aluno.

À Escola cabe orientar, por isso é preciso ser dito que um dos hábitos comuns que funcionam como encalhe do processo iniciático é a falta de vontade, a preguiça.

É preciso vencer essa resistência e aceitar viver livremente com base em um coração puro, que sabe que o único caminho é tentar, errar e acertar. Aceitar aprender com o errar, fazer diferente, até... acertar, indo assim além dos próprios limites.

Por anos, a atitude de neutralidade foi compreendida como fuga dos conflitos. Sim, isso continua assim, mas apenas no início do processo proposto pela Escola.

Como seria possível observar um lago se ele está em constante movimento? É preciso aquietar-se.

Portanto, assim como um lago, o nosso mundo interior precisa de certa tranquilidade para ser observado na fase do autoconhecimento. É quando se descobre o quanto somos repetitivos. Quando se percebe que a vida funciona como em um filme, com vários *déjà-vu*, o autoconhecimento já não será suficiente para nosso avançar.

Nesse momento, a chave para avançar é a vontade.

A Escola não pode ir além de onde o aluno está disposto a ir. E esse ir exige esforço, esse ir significa ganhar os atributos de um novo corpo mental.

No ciclo de vida humano, no projeto humano, ainda é preciso algo para ser finalizado.

O corpo mental – o princípio mental – que possuímos não é capaz de garantir a liberdade dos hábitos condicionados. Para isso é preciso ir além.

Se formos capazes de assumir essa tarefa como um trabalho fundamental na vida, poderemos perceber o nascer de um corpo mental superior, que conectado à matriz da vida, a centelha do espírito, nos dará a graça de desvendar aquilo que precisa ser conhecido.

12. O TRABALHO DA JUVENTUDE

Como visto no último capítulo, um dos fatores que entorpece a capacidade de avançar no processo de autoiniciação é a vida de hábitos.

Vencer os automatismos é sempre um desafio, mesmo para as lideranças da Escola. Este capítulo conta a história de um trabalho que é realizado na Escola e que nos serve de exemplo de como é necessário amor e esforço para enfrentar algumas mudanças necessárias.

O processo iniciático proposto pela Escola Espiritual claramente se dirige a seres humanos que possuem seus quatro corpos no estágio mínimo de desenvolvimento, para que o processo possa prosseguir organicamente.

No entanto, dado que o ser humano, independentemente da idade, é um mundo em miniatura que possui um sol central, a centelha do espírito, já nos primórdios do trabalho da Rosacruz foi sentida a necessidade de também oferecer um trabalho para crianças e jovens que se aproximavam cada vez mais da Escola Espiritual: o Trabalho da Juventude (TJ).

Esse trabalho sempre teve como guia central o acolhimento de crianças e jovens no campo da Escola, mas a forma como isso se deu ao longo do tempo sempre precisou de ajustes.

Quando o TJ começou no Brasil, recebíamos histórias que vinham da Europa. Embora fossem escritas com todo o amor, usavam símbolos que nada diziam aos nossos jovens, como bonecos de neve, entre outros. Além disso, todo o trabalho era organizado por faixas etárias que se alinhavam mais ou menos com a formação dos corpos das crianças e jovens.

A primeira grande mudança que tivemos foi na década de 90 do século passado, quando passamos a produzir nossos próprios serviços para crianças e jovens. Com a utilização de símbolos mais adequados à realidade de um país tropical, como o Brasil, tornou-se possível uma conexão mais ideal dos jovens e das crianças com as histórias.

Além disso, em todo o mundo funcionava uma estrutura de trabalho totalmente separada, inclusive com uma direção espiritual internacional própria para o TJ.

Até certo momento essa estrutura funcionou bem. Mas com o passar do tempo, a desconexão do trabalho com a vida se mostrou evidente.

Foram muitas tentativas de mudança perante o desafio de cada vez menos crianças estarem presentes ao trabalho, e cada vez menos jovens interessados em seguir o processo espiritual tão logo chegavam à fase adulta.

Em 2016, houve uma grande mudança mundial e novas bases espirituais para o trabalho foram estabelecidas: a estrutura organizacional ficou mais leve e a separação dos trabalhos foi paulatinamente reduzida. Por exemplo, foi abolida a divisão de grupos por faixas etárias, no intuito de possibilitar um olhar mais abrangente das necessidades de cada indivíduo em suas espirais de vida. Foi pedido o envolvimento das famílias como peça-chave para a condução do trabalho, aproximando o TJ da realidade do dia a dia das crianças e jovens.

Contudo, muitos dos princípios foram pouco compreendidos e a implementação foi muito demorada.

Aqui no Brasil, o marco para essa mudança foi o ano de 2022, em que foi criado um Colegiado Nacional com a participação

direta de membros do Presidium e da Direção Espiritual, com o principal objetivo de realizar as transformações necessárias.

Apesar dessa mudança, a base fundamental do TJ sempre foi a mesma: um campo acolhedor e protetor para que crianças e jovens pudessem se desenvolver de forma adequada.

O ambiente de acolhimento proporcionado é o mais genuíno possível, permitindo que crianças e jovens, desde os primeiros anos de vida, tenham a liberdade para construir sua própria compreensão do mundo e da vida, a partir de suas próprias experiências.

As histórias compartilhadas no templo são cuidadosamente elaboradas de forma não doutrinária ou dogmática, com o intuito de estabelecer uma conexão direta com a verdadeira sabedoria.

O objetivo é auxiliar a reconexão com a origem divina, sem a intenção de que essas histórias sejam meramente compreendidas como parte de uma formação intelectual convencional, embora se reconheça o valor desse aspecto.

Em vez disso, almeja-se que as crianças e os jovens não apenas amadureçam, mas transcendam a percepção externa, desenvolvendo um conhecimento interno próprio.

Essa abordagem genuína reflete a essência da aplicação da sabedoria universal, pois o foco central reside não apenas no que se sabe, mas nas ações praticadas.

É com base nesse entendimento que se busca estabelecer o trabalho da juventude como uma forma de educação para a alma, uma orientação. Numa escola espiritual autêntica, como a Rosacruz Áurea, o TJ desempenha papel crucial, oferecendo o auxílio e a possibilidade real de existência fundamentada em

princípios interiores, os quais são trocados durante o convívio em atividades lúdicas, lanches, passeios e conversas.

Se durante esse período crucial da vida conseguirmos estimular esses fundamentos por meio do trabalho da juventude, a criança e o jovem poderão, quando assim o desejarem, irradiar essas virtudes que estão na base da formação de uma nova alma.

O amor é a força com a qual se trabalha. Essa força comporta vários aspectos, dentre os quais a liberdade, a autonomia, a harmonia e a responsabilidade.

O amor emerge da compreensão resultante das experiências vivenciadas, do comportamento e da busca pela verdade na jornada da vida. E uma escola contemporânea precisa estar adaptada ao perfil aquariano dos buscadores e alunos, que inclui a rejeição a autoridades.

Como proporcionar – de maneira honesta, transparente e concreta – um ambiente onde as pessoas se identifiquem e se sintam acolhidas o suficiente para se abrirem para o caminho espiritual, e trilharem seus caminhos a partir de suas próprias percepções interiores e em seu próprio tempo?

A Escola acredita que o melhor caminho a seguir é a liberdade, sem a imposição de conceitos preestabelecidos. Com essa liberdade, uma pessoa pode acessar o Conhecimento Universal e identificar paulatinamente a forma como cada elemento se apresenta dentro dela.

Se uma pessoa tem o espaço necessário e a liberdade de perseguir suas percepções internas então, sim, terá a compreensão que lhe dará confiança e o conhecimento real que será a base de sua coragem: a percepção interna de sua conexão com a realidade divina, sua conexão com a própria essência da Vida.

Dessa base sólida surge uma nova e profunda autonomia.

Primeiro a liberdade de encontrar-se, depois a autonomia para atuar em si e no mundo sua expressão mais autêntica, seu ser real em manifestação.

Que maior presente a Escola pode proporcionar, senão o ambiente, as ferramentas favoráveis a esse desenvolvimento, e a força, o amor e a autenticidade de irmãos que caminham juntos, mas não forçam em nenhuma direção?

Os adolescentes, em particular, são por natureza mais sensíveis a pressões externas, no sentido de as perceberem e as rejeitarem mais prontamente. É sua natureza colocar energicamente o mundo em cheque e reinterpretar a realidade.

Em sua estrutura material, a Escola conta com uma certa ordem: organização, estrutura, manutenção, cronogramas etc. Há uma forma imposta à natureza, para manifestar uma essência. Isso tudo não é suficiente, pois trata-se da forma – é preciso também colocar a essência à disposição.

A essência verdadeiramente espiritual da Escola precisa estar disponível, palpável, concreta. E do que estamos falando? Da receptividade, do respeito, do amor, do companheirismo. Estamos falando do exemplo. O exemplo do verdadeiro discipulado em nós mesmos, para que todos sintam essa essência e concretude do caminho espiritual.

Assim muitos poderão ser tocados, e saberão interiormente o que também buscar em si próprios, livremente.

A continuidade e a relevância do trabalho dependem disso: que a essência do caminho seja sempre despertada nos que se aproximam, de maneira que possam sempre encontrar a melhor forma de fazê-la manifestar-se.

E como despertar essa essência do caminho? O diálogo de Micayon e Mirdad ilustra essa questão:

> – Quero ser desligado da Terra de uma vez para sempre. Como poderei fazê-lo, Mestre?
> – Amando a Terra e todos os seus filhos. Quando o Amor for o único saldo de tuas contas com a Terra, então a Terra te dará quitação do teu débito, responde Mirdad.
> Micayon diz:
> – Mas Amor é ligação e ligação é aprisionamento.
> Então Mirdad conclui:
> – Não, o Amor é a única coisa que liberta da prisão. Quando amas a tudo, a nada estás ligado.[13]

O amor é a energia, a força motriz que move a vida. É o amor, e não outra coisa, que nos faz existir e manifestar a vida. É um alívio saber que o amor está tão perto que corre em nossas veias. Porém, assim como o sangue, o amor não pode ser retido ou reprimido, caso contrário ele se torna um veneno, uma ameaça.

Para liberar o fluxo do amor em nós, precisamos remover os obstáculos, como ensina Rumi, o grande pensador Persa.

Mas, atenção! Fique aqui e não disperse sua atenção; não deixe que a mente mais uma vez solidifique esse conhecimento e o guarde em mais uma caixinha de informações. O amor é a própria chave, pois ele "não é uma virtude, é uma necessidade".

Todos os que têm sede de viver verdadeiramente são convidados a empreender essa viagem interior agora mesmo, e por toda a eternidade.

O trabalho da juventude é uma das portas da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, uma porta tão ampla quanto uma praça para as crianças e jovens; mas ela só é notada se lá estiver

13. Naymi, M. *O Livro de Mirdad.* 2014.

presente o amor. Se cada um de nós irradiar o amor, ele será notado por todos, independentemente da idade!

Que assim seja!

13. O QUE A ESCOLA DE MISTÉRIOS NÃO É

Para a consciência humana comum, descrever o trabalho iniciático de uma escola de mistérios é tarefa impossível por dois motivos: primeiro, porque todas as palavras, imagens, alegorias e símbolos que possam ser utilizados pertencem ao campo da mente comum, e jamais ultrapassam o seu próprio limite; segundo, porque a realidade da iniciação só pode ser compreendida pela mente superior, que se manifesta "depois" que a iniciação já ocorreu, pois é o seu resultado direto.

É como descrever objetos tridimensionais por meio de desenhos bidimensionais em uma folha de papel, torcendo para que a mente de quem os vê seja capaz de recriar a percepção de sua profundidade a partir de sua perspectiva interior e subjetiva do espaço.

Da mesma forma, no trabalho da Escola Espiritual, por melhor que seja a explicação e os alunos se esforcem para entendê-la, o mais próximo que se consegue chegar da realidade transcendente é desenhar uma pálida imagem de sua força, beleza e brilho reais.

Por essa razão, sempre se conta com um elemento imponderável que já esteja presente na consciência do aluno. Trata-se do único elemento que se encontra além da limitação da consciência comum, capaz de nele criar a percepção real e intuitiva da realidade transcendente da iniciação, a partir das imagens aproximadas que chegam até ele. Esse elemento imponderável é a centelha do espírito.

A palavra centelha foi escolhida para indicar uma faísca de luz, um instante de *insight* que pode iluminar a consciência. E a palavra espírito foi escolhida para apontar um estado de

consciência que nos toca além do espesso véu que envolve a mente concreta.

Espera-se que a centelha do espírito esteja ativa na consciência de quem se aproxima da Escola Espiritual, caso contrário, mesmo indicando algo sublime e transcendental, tudo ainda não passará de meras palavras.

Esse é o desafio que sempre existiu e existirá no esforço constante das escolas espirituais de todos os tempos, visando transmitir os ensinamentos da senda da autoiniciação a seus alunos. É um desafio hercúleo, pois para aqueles que têm a centelha do espírito ativa, muito lhes será dado; mas para aqueles que ainda não têm ativa essa fagulha do brilho de uma nova consciência, até mesmo o que possuem lhes será tirado.

Tal afirmação se refere ao conhecimento que acumularam ao longo de sua busca: sua fé em dogmas, em autoridades ou mestres externos, ou mesmo ao resultado de anos de práticas e exercícios. Sim, tudo isso lhes será tirado, e nada lhes será acrescentado no lugar, caso queiram trilhar a senda da iniciação sem ainda possuírem o único necessário.

Por essa razão, aos que se aproximam da Escola Espiritual, é dito com toda a clareza: "A Senda da Autoiniciação começa quando termina o peregrinar da consciência-eu pelo deserto da vida comum!".

Isso também significa que todas as provisões que a consciência-eu acumulou ao longo de sua marcha pelo deserto da vida – inclusive as suas posses mais caras, consideradas seus tesouros, dotes e dons espirituais – precisam ser deixados para trás.

Tudo isso pode ser muito desconcertante. Após anos, ou após sucessivas vidas de busca, ao encontrar a Escola Espiritual, ressoam as mesmas palavras proferidas ao moço rico que

Jesus encontrou no caminho: "Vai, vende tudo o que tens, e segue-me!".

O que significa isso na prática? Significa que é impossível trilhar a senda com o que se acumulou nos três grandes e pesados "cestos" carregados pelo deserto da vida, pois o lastro neles contido faz o candidato tropeçar no caminho, exaure suas forças e, por fim, o faz desistir da senda.

E o que são esses três grandes "cestos" e o que contêm? Eles são os três centros de consciência: a cabeça, o coração e a vida. E levamos dentro deles tudo o que acumulamos ao longo do caminho, como se fôssemos colecionadores de bugigangas, jogando dentro deles tudo que pareceu ser interessante, diferente ou potencialmente útil no futuro. À medida que o tempo passa e a busca avança, tornamo-nos colecionadores de inutilidades. Ao examinar o que permitimos ocupar o espaço em nossa cabeça, em nosso coração e em nosso santuário da vida, ficamos surpresos do quão parecidos somos com uma empoeirada banca de ferro velho…

Aceitar essa realidade é um grande desafio, mas o verdadeiro desafio é nos desfazermos do emaranhado de coisas que carregamos em nosso interior.

Todos estamos dispostos a nos livrar dos pensamentos repetitivos, dos desejos sombrios e dos hábitos aprisionadores. Quem não deseja se tornar interiormente mais leve, livre dessa carga incômoda?

Basta navegar pelas redes sociais, e vemos quantas pessoas buscam esse nível mínimo e superficial de transformação. E quantos autoproclamados *coaches*, pseudo gurus e influenciadores disputam a atenção volátil das massas, oferecendo-lhes

receitas mágicas de transformação de suas vidas, como verdadeiras pepitas de ouro.

Mesmo que se trate a questão com o mínimo de seriedade, é preciso dizer que isso é totalmente insuficiente para o caminho da autoiniciação; na melhor das hipóteses, é somente o começo do começo. Pois o verdadeiro peso que se carrega não está na parte visível, superficial e mesmo indesejável dos três grandes cestos de nossa consciência.

Se queremos avançar na senda, é preciso escavar muito mais fundo; é preciso ter a coragem de lançar fora não apenas o que é claramente indesejável, mas também o que nos parece mais valioso. Do que estamos falando aqui? Estamos falando do que mais nos orgulhamos, de nossas riquezas mais preciosas, às quais nos agarramos de verdade.

Talvez alguns exemplos nos ajudem.

Ao entrarmos na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, ouvimos que nela não se faz ocultismo, misticismo ou magia natural. Isso deve ser óbvio, pois tais métodos visam fortalecer a consciência-eu que ainda precisa tornar-se autoconsciente, para então perceber a necessidade de ultrapassar a si mesma, em um caminho realmente iniciático.

Portanto, seria evidente supor que todo aquele que se aproxima de uma escola de autoiniciação já possua esse nível básico de autoconsciência, e perceba com clareza que precisa ir além de seu eu natural, em vez de fortalecê-lo. Pois, caso esse buscador insista em trilhar a senda da autoiniciação sem abandonar tais práticas de fortalecimento do eu natural, estará tentando trilhar dois caminhos diferentes ao mesmo tempo.

Ele seria como aquele homem tolo que colocou um pé em cada barco, pensando que assim iria acelerar sua travessia do rio:

tal tentativa o levou a cair na água, sendo obrigado a recomeçar o caminho da estaca zero.

Isso é óbvio, e se espera que todos os alunos novos ou antigos tenham compreendido isso claramente, e já tenham tomado todas as decisões corretas e necessárias em sua senda.

Mas o tipo de lastro referido é ainda mais profundo e menos evidente, um lastro volumoso e pesado que pode ser carregado sem ser percebido.

Um lastro invisível levado nos grandes "cestos" da cabeça, do coração e da vida; lastros cujos elementos mais profundos e invisíveis talvez ainda pudessem ser classificados como ocultismo, misticismo e magia natural.

E por que afirmamos isso, sabendo que todo aluno sério seguramente já abandonou, desde o princípio de seu discipulado, toda e qualquer prática nesse sentido?

Por um simples motivo: trata-se do fato de que enquanto os poderes criadores de nossos três santuários da consciência – na cabeça, no coração e na vida – não forem realmente transformados em forças de uma nova consciência, na realidade ainda somos essencialmente ocultistas, místicos e magos naturais. Isso porque os três poderes criadores do pensar, sentir e agir ainda criam apenas nos espaços correspondentes às três esferas sutis desta natureza. Em essência ainda somos ocultistas, porque nosso pensamento cria apenas imagens-pensamento no éter refletor comum. Ainda somos místicos, porque nosso sentir ainda se agita apenas no mar dos desejos naturais do éter astral inferior. E ainda somos magos naturais, porque nossas ações, além de seus impactos puramente materiais, movimentam-se apenas dentro do espaço da força vital comum do campo etérico desta natureza.

Em resumo, nossa consciência tríplice e nossos três corpos sutis ainda se explicam pela faixa vibratória da consciência egocêntrica comum, por mais sutis e refinados que possam parecer.

E como isso se reflete em nosso discipulado na Escola Espiritual? A resposta honesta é: exatamente da mesma forma! Ou seja, se a essência de nossa consciência não se transformou, tanto faz o rótulo que ela coloque nos objetos sutis que acumula nos espaços de seus três centros, nos três grandes "cestos" que sempre carrega consigo na cabeça, no coração e na vida.

Aqui estamos nos referindo às ideias que acumulamos sobre o ensinamento da Escola, às percepções emocionais e sutis que talvez tenhamos durante suas atividades, ou às reações aos impulsos que dela recebemos. Todos esses elementos, em nosso estado comum de consciência, ainda se explicam pelas substâncias sutis que constroem as imagens-pensamento, as formas-desejo e as geometrias etéricas das reações de nossa consciência egocêntrica.

Enquanto não reconhecemos essa realidade, a soma de nossos conhecimentos espirituais, de nossas supostas percepções emocionais e sutis do campo templário, e de nossas reações imediatas a seus impulsos, tudo isso apenas será um pesado acréscimo ao lastro que desde sempre carregamos. Sem atacar a raiz do problema, que é a demolição da consciência egocêntrica, todos esses elementos nos aprisionam ainda mais, ao invés de nos libertar.

Pois, em sua essência, esse conhecimento, bem como as percepções e reações, não passam de ocultismo, misticismo e magia natural, mesmo com uma aparência muito sutil e dissimulada.

Assim, quando se afirma que a Escola Espiritual, como verdadeira escola de mistérios, não realiza práticas ocultas, místicas ou mágicas, é preciso levar tal afirmação às últimas consequên-

cias, e não apenas nos determos diante de seus aspectos mais grosseiros e óbvios.

Nossa consciência tríplice precisa se transformar totalmente, é preciso reconstruir o triângulo equilátero da cabeça, do coração e da vida a partir de um ponto completamente fora do domínio da velha consciência natural.

É preciso ter a coragem de retirar e lançar fora, uma a uma, as bugigangas sutis, os penduricalhos inúteis, os adornos infantis e os disfarces sofríveis com os quais ainda buscamos esconder a nudez de nosso eu. É preciso ter a coragem de esvaziar totalmente os espaços de nossa consciência tríplice, convertendo novamente nossa cabeça, nosso coração e toda a nossa vida em cestos vazios, em verdadeiros vasos vazios, recriando nesse vazio o espaço vital, puro e silencioso, no qual uma nova consciência pode finalmente se manifestar.

Dessa forma, permitimos que o elemento imponderável, a centelha do espírito, a essência verdadeira de nosso ser, se coloque e se manifeste no centro de tudo, purificando, iluminando e recriando o triângulo equilátero da nova consciência; pois teremos tido a coragem de nos esvaziarmos de tudo o que é supérfluo, e disso já nada mais teremos. E possuindo apenas o essencial, a essência do verdadeiro ser nos preencherá totalmente!

Assim, serão cumpridas também para nós as palavras: "Pois a quem tem, mais será dado, e terá em grande quantidade. Mas a quem não tem, até o que tem lhe será tirado".

Que assim seja!

14. A BATALHA DE ARJUNA

O capítulo anterior apresentou o que a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea não oferece, por meio de três ideias centrais: ocultismo, misticismo e magia. Certamente ficou claro que o método iniciático da Escola está baseado em outra proposta. Este capítulo aprofunda a percepção do que é preciso colocar em prática para que a realidade do espírito possa se expressar de maneira clara em nós.

Existem três princípios que norteiam e consolidam o trabalho a ser realizado em si mesmo:

- deve-se trabalhar em autonomia, pois ninguém pode realizar o que a nós cabe fazer;
- é preciso desconstruir o apego egoico, que é a tônica de nossa vida atual, ou seja, é necessário demolir o ego;
- é preciso construir uma nova percepção ou uma nova consciência, como base para um novo trabalho interior e uma nova expressão de vida.

Sem uma percepção clara do que esses princípios possibilitam, corre-se o risco de ficar girando em torno do que nosso estado de consciência atual construiu, e que deve ser transformado.

Para nos guiar nesse mergulho, o *Bhagavad Gita,* livro clássico do pensamento esotérico mundial, é de grande auxílio. Esse compêndio épico faz parte de uma obra maior, o *Mahabharata*, coletânea com mais de 74.000 versos escritos entre os séculos IV e III antes da era comum; seu conteúdo é a consolidação de conhecimentos ancestrais hindus, transmitidos oralmente e que até hoje fazem parte das tradições da Índia.

O *Bhagavad Gita* apresenta a saga de uma alma humana buscadora da verdade, saga que se aplica perfeitamente aos que

hoje também buscam o espírito. Nessa obra, a alma buscadora é Arjuna, personificado como um bravo guerreiro que se encontra num campo de batalha, entre dois exércitos, prontos para entrar em guerra.

Arjuna está desolado, pois nos dois exércitos reconhece a presença de parentes, mestres, amigos. Confuso e paralisado, o guerreiro pede ao ser divino, Krishna, que o ajude, pois não sabe o que fazer.

A semelhança dessa situação com o que encontramos em nosso discipulado, no século XXI, é impressionante: as lições que Arjuna recebe de Krishna podem e devem ser aplicadas por nós, pois o combate de 2.400 anos atrás é exatamente o mesmo de hoje. Os três princípios da autonomia, da demolição do eu e da construção de uma nova consciência estão presentes nessa saga.

Arjuna se encontra no campo de batalha chamado Kuruktsheva (*leia-se KUru ktSHEva*). Kuruktsheva é uma metáfora para a vida humana: Kuru é "senhor", e Ktsheva, "campo". Ou seja, trata-se do campo do senhor, ou o campo onde se encontra o senhor da vida humana, a própria personalidade ou alma humana.

Esse é o campo das tensões contraditórias que tentam, a todo momento, ganhar a atenção da consciência. Esse é o campo de batalha entre a realidade espaço-temporal e a eternidade, que falam no interior da alma humana buscadora.

Que exércitos são esses? De um lado estão os Kauravas, que simbolizam as tendências da alma natural que mantêm a ordem das coisas no espaço e no tempo; são as várias tendências que alimentam o ritmo de vida egocêntrico. Elas simbolizam as forças da alma humana que se manifestam na vida como a ganância, o

egoísmo, a inveja e tudo o mais que leva à separatividade com o divino.

No lado oposto estão os Pandavas, que representam as qualidades nobres da alma humana; são as qualidades que impulsionam a consciência até o limite da peregrinação entre as miragens do tempo e espaço e o campo vibracional da nova alma que está se desenvolvendo.

Arjuna, a consciência de transição – a consciência Joanina – reconhece parentes, mestres e amigos em ambos os lados.

Todos os produtos de seus três centros de consciência – cabeça, coração e vida – estão ali representados. São as tensões que ele herdou em seu campo de respiração, em seu carma, em seu sangue e sua hereditariedade.

Esses são os parentes, as forças que vieram antes de seu nascimento e que o acompanham. Essa metáfora aponta para o fato de que em nós há um conjunto de tensões que reconhecemos como nós mesmos: são as influências hereditárias e cármicas que recebemos. Elas falam em nosso sangue e povoam nosso campo de respiração; elas são as folhas de nossa árvore genealógica microcósmica. Como poderíamos lutar contra elas, se elas formaram o que somos?

Também há mestres e amigos. É tudo o que adquirimos ao longo da vida, o que aprendemos, as certezas que construímos e com as quais nos identificamos e sobre as quais nos apoiamos. Esse é o exército dos Kauravas, o extenso repertório de manifestações mentais, astrais, vitais e existenciais que são a base da vida de Arjuna e da vida de cada um de nós.

Do outro lado estão presentes os impulsos elevados para a busca espiritual: o exército dos Pandavas, a herança microcósmica de todas as tentativas de libertação, seja na vida atual ou

nos giros pregressos de nosso microcosmo, que falam em nós. São os resultados libertadores das experiências pelas quais passamos, as marcas de todas as ilusões que foram desmascaradas e que trouxeram um pouco de lucidez à alma. São todos os aprendizados que nos tornaram buscadores da verdade, após descobrirmos que devem existir razões desconhecidas por trás do simples existir; são as forças e impulsos que nos levam a perguntar quem somos, qual a nossa origem e qual o nosso destino nesse palco da vida universal.

A consciência de Arjuna percebe esses dois campos de tensão. Como guerreiro Pandava, ele se vê como ser humano natural, mas também como um predestinado, como alguém que deve ter acesso a uma realidade superior, desconhecida, mas intuída.

Por isso, ao se ver nesse campo de tensões contraditórias, ele é assaltado por dúvidas que percorrem toda sua personalidade: do campo mental ao astral e ao etérico e também da vida. Arjuna não sabe como se comportar diante dessa batalha.

Essa não é uma imagem perfeita daquilo que cada um de nós vive? Quem pode afirmar com certeza que sabe exatamente o que fazer com todas as tensões que povoam seu campo de respiração e se manifestam em sua lípica, seu sangue e sua consciência?

A situação de Arjuna é, claramente, a nossa própria situação. Nele fala a angústia de saber que é preciso entrar numa luta, mas, ao mesmo tempo, não sabe como derrotar o que está em si mesmo e que é ele mesmo.

A narrativa continua e esclarece o que deve ser feito. Arjuna entra no campo de batalha em uma carruagem com quatro cavalos brancos, que não é guiada por ele, pois ele está em dúvida, confuso e inerte.

É nesse momento crucial que Krishna toma em suas mãos as rédeas que controlam os cavalos. A carruagem simboliza o microcosmo e os quatro cavalos brancos simbolizam as quatro forças motrizes da vida humana: a vontade, o pensamento, o sentimento e a ação.

E a cor branca indica que uma purificação inicial foi realizada nessas quatro forças.

Mas, mesmo tendo passado por essa purificação, Arjuna está confuso e, em determinado momento, deixa o arco cair no chão e clama a Krishna que o oriente, pois não sabe o que fazer.

É nesse momento dramático que a consciência humana se deixa guiar pela força divina.

Reconhecendo sua limitação e fraqueza, Arjuna firma os pés e se deixa guiar na batalha mais difícil que alguém pode enfrentar: a batalha em seu próprio interior contra suas criações, seus mestres, suas certezas e tudo o mais que habita nele.

Desde o discipulado do primeiro aspecto, todos somos estimulados a reconhecer esse mestre interior, o Espírito. Só quando reconhecemos essa voz é que podemos nos deixar guiar por ela na batalha de nosso próprio campo de Kuruktsheva.

Mas até chegar ao ponto de se deixar guiar pelo divino em seu interior, Arjuna percorre um longo caminho de aprendizado que é descrito nos 18 capítulos do *Bhagavad Gita*. Nesses capítulos, Krishna instrui Arjuna em um caminho iniciático, de maneira bem similar ao que a Escola faz hoje com seus alunos. Assim como nós, Arjuna aprende a compreender os conceitos subjacentes ao funcionamento do carma, como mecanismos de equilíbrio das forças de expressão da alma humana. Ele também é levado a compreender de maneira concreta o conceito de Dharma, que se refere ao dever ou ao papel a se cumprir na

vida. Também como nós, Arjuna tem a missão mais sublime que um ser humano pode receber: cumprir seu Dharma como guerreiro que luta no próprio interior, independentemente das consequências pessoais.

A consciência humana que chegou a esse estado é também instruída a respeito dos vários caminhos que levam à iluminação. Krishna fala que há muitos métodos para se estabelecer a união com o divino, ou usando as palavras do *Bhagavad Gita*, há várias yogas.

Essa é uma lição fundamental que Arjuna recebe: reconhecer, dentre os vários caminhos, aquele que melhor se adequa à sua própria realidade: o da ação, o da devoção, o do conhecimento, para citar alguns.

Recebemos a instrução da força divina em nós, mas a aplicação na realidade da vida precisa da cooperação consciente ou autônoma de nós mesmos.

Chegamos assim ao primeiro fundamento ou princípio citado no início deste capítulo: a autonomia. É preciso que a consciência límpida perceba o que deve ser feito.

Essa percepção lúcida nasce quando o desapego faz morada em nós. Não se trata unicamente do desapego das coisas materiais; é preciso estar desapegado de todos os nossos parentes, mestres e amigos internos, sejam dos Kauravas, sejam dos Pandavas.

O desapego diz respeito até mesmo ao caminho espiritual. É preciso estar livre das expectativas ditas "espirituais" que criamos em torno de nosso discipulado. Essa é a condição para "combater o bom combate": a liberdade estrutural das prisões que estão em nós, o ficar acima do desejo pelo sucesso, assim como do medo pelo fracasso.

É dessa forma que os fundamentos da vida egoica são demolidos pela consciência amadurecida, por meio do que a Escola apresenta como "nova atitude de vida".

Assim, com base na autonomia e na demolição dos mecanismos que sustentam a vida egoica, uma nova realidade começa a crescer em nós.

Esse é o terceiro fundamento do trabalho da Escola da Rosacruz Áurea: fazer surgir um novo estado de percepção da realidade, uma nova consciência.

O Arjuna do início, aquele que colocou os pés no campo de Kuruktsheva, não é o mesmo no final da batalha.

Ao reconhecer o que estava em seu interior, ao jogar luz em sua própria vida, ele consegue perceber sua própria dualidade. E, mais do que isso, ele percebe que essa dualidade – representada pelos dois exércitos – eram apenas diferentes aspectos de uma mesma realidade.

Arjuna, ao final da batalha em seu próprio campo de respiração, emerge não apenas simbolicamente como um valente guerreiro, cheio de coragem: ele agora é um ser em que a luz de uma nova consciência nasceu.

O próximo capítulo apresenta as ferramentas que a Escola oferece e como se deve manejá-las para que a batalha interior seja vencida e uma nova vida nasça em nós.

15. ESTADO DE ÂNIMO

O coração do ser humano possui função central no sistema da vida. Todos os fluidos da consciência fluem da cabeça através da medula para o coração, onde são acolhidos. Do plexo solar, situado abaixo do estômago, entre o fígado e o baço, partem forças para cima, para o coração.

Portanto, os três centros da consciência humana – a cabeça, o coração e o plexo solar – trabalham em conjunto, e o papel central é desempenhado pelo coração.

Os santuários da cabeça e pélvico o nutrem. O primeiro, com fluidos diretos da consciência; o segundo, com influências astrais e etéricas, presentes no microcosmo, que foram de capital importância no passado do ser humano.

Além disso, em muitos casos o coração recebe radiações diretas do coração central do microcosmo, da centelha divina.

O coração ocupa realmente um papel central no sistema humano. Nele muitas influências, impulsos e radiações são associados e transmutados num ânimo fundamental que, por sua vez, possui também um poder irradiante.

O ânimo mistura-se com o sangue, o fluido nervoso e o fogo serpentino, eleva-se ao santuário da cabeça e, de lá, influencia todos os órgãos.

A qualidade e a natureza de nosso estado de ânimo são o resultado do reator nuclear humano, o coração; ele determina o estado vital, o curso da vida. Somos compelidos a seguir incondicionalmente a disposição do coração. Quando o ânimo – e portanto as radiações do santuário do coração – se efetiva, no mesmo instante o ser humano segue as influências e a direção apontada por essa disposição.

Todas as possibilidades e conquistas do ser humano, intelectual ou de qualquer outro tipo, são sem exceção dependentes e subordinadas ao seu ânimo, sua qualidade e esfera de ação.

A importância do estado do coração é indicada inúmeras vezes nas escrituras sagradas. O ânimo pode levar o ser humano ao cometimento de um crime, à possessão ou à hipocrisia. Pode infligir a ele uma dor incomensurável ou fazê-lo precipitar-se para um abismo. Também são "bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus", jubila o Sermão do Monte.

Mas atentem para um ponto central na dinâmica de nosso ânimo: a união dos três centros da consciência – cabeça, coração e plexo solar – não leva automaticamente a um único estado de ânimo no coração.

Não se presuma, pelo que foi lido acima, que exista uma espécie de automatismo nesse processo, em que um estado emocional unificado é inevitavelmente formado. Não é isso: esse processo não é automático; a formação desse ânimo singular exige mais do que a simples existência de uma conjunção entre esses três centros energéticos.

Quando se fala de um ânimo formado no santuário do coração, deve-se saber que nossa consciência também desempenha um papel importantíssimo. Encontramos no coração todas as influências, todas as radiações e todos os impulsos ativos em nosso ser, de uma ou outra forma. São como muitas vozes.

Se somos alunos que se esforçam por uma autotransformação, encontra-se em nosso coração a voz do coração central, a voz da centelha do espírito. A cada segundo encontramos em nosso coração, com nossa consciência normal de vigília, influências vindas de todos os lados.

Entre essas influências também está a voz da centelha espiritual. Essa nova força, como uma voz, pode ser determinante em nosso comportamento; podemos julgar tudo o que vem a nós por meio da influência da centelha espiritual que, se permitirmos, balizará nosso próprio ser. Ou seja, a centelha do espírito tem uma influência tão poderosa que é chamada de "voz da alma".

O coração funciona como uma oficina, e ele deve ser conscientemente influenciado para que exerça seu importante trabalho. Esse trabalho deve ser desenvolvido antes que outras influências e forças naturais atuem em nós, como um ânimo inevitável. Pois uma vez que o ânimo é formado, somos compelidos a segui-lo.

O combate mais importante do verdadeiro discipulado é travado no coração. O produto alquímico verdadeiramente redentor, necessário para a realização das núpcias alquímicas de Cristão Rosacruz, deve ser preparado no coração. A nobreza do ser humano se expressa no seu coração; por isso se diz que Deus, que é Espírito, perscruta o coração. Não adianta exprimir belas palavras ou se comportar como se fosse o próprio Deus, pois o Espírito vê o coração. Isso significa que a natureza do ânimo que se eleva do coração, e toma conta de todo o nosso ser, é decisiva.

Esse assunto deve ser enfatizado porque muitas pessoas percebem o coração apenas como um órgão do sentimento, e dizem: "Sinto isto ou aquilo dessa forma". Porém quando isso ocorre dessa maneira, já é muito tarde, pois o que estamos experimentando é um tipo de ânimo quase automático. Muitos ainda consideram o coração como um órgão que funciona automaticamente e aceita o ânimo que daí se eleva.

Poderia ser de outra forma? Sim! Precisa ser!!! Quando sentimos as consequências de nosso ânimo e decidimos nos lançar à luta, buscando atacar o ânimo que nos causa dissabores e resistência, muitas vezes fracassamos.

E pode surgir uma resignação que nos leve a pensar: "Por que não tenho chance de vencer essa batalha?" A resposta para isso é que refletimos no santuário da cabeça, porém não no santuário do coração! Travamos a batalha na cabeça até a exaustão. E então percebemos que já é muito tarde.

"O que devo fazer agora? E o que devo deixar? Como devo defender-me para alcançar a vitória?" A solução está em aprender a transferir esse combate para a oficina do coração, onde o ânimo se ocupa, a cada segundo, em se formar. Assim podemos vencer, seguindo à frente da realidade e dos acontecimentos.

É possível determinar o curso de nosso destino, pois tudo o que ocorre em nossa vida é dirigido, impelido, pelo ânimo. Conseguindo alterar o ânimo, temos o destino nas mãos e podemos determinar o curso dos acontecimentos em nossa vida. Podemos então verdadeiramente modificar nosso destino.

Esse é o nascimento da alma!

O nascimento da alma, a verdadeira regeneração anímica, não é nenhuma vaga atividade emocional, algo indeterminado como "sinto isso dessa ou daquela forma", que a pessoa experimenta de tempos em tempos como sinal do ânimo que ela própria formou.

Não há outra saída: devemos aceitar o combate **no santuário do coração**! Expulsar de lá todas as forças e tensões que encontramos no caminho, e deixar afluir as novas forças edificantes e auxiliadoras. Assim, podemos formar um novo ânimo ao realizar o nascimento da alma.

Esse ânimo, que se desenvolve a cada segundo, corresponde ao nosso estado de alma. E esse estado anímico não é um valor estático, definitivamente conquistado.

Se alguém diz "agora eu sou assim, este é meu tipo e meu caráter", sabemos que ele se refere a uma fotografia momentânea. Seguindo com persistência e pureza de intenções, dia a dia verificamos uma modificação fluir no nosso tipo e no nosso caráter: uma mudança constante.

Em determinados momentos da vida reconhecemos um processo ocorrendo na nossa natureza anímica. Porém não devemos nos resignar com esse estado. A mudança fundamental desse estado reside na rendição. Isto significa que devemos descer ao santuário do coração com nosso eu, com nossa consciência e com as forças do santuário da cabeça.

Nosso ânimo é flexível, nosso estado de alma está sujeito a mudanças. Podemos fazer com que ele se torne mais e mais funesto e manipulador. Podemos aceitá-lo como algo automático.

Ou podemos prepará-lo conscientemente, de modo que ele seja capaz de receber o próprio Espírito.

A maioria das pessoas aceita seu estado de ânimo sem questionamentos. E sobre essa base se formam a natureza, o tipo e o caráter de todo indivíduo.

Todos os processos metabólicos se adaptam a isso, e se chega a um estado de cristalização em que uma mudança absoluta se torna quase impossível.

No processo de autoconhecimento, muitas vezes nos identificamos como o tipo cabeça, coração ou ação. Porém, a identificação com esse estado de ânimo automático pode se transformar em uma forma de resignação e cristalização.

Para aqueles que sentem tal estagnação em seu discipulado, estas palavras de Jan van Rijckenborgh podem fornecer auxílio:

> Possuís, como seres nascidos da natureza, um eu tão poderoso! Sois tão egocêntricos e sabeis exatamente o que desejais. Sois muito autoconscientes e, mesmo na Escola Espiritual gnóstica, quase sempre uma personalidade muito forte. Pois bem, utilizai então esse eu para atacar vosso ânimo.
> Vós realizais tanto com vosso eu em relação às coisas comuns. Utilizai-o também agora em vosso discipulado, e atacai vosso próprio ânimo com vossa consciência-eu. Iniciai esse notável combate ainda hoje. Vivenciareis incondicionalmente as consequências dessa atitude e toda a vossa vida tomará rumo diferente.
> Não nos referimos aqui a um tornar-se mais calmo e harmonioso, porém a algo totalmente diverso. A que, então? Bem, o tipo de vossa dor, de vossos desgostos e as dificuldades de vossa vida se modificarão.
> Um cálice de amargura completamente diferente será colocado em vossos lábios. Já não será a dor inútil e estúpida no curso monótono das coisas, porém a dor nascida da luta no coração, causada pelo próprio ser eu-consciente.
> Isto não é de forma alguma um ataque a outros, em que, às vezes, sois tão magistrais, porém ao próprio ser.

Possam essas palavras nos servirem de incentivo e guia, pois apenas a batalha do coração permite atingir a purificação que nos coloca no caminho da libertação. E então podemos servir como exemplo de transformação e incentivo para o mundo e a humanidade.

16. A RENOVAÇÃO DO PENSAMENTO

A renovação do pensamento é um tema fundamental para a transformação da nossa vida, pois o processo de pensar tem profundas consequências no funcionamento de nossa personalidade.

Imagine um iceberg cuja maior parte está submersa em águas profundas, e um ser humano sobre ele, na superfície, tentando mover a massa colossal: por maior que seja o tamanho do remo, seu esforço é inútil.

Essa analogia mostra que a questão do pensamento é muito mais profunda, importante e complexa no caminho espiritual sério, do que se pode imaginar. Uma escola iniciática séria não trata o pensamento como algo treinável; por isso não utiliza nenhuma técnica para o seu controle, projeção, aquietação ou seleção, nada disso. Isso seria equivalente ao sujeito na pontinha do iceberg, tentando levá-lo para onde ele acha que deve ir.

O homem continua sendo, como sempre, dominado por forças profundas, das quais não tem conhecimento e, portanto, sobre as quais não pode fazer muita coisa, além de ser controlado por elas. Ainda considerando o exemplo do iceberg, é como se o pensamento estivesse na ponta dele e que, na altura do coração, a água estivesse encobrindo o restante da massa de gelo. Desse ponto para baixo, a área é pouco iluminada e pouco percebida por nossa consciência comum. Há aí uma imensidão de coisas totalmente desconhecidas, enquanto nossa consciência está limitada, envolta por um grande círculo vicioso de forças.

A Escola nos ensina que, dentro desse círculo, existem três níveis de consciência: o cerebral, que é como a ponta do iceberg, ao qual chamamos de "consciente", associado aos pensamentos; o do coração, parcialmente coberto pela água, ao qual chamamos

de "subconsciente", associado aos sentimentos; e o do plexo sacro, ao qual chamamos de "inconsciente", associado a todos os nossos condicionamentos.

Continuando a usar a analogia do iceberg, imagine-o rodeado por um círculo, ou seja, os três níveis de consciência envolvidos por um círculo que os mantenha integrados.

Dos três níveis, o inconsciente é o aspecto mais complexo, mais antigo da consciência humana presa no círculo vicioso, pois remonta à própria evolução da vida em nosso planeta. Nessas águas escuras e turvas, fervilha nosso inconsciente...

E seus condicionamentos não atuam apenas no nível orgânico, físico, mas também no nível energético, isto é, no corpo vital, levando-nos a reações, condicionamentos e hábitos que não desejamos e não controlamos.

Essas forças profundas e determinantes do inconsciente vivem num constante processo de fluir, de circular por esse grande círculo vicioso que envolve nossa consciência tríplice comum. Elas afloram constantemente do inconsciente, vão circulando como grandes agregados energéticos, passando de um centro de consciência para o outro.

Do inconsciente brotam as memórias condicionadas, que sobem para o coração e vão formar a segunda camada da subconsciência – aquela parte encoberta ao meio pela água.

Nossos desejos e nossos sentimentos são fruto das forças invisíveis de nossa história ancestral e desconhecida; somos apenas semiconscientes de nossa vida emocional. Na Escola, chamamos essa faixa energética vibratória de corpo astral.

Seguindo o processo de circulação de forças, o resultado do semiconsciente sobe para a cabeça, para o nível consciente, o último envolto pelo grande círculo. Surgem, então,

os pensamentos, associados ao que a Escola chama de corpo mental concreto.

Muitas vezes, acreditamos que pensamos primeiro, mas, na verdade, pensamos por último. O pensamento, que é a força mais sutil das consciências, é também a mais lenta entre as três. A própria Neurociência admite que primeiro reagimos instintivamente, depois traduzimos isso em um sentimento, e, por último, articulamos um pensamento.

Se não nos tornarmos conscientes de tal processo e ficarmos tentando controlar nossos pensamentos, nossos sentimentos e nossas reações, assim como o sujeito sobre o iceberg tentando mudar a direção com seu remo, vamos viver na autoilusão de que estamos indo para o lado que queremos, quando na verdade estamos sendo levados para o lado que as forças inconscientes nos impulsionam.

Há um outro aspecto da consciência, muito sutil e poderoso, que está misturado e mal percebemos: é o que chamamos de supraconsciente. Ele faz parte desse agregado e da mesma circulação de forças que compõem a consciência humana.

É, muitas vezes, confundido com um ser celestial, portador de poderes divinos, mas ele nada mais é que o espelho do inconsciente e, portanto, conhece todo o resultado das existências anteriores gravadas no microcosmo. Ele não passa do reflexo das sugestões que vêm das profundezas do inconsciente.

Ao longo da história, isso tem sido motivo de muita confusão e decepção para quem procura o caminho da transformação da consciência, o caminho de uma real transcendência, de uma reversão total na vida comum.

Para se livrar dos resultados negativos das três consciências, como o medo (que vem do inconsciente), a ansiedade (que vem

do subconsciente) e a preocupação (que vem do consciente), muitos procuram com honestidade e empenho combater esses problemas usando técnicas de treino de pensamento, exercícios para silenciar a mente e focá-la no aqui e agora, para se tornarem despertos.

Mas nada disso muda a consciência. A pessoa continua usando o mesmo aparato do círculo vicioso das forças naturais, e o que acaba acontecendo é um domínio maior dessas forças, porque agora, além das influências do inconsciente, do subconsciente e do consciente, entra em cena também o supraconsciente.

As tentativas forçadas de mudar os pensamentos podem provocar a abertura do círculo de fogo da pineal, a kundalini da cabeça, para uma verdadeira torrente de influências que vêm dessa esfera reflexa, dessa esfera refletora pessoal, que é o supraconsciente, também chamado de Eu Superior.

Em vez dos pensamentos estarem de fato se renovando e se transformando, as tendências mais arraigadas e profundas de nosso ser – aquelas que estão na parte submersa do iceberg – irão se tornar mais fortes e mais determinantes em nossa consciência como um todo.

E quando essas tendências se tornam consolidadas no pensamento, elas descem novamente, reforçando ainda mais as mesmas tendências do inconsciente que geraram aqueles desejos que, por sua vez, geraram aqueles pensamentos.

Esse é o círculo vicioso que aprisiona cada vez mais o estado de consciência do ser humano.

Isso não é transformação do pensamento num caminho verdadeiramente espiritual. Isso é apenas uma dinamização ainda mais forte da consciência comum, da consciência egocêntrica.

Portanto, isso é o avesso do que uma escola espiritual se propõe a fazer.

Toda escola espiritual que se baseia no Ensinamento Universal tem exatamente a missão de fazer o ser humano compreender que o real objetivo de sua vida não é permanecer girando nesse infinito ciclo viciado; não é passar uma vida inteira nesse beco sem saída. O Ensinamento Universal revela que, além desse círculo vicioso, fora dessa esfera aprisionadora dos três centros de consciência e da supraconsciência, existe em nós o núcleo de outra consciência totalmente independente e capaz de nos levar ao verdadeiro caminho da transformação. Esse núcleo é a consciência mais profunda, mais original, mais ancestral: é a oniconsciência, que na Escola da Rosacruz Áurea é chamada de centelha do espírito, e outras escolas chamaram de botão de rosa, flor de lótus, semente de mostarda, entre outras denominações.

Numa linguagem moderna, esse núcleo de consciência também pode ser chamado de "singularidade", porque se encontra no homem, mas não pertence ao plano da consciência comum.

A oniconsciência é eterna e permanece ao longo das encarnações, até que surja – depois de muito girar – um esgotamento, uma verdadeira saturação na consciência comum do homem. Então, essa fagulha de uma nova consciência desperta e transforma o ser humano em buscador de si mesmo.

Quem acaba procurando uma escola espiritual possui uma centelha do espírito ativa, caso contrário não a estaria procurando. Mesmo aqueles que buscam por caminhos que reforçam o círculo vicioso da consciência estão desejosos de transcender a si mesmos. Esse desejo é reflexo dessa singularidade. Porém, é preciso que haja saturação, cansaço, amadurecimento da consciência comum, e que parta dessa consciência um pedido de

socorro. Esse grito de socorro aciona a centelha do espírito; em seguida, esse núcleo onisciente começa a gerar um novo estado de consciência astral. Surge um desejo diferente, não egocêntrico, mas puro, de libertação dessas amarras naturais. Dessa centelha partem então novas forças em direção à cabeça.

Como vemos, o caminho da reversão começa a partir do centro, e não das profundezas do inconsciente.

Aí, sim, começam a surgir flashes de um novo pensamento. A Escola chama isso de novo pensar. Assim como o náufrago no meio da noite consegue se orientar quando há relâmpagos no céu, o ser humano que começa a despertar para esse novo pensar tem flashes sobre seu verdadeiro estado de ser; começa a reconhecer quão preso ele se encontra dentro de si mesmo. Esse é o processo do autoconhecimento.

Contudo, isso ainda não é a iluminação. O autoconhecimento é um longo processo de desmascaramento de nossa situação. Mas com a repetição desses flashes – que partem do coração central dentro da grande esfera magnética em que vivemos – chega o momento em que o estado de autoconhecimento se torna permanente, e o novo pensar se estabelece como uma segunda natureza em nós.

Agora resta à cabeça travar a batalha contra os desejos antigos e egocêntricos no santuário do coração; e lutar contra as forças astrais que dominam o subconsciente.

A nova consciência cerebral modificada pode agora mergulhar no mundo emocional, levando-lhe a nova força adquirida. Coração e cabeça começam a trabalhar juntos, e não mais da antiga maneira desconectada e desarmônica.

Transformados pela força da centelha do espírito, purificados e unidos, cabeça e coração podem mergulhar juntos na

parte mais profunda do iceberg, o inconsciente. Não para lutar, porque ainda não têm força para transformar o atavismo, mas para refletir nesse poço sem fundo, de forma indireta, como que por meio de um espelho límpido e puro, a luz da centelha do espírito.

Quando esse processo é vitorioso, acontece a transformação da maneira de reagir e agir. As três consciências do ser humano estão enfim renovadas!

O ciclo que antes começava com influências de baixo para cima – do plexo para o coração e do coração para a cabeça – agora se inverte. Da cabeça e do coração fluem forças espirituais para o plexo; do plexo também renovado para o coração, do coração para a cabeça, e o círculo se fecha novamente como uma lemniscata, num círculo virtuoso e não mais vicioso.

Quando esse processo avança suficientemente, a consciência como um todo se une à verdadeira força universal, e não apenas a um mero reflexo do supraconsciente. A essa consciência espiritual chamamos de alma-espírito: consciência – que é alma – e espírito – que é a força universal que a tudo interpenetra.

Esse novo estado de ser transforma os demais veículos da personalidade, algo inalcançável pelo reforço do ciclo comum da consciência humana.

O caminho de uma escola espiritual começa onde o caminho da consciência comum termina. Para trilhá-lo, é fundamental ter o anseio pela libertação e muita persistência.

Nossa Escola, firme nesse propósito, recebe, ampara e orienta todos os seres humanos que decidem caminhar com ela.

Que firmemos nossos passos, com o auxílio de sua força!

17. O PENSAMENTO MOLDA A REALIDADE

O capítulo anterior tratou do funcionamento da consciência, comparando-a a um iceberg, mostrando que ela possui aspectos ocultos, poucos conscientes, submersos nas profundezas do subconsciente e do inconsciente. E foi observada a necessidade de se conhecer os mecanismos aprisionadores dessa estrutura para poder transformar o pensar, e tornar possível a realização de uma nova consciência iluminada pela centelha do espírito.

Este capítulo tem o objetivo de responder às seguintes perguntas: o pensamento molda a realidade? É possível transformar o mundo ao meu redor? Existe, de fato, um caminho de transformação do pensamento e, como consequência, de transformação da própria vida?

Para começar, é preciso compreender como o pensamento ou a mente apreendem a realidade que nos envolve.

Em primeiro lugar, temos os cinco sentidos: é por meio deles que se conhece e apreende a realidade. O que se conhece da realidade é o que os sentidos nos mostram; mas isso é apenas parte dela, porque os sentidos são parciais. Os olhos, por exemplo, captam a luz, que é uma forma de energia eletromagnética. Mas os seres humanos só conseguem perceber uma parte muito pequena de todo o conjunto de ondas eletromagnéticas. Do inteiro espectro de ondas eletromagnéticas que a ciência conhece, o ser humano percebe apenas um pequeno intervalo, entre o vermelho e o violeta: ele não consegue perceber antes do vermelho nem nada além do violeta, como o ultravioleta, os raios X, os raios gama, o infravermelho, as ondas de rádio, embora todas essas ondas sejam exatamente da mesma natureza daquelas que ele consegue perceber. Ou seja, os olhos nos mostram uma ínfima parte de uma realidade muito maior.

O mesmo acontece com os ouvidos: eles captam as vibrações do ar, que interpretamos como sons. Mas existem vibrações muito agudas que o ser humano não percebe, e que, por exemplo, os cães e gatos percebem.

Então, o que se conhece da realidade, por meio dos sentidos, é só uma parte dela. E a mente, com o pensamento, organiza essa pequena parte do todo classificando-a, nos dando uma compreensão dessa realidade como se fosse o todo, como se fosse tudo.

Algo semelhante acontece com os demais sentidos. A neurociência, a psicologia e outros campos do conhecimento advertem que tudo o que é percebido e unificado pela consciência e pelo pensamento passa por uma estrutura mental pré-programada. Antes de serem decodificados pelo cérebro e interpretados pela consciência, os sinais que vêm do mundo exterior passam por filtros, alguns deles muito profundos. Esses filtros estão construídos em camadas que, em conjunto, denominamos cérebro.

Esse órgão magnífico desenvolveu-se ao longo dos milhões de anos de evolução planetária. Além de tudo o que nele existe e foi construído, há ainda a nossa herança genética que também atua sobre a percepção da realidade. Também os filtros recebidos pela educação e pela convivência social atuam desde o nosso nascimento. Existe ainda uma programação mais antiga: a programação cármica ligada às existências anteriores do microcosmo, que é a estrutura espiritual humana.

Tudo isso forma padrões cerebrais, ou padrões de pensamento, que nos impedem de perceber com clareza a realidade que nos envolve. Esses padrões limitam nosso pensamento; ele está programado de acordo com certas regras, sejam as que herdamos, ou as que precisamos observar no convívio social

e cultural, como a tendência a nos submeter a autoridades e a crenças muitas vezes sem base na realidade. Tudo isso resulta na tendência a ficarmos presos a hábitos e a rotinas de pensamento, de sentimentos e de ações e reações.

Essa estrutura que envolve nossa consciência tenta conservar o que conhecemos como a memória do passado, e que é usada para preservar ou construir a realidade futura. Assim, ficamos em um movimento pendular, entre passado e futuro, incessantemente embalados pelas forças de todos os filtros pré-construídos, mas nunca no presente vivo de cada instante.

Toda essa programação, essa memória, não é apenas mental, mas também programação emocional, porque além da consciência e do elemento consciente dos pensamentos, existe a parte do iceberg interno humano encoberta pelo meio: o subconsciente das emoções, sentimentos e desejos.

E como se viu no capítulo anterior, existe um elemento ainda mais profundo: o inconsciente. É essa camada muito menos conhecida que se mostra em nossas reações, em nossos instintos, e atua sobre as vontades mais profundas.

Esse é o conjunto de forças limitantes que atua sobre nós e controla nosso pensamento. Nosso pensar não é livre; nosso ambiente interno recebe o peso das experiências do passado, boas ou ruins; dos apegos às pessoas que amamos ou detestamos; da separatividade, que é igualmente uma tentativa de eternizar certos padrões de pensamentos e sentimentos.

Nossa consciência se identifica de tal forma com esses padrões emocionais e mentais que nos confundimos com eles, achando que somos esses padrões, que somos as ideias que temos, que certas emoções nos definem.

Sob tudo isso está o elemento mais fundamental em nós: a consciência. Quando fazemos um esforço genuíno para distin-

guir o que pensamos, sentimos ou a maneira como agimos desse elemento fundamental – o verdadeiro *self*, a consciência – então nossa verdadeira essência pode começar a ser descoberta.

Somos como os prisioneiros na caverna, imagem clássica que Platão descreve no livro *A República*. Estamos acostumados a ver apenas as sombras projetadas na parede.

A caverna pode ser comparada ao nosso interior. As sombras projetadas dançam em nosso campo mental, dançam como pensamentos incessantes, que pululam o tempo todo, e com os quais nos entretemos.

Somente quando a consciência começa a se perceber como ente autônomo, é que os prisioneiros começam a virar a cabeça para trás e a perceber o jogo de sombras. Nesse momento, começa a ficar claro o jogo de ilusões.

A partir desse ponto, podemos nos aproximar de outra pergunta crucial: o pensamento molda a realidade? Sim, pois conhecemos a realidade através dos filtros do nosso pensamento, e transformar o pensamento é transformar a realidade que percebemos.

A ciência afirma que existe neuroplasticidade em nosso cérebro, isto é, nosso sistema nervoso tem a capacidade de se adaptar e se moldar a novas situações.

Então, pode-se avançar para a transformação fundamental da consciência, acompanhada da transformação do pensamento.

Mas, como mudar o pensamento?

Que fique muito claro que não se trata de treinamento do pensamento, como já mencionado: não estamos falando de um método artificial para tentar transformar o pensamento à força, porque quando tentamos fazer isso, estamos trabalhando no mesmo nível do pensamento.

Esse tipo de ação seria como se um pensamento, ou um padrão de pensamento, tentasse organizar outro padrão de pen-

samento. Isso não resolve nada. O que precisamos, de fato, é de um elemento superior a isso.

E esse elemento é a consciência, ou dito de outra maneira, um elemento em nós que pode influenciar e transformar nossa consciência. Essa é a chave de qualquer mudança fundamental da consciência e, por conseguinte, da vida.

Esse elemento é a centelha do espírito, é a totalidade em nós, é a consciência universal particularizada em nosso *self*. E esse elemento-chave não é pensamento, não é sentimento, não é ação. Uma de suas características é a plena lucidez, a pura percepção.

Essa capacidade pode ser acionada quando o núcleo da consciência é tocado pela centelha do espírito.

Quando isso acontece, nasce o buscador da verdade. E o ser humano começa a questionar todos os padrões que ele herdou desde a infância, toda essa forma pré-programada de pensar, de sentir, de agir. Ele já não se satisfaz com tudo isso e quer quebrar essas estruturas, porque em seu interior surge a necessidade de uma liberdade fundamental.

Esse ser humano percebe que é possível quebrar esse paradigma. Sua consciência, tocada pelo espírito, é o único elemento capaz de atuar sobre o pensamento tocando-o, guiando-o, transformando-o. Isso ilumina seu mundo interior e o faz compreender, com clareza e objetividade, como está preso nos jogos mentais.

A partir da influência desse toque, surge um espaço de silêncio em seu interior, o que os antigos chamavam de *Sophia* – a sabedoria –, aquela que fala no silêncio, como lemos no *Corpus Hermeticum*.

É a partir desse espaço de silêncio que a autopercepção se torna possível. Então a consciência adquire a capacidade de se perceber como é, e pode compreender todo o jogo mental

que não para de circular em seu ser. Desse espaço silencioso de autopercepção, tem início o processo de autoconhecimento claro e lúcido do que se passa em nosso interior.

Essa lucidez é transformadora, pois com ela todas as ilusões são desfeitas, todas as que mantinham o buscador aprisionado a velhos padrões de pensamento; ele então passa a enxergar com clareza quem de fato é, e o que é de fato a realidade ao seu redor. Esse novo espaço do pensamento passa a ser um instrumento da consciência espiritualizada. É possível um novo pensar lúcido, pois ele é iluminado pela centelha do espírito.

É assim que surge o aspecto superior do pensar humano, o corpo mental superior, o corpo mental abstrato. Essa nova faculdade do pensamento superior ilumina nosso mundo interior e possibilita a transformação das nossas emoções, pois essa mudança, sendo tão fundamental, também atua sobre nosso campo astral.

Desse modo a centelha do espírito modifica não só nossa visão interior e exterior, mas transforma também nossa vida mental e emocional, o que leva a uma nova vida de ações.

Toda a perspectiva de vida muda: passa-se a enxergar a realidade de forma muito mais profunda, muito mais real, quebrando os elementos ilusórios que antes impediam de perceber a realidade como ela, de fato, é.

Finalmente, tudo isso rompe a barreira da separação egocêntrica que nos levava a viver apenas para nós mesmos. Passamos a ser agentes de uma mudança mundial, pois compreendemos que não vivemos apenas para nós; e assim nos engajamos, em autonomia e liberdade, em um processo de transformação coletiva.

Que essa maravilhosa revolução interior possa ser alcançada e vivida por todos nós, individual e coletivamente!

18. A LIBERTAÇÃO ESTRUTURAL

Os capítulos anteriores fizeram uma retrospectiva das características, das possibilidades e dos limites da vida interior do ser humano, com ênfase no campo do pensamento. Tratou-se da transformação da consciência tríplice que sai do círculo vicioso para virtuoso, isto é, da sua transformação em consciência alma-espírito; da incapacidade da consciência em perceber a realidade de maneira objetiva, por causa dos filtros que a envolvem.

Este capítulo avança nesse tema, buscando compreender o caminho que leva à libertação estrutural desse estado de ser.

Um dos temas fundamentais do discipulado é a construção do pensamento superior. A Escola faz uma distinção clara entre o que é o pensamento comum e o que é o pensamento superior, ou abstrato.

O pensamento comum é chamado de concreto, porque ele nada mais é do que o produto de uma máquina que, recebendo determinados insumos, produz algo. No caso, os insumos são os éteres naturais planetários, e a máquina é a personalidade humana, especialmente o cérebro.

Quando a força da centelha do espírito começa a falar no coração energético, surgem novos pensamentos, elaborados segundo outro modelo, segundo outra matriz energética. Não são mais os éteres comuns que sustentam a vida como a conhecemos, mas são éteres de outra classe que, apesar de estarem disponíveis, são imperceptíveis para nosso atual estado de consciência.

O grande desafio é construir uma ponte entre esses dois estados de manifestação: o natural e o supranatural.

De forma simplória, alguém poderia afirmar: "Basta abrir-me às forças da centelha do espírito, que tudo o mais me será

dado". Embora essa afirmação contenha certa dose de verdade, ela é uma armadilha, pois pode levar o buscador a achar que tudo acontece de maneira gratuita. E não é assim; sem esforço genuíno da consciência, os resultados não virão.

Por isso, é bom avaliar o grau de dificuldade em que nos encontramos para tomarmos as rédeas de nosso desenvolvimento espiritual e fazer o que nos cabe.

Avaliemos o que a ciência diz a respeito do círculo vicioso dos pensamentos. Se a compreensão desse círculo se fixar de maneira clara em nossa consciência, podemos tomar decisões importantes e fundamentais para sermos construtores de nosso destino, e não meros passageiros de uma viagem sobre a qual não temos controle algum.

Da neurociência aprendemos que a maneira como percebemos as coisas criam circuitos biológicos em nossa estrutura de vida, e esses circuitos tendem a se manter. Alguns estudiosos chegam mesmo a explorar como os pensamentos e as emoções afetam a bioquímica em nível celular, influenciando os sistemas nervoso, endócrino e imunológico.

Há muitos estudos sérios nessa área que, por meio de uma linguagem científica atualizada, corroboram o que as escolas espirituais falaram ao longo dos tempos: as manifestações da alma afetam a vida física.

Pensamentos repetitivos, emoções doentias e ações viciantes fazem surgir reações químicas associadas. Se o corpo for exposto repetidamente a esses pensamentos, emoções e ações, esse ciclo cria uma adaptação orgânica correspondente e o corpo humano estabelece uma relação de dependência nervosa e endócrina.

Apenas para ilustrar, vamos citar algumas descobertas da ciência relacionadas a essas questões, com o objetivo de confirmar

a percepção de que o caminho espiritual tem consequências diretas sobre nossa personalidade quádrupla.

A psicofarmacologista Candace Pert, estudando questões relacionadas ao sistema imunológico, chegou a conclusões importantes sobre como as células se comunicam. Ela ampliou o conhecimento da ciência a respeito de como as emoções podem ser traduzidas em moléculas bioquímicas, incluindo peptídeos, e como essas moléculas influenciam o funcionamento do corpo e a saúde. O médico Deepak Chopra chegou a conclusões equivalentes. O neurocientista Erick Kandel recebeu o Prêmio Nobel por suas pesquisas sobre os mecanismos moleculares da memória. Ele abordou a comunicação entre neurônios e os mecanismos moleculares subjacentes à plasticidade cerebral, ou seja, à capacidade do cérebro de se moldar aos estímulos que a alma cria. Poderiam ser citados outros estudiosos do assunto, mas isso desviaria o propósito deste capítulo.

Para muitas pessoas, o conceito de alma ainda é muito abstrato, um tema com pouca conexão com a vida.

Ao conhecermos as conclusões da ciência moderna nos campos da neurociência, da física e da matemática avançadas, temos a sensação de que a humanidade se aproxima de conceitos antigamente restritos às escolas de mistérios. Assim, a ciência contribui para que se compreenda de maneira moderna o trabalho que nos cabe como alunos: o de transformar nossa alma. Com o conhecimento atual, essa transformação deixa de ser algo abstrato ou místico e conecta-se diretamente com nossa vida no nível tangível e concreto.

Essas descobertas explicam por que grande parte da humanidade não questiona nada além da mediocridade da vida, pois estamos dependentes, no nível nervoso e endócrino, dos padrões

da vida humana. E quanto mais pensamos, sentimos e agimos na separatividade e no egocentrismo, mais criamos laços de repetição desses comportamentos.

E a vida segue nessa toada até atingir o ponto de saturação. Nesse momento, a consciência emite um grito de socorro. Esse grito, como uma flama eletromagnética de alta potência, ativa em todo sistema humano uma reação bioquímica diferente.

É nesse ponto de inflexão da vida que entra em cena uma outra bioquímica, que também afeta nosso sistema biológico e, assim, nossa vida. Trata-se da bioquímica que é estimulada a partir do campo da nova alma, em sua relação com o poder irradiante da centelha do espírito.

Dentro da Escola, esse assunto não é novo. Em 1953, Jan van Rijckenborgh desvendou e explicou, sob a ótica do caminho espiritual proposto pela Escola, os mecanismos que a ciência agora começa a discutir. Juntando as peças do grande quebra-cabeças, conclui-se o seguinte:

> a estrutura psíquica do ser humano pode ser comparada a um iceberg, do qual vemos uma pequena parte. Da parte que está abaixo da linha da consciência, tem origem a maioria dos estímulos incontroláveis que atuam em nossa psique;
> tentar mudar o curso da vida interior, sem levar isso em conta, é como querer mudar o rumo de um iceberg gigantesco com um pequeno remo nas mãos;
> essa situação torna a capacidade de percepção do ser humano extremamente falível; vemos apenas o que os envoltórios da consciência permitem, ou seja, não somos conscientes no sentido pleno, mas semiconscientes;
> a incapacidade de pensar, sentir e agir de maneira livre impregna-se em nosso sistema biológico, por exemplo, na forma de peptídeos, que são aglomerados de aminoácidos. Os peptídeos, por

> sua vez, formam as proteínas, que se relacionam aos músculos, às enzimas, ao sistema imunológico etc., ou seja, nossa vida;
> é possível quebrar esse ciclo vicioso quando entra em cena um elemento: a centelha do espírito em nosso coração energético. Ela desempenha esse papel, injetando hormônios de natureza diferente em nosso sangue – a natureza da nova alma. Esse novo hormônio, às vezes denominado de "hormônio crístico", dá origem a uma série nova de pensamentos, sentimentos e ações que fogem ao *status quo* da vida comum. Cabeça e coração renovados podem renovar o santuário da vida.

Com as explicações destes três últimos capítulos edificamos uma compreensão abrangente. Para concluir, retomemos o que cada um recebeu como tarefas discipulares quando ingressou no primeiro aspecto. Revisitar essas tarefas, com base no que se acabou de ler, deve trazer um impulso renovador para tomar o destino de nossa vida em nossas mãos.

No livreto "Material para os alunos e alunas da Escola Externa", está escrito que o autoconhecimento é uma nova capacidade que deve surgir na consciência humana diretamente das influências da centelha do espírito desperta e ativa no núcleo do microcosmo. Essa nova capacidade permite perceber a realidade do mundo interior a partir de uma perspectiva totalmente diferente. E, a partir da transformação da consciência, o que for construído interiormente será uma realidade em nossa vida.

Para chegar a essa construção viva, é preciso se conscientizar do seguinte:

> é a força da centelha do espírito que nos torna buscadores da verdade;
> quem pode realizar o processo espiritual é a consciência, mas nossa consciência está aprisionada;

> nossa tarefa então é fortalecer a consciência. Mas isso não deve ser entendido como fortalecer o pensamento, ou o sentimento ou a ação. Por isso, nossa consciência deve prestar atenção em seu próprio funcionamento. E prestar atenção não é forçar o pensamento, o sentimento ou a ação;
> quando essa tomada de consciência é alcançada, cria-se um espaço de percepção, um espaço livre em que a própria consciência pode se fortalecer e se expandir;
> mas como a consciência está presa pelo pensar, sentir e agir, é preciso que tudo isso seja impulsionado pela força da centelha do espírito;
> finalmente, quando esse exercer – não exercitar! – da força da consciência se tornar posse interior, a própria pessoa pode começar a interferir no funcionamento dos três centros da alma humana: cabeça, coração e pelve;
> esses três centros são os reservatórios de nossos apegos mentais, emocionais e vitais. Libertar-se desses apegos não acontece pela ação isolada do pensar, sentir ou agir. É a força da centelha do espírito que deve orientar esse processo. Lembrem-se de Krishna na carruagem com Arjuna;
> a tarefa, então, é buscar vivificar, diariamente, essa ligação, mediante um esforço da e na consciência. Esse é o catalisador de todas as mudanças, sejam no nível psíquico, mental, emocional ou mesmo físico.

Esse é o caminho de transformação que deve ser construído e trilhado. É um caminho com colorido individualizado. Por isso, cada um de nós deve viver as etapas descritas na total autonomia de seu discipulado. O campo de forças da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea está ao seu lado, caminhando de mãos dadas com você, dando-lhe todo apoio de que necessita nessa jornada.

A você cabe segurar essa mão e colocar os pés na estrada.

Uma caminhada cheia de frutos o aguarda, rumo à eternidade, dentro de você!

19. CONHECIMENTO, LIGAÇÃO E RENDIÇÃO

A tarefa de um aluno da Escola Espiritual é o renascimento da alma. E como isso pode ser realizado?

Os primeiros passos do caminho constituem o alicerce sobre o qual toda a senda da autoiniciação é construída. Esses primeiros passos estão relacionados à construção do triângulo equilátero da nova alma, a cujos lados denominamos: conhecimento, ligação e rendição.

O conhecimento se refere ao autoconhecimento, à nova compreensão; a ligação indica a ligação consciente entre a alma e a centelha divina; e rendição alude à autorrendição da vontade do eu à vontade do todo.

Esse triângulo equilátero da nova alma também se refere à renovação dos três santuários da consciência: a cabeça, o coração, e vida.

Todos que chegam à Escola começam a ter contato com o conhecimento universal que ela apresenta para a realização do caminho de autoiniciação. Pouco importa a maneira como encontramos esse caminho, seja por um amigo, um livro ou uma palestra. A verdade é que somos buscadores da verdade, desde algum momento especial em nossas vidas ou desde nosso primeiro alento de vida.

Por meio da infinidade de maneiras pelas quais o ensinamento universal chega até nós, em tudo que vimos, ouvimos ou lemos fomos instigados a buscar e aprofundar esse conhecimento. Porém, ao chegarmos à Escola, somos informados de que esse tipo de conhecimento, por mais amplo, valioso e profundo que possa ser, apenas nos trouxe às portas de outro conhecimento

ainda mais fundamental: o conhecimento de si mesmo, o autoconhecimento.

E logo percebemos que a definição de autoconhecimento aqui utilizada não trata de uma busca por características da personalidade nas camadas mais superficiais da autoimagem. Então, do que se trata?

Na Escola Espiritual não buscamos autoconhecimento focado na melhoria da personalidade, eliminando suas características consideradas indesejáveis e aprimorando aquelas às quais reputamos maior valor. O autoconhecimento ao qual nos referimos é uma ferramenta de libertação da consciência de sua prisão autocriada, e assim, não buscamos eliminar apenas algumas barras das grades que nos prendem, lustrando e polindo algumas outras. Isso apenas nos faria permanecer no espaço confinado de nossa própria prisão, talvez acreditando que estivéssemos em melhor situação. Porém, na verdade, nada teria mudado.

Para obter o real autoconhecimento libertador a que nos referimos, é necessário profundo mergulho interior na busca por entender, de forma clara, objetiva e serena, o funcionamento das nossas emoções, dos nossos pensamentos e da nossa vontade. E isso deve ser feito sem exercer nenhuma força para controlar ou modificar tais reações.

Na fórmula para renovação da cabeça e do coração, que se encontra na *Rosa Mystica* 108, é dito que se deve verificar se tais reações e ações encontram-se em acordo com o caminho que nos propomos percorrer, submetendo essa verificação à luz mesma. E para isso devemos enunciar: "Seja feita a Tua vontade e não a minha!"

Todos percebemos a intensidade da força que está latente em nós e nos impulsiona a seguir. Quando permitimos que

essa força circule em todo o nosso sistema, ele pode ser transformado. Pois essa circulação – que permite nos perceber em neutralidade e sem julgamentos – gera o espaço necessário em nossa consciência para uma nova compreensão.

Essa nova compreensão é o autoconhecimento, a capacidade de enxergar de um lado a consciência pura, aquele espaço de percepção silencioso e isento; de outro lado, perceber todos os fenômenos que nela circulam, os pensamentos, as emoções, os desejos.

Esse é o primeiro lado do triângulo equilátero da nova alma, o autoconhecimento, que dá início à transformação do santuário da cabeça, restaurando na consciência seu primeiro grau de liberdade, seu primeiro grau de livre-arbítrio.

Com a força do autoconhecimento, a consciência deve agora mergulhar profundamente em seu coração, pois nele ainda circulam, de maneira subconsciente, as correntes das ligações emocionais, as correntes dos sentimentos e dos desejos. Com a força do anseio de libertação, que brota da centelha do espírito, e com a luz do autoconhecimento que ilumina a cabeça, a consciência toma para si a grande tarefa de mergulhar nas profundezas do coração, iluminando-o completamente.

Desse embate da consciência, surge a libertação gradual do coração, na medida em que a nova compreensão ilumina, passo a passo, experiência a experiência, a natureza de nossas ligações subconscientes, libertando-nos da prisão da ignorância.

E, assim, surge no coração uma nova ligação, consciente, voluntária e de primeira mão. Pois, quando o nosso coração está livre das emoções, desejos, sentimentos e anseios relacionados à construção do que somos e do que queremos ser, a força-luz, que está encapsulada no átomo centelha do espírito, que é o

portador da vontade universal em nós, ocupa as câmaras do coração e transforma todo o seu funcionamento.

Quando liberada, essa força pode prosseguir rumo ao candelabro da cabeça, unindo-se à luz do autoconhecimento que já está presente ali, assim iluminando-o de maneira ainda mais poderosa e renovando os pensamentos.

Então, a ligação consentida e consciente é estabelecida pela luz entre o coração e a cabeça, que agora funcionam de maneira integrada, a partir da força da centelha do espírito. Essa é a unidade da cabeça e do coração, a maravilhosa unificação dos dois polos da consciência que se erguem agora, formando os dois lados do triângulo equilátero da alma.

Isso é algo sublime, uma verdadeira bênção aos alunos que conseguem galgar esse estado; essa unidade cabeça-coração forma uma base estável, um espaço interior de luz e de silêncio, que preenche o coração e a cabeça de uma paz que não se pode descrever em palavras.

Mas o triângulo equilátero da nova alma ainda não está completo, e o passo seguinte é decisivo: é o passo que requer do aluno o engajamento de uma força ainda mais poderosa.

Trata-se da força de sua vontade, que é a força mais elevada que se manifesta em todos os seres vivos, neles refletindo o ápice de sua manifestação como espelho da manifestação universal. Por essa razão, no ser humano a vontade é denominada de sumo sacerdote, pois ela está por trás de tudo o que realizamos, de tudo o que fazemos. Ela se encontra no comando dos pensamentos, dos sentimentos e, principalmente de nossas ações e reações.

Porém, em nosso estado de vida comum, a vontade se encontra aprisionada pelas forças atávicas que residem no santuário da

vida. São as forças que surgem de nosso instinto de sobrevivência e de seu constante mecanismo de espreita, ataque e fuga.

Enquanto não ocorrer uma profunda modificação no funcionamento de nossa vontade, o santuário da vida permanece como uma cidadela inexpugnável do velho eu, e a nova alma não atinge maturidade, vivendo de forma instável pelas oscilações inerentes ao funcionamento da consciência no coração e na cabeça.

Por essa razão não se pode parar nesse estágio da ligação consciente entre o coração e a cabeça; pelo contrário, é preciso seguir e confrontar nosso maior inimigo que é o núcleo de nosso eu natural, que reside no santuário da vida. Na prática, precisamos estabelecer uma relação harmoniosa entre a nossa vontade e a vontade universal, realizando o que denominamos rendição do eu, ou autorrendição.

A Escola Espiritual nos ensina que a vontade é o atributo mágico da alma, porque por meio dela o homem é capaz de usar uma força magnética que é, por natureza, sem forma e abstrata.

A vontade determina o pensamento e o dirige, criando assim, as imagens– pensamento. A vontade suscita as forças-desejo no santuário do coração, mantendo nossa vida astral em constante agitação. Ou seja, a vontade, como a recebemos e possuímos de acordo com a nossa condição de nascidos desta natureza, está voltada para a nossa conservação, por isso nunca contribui para o processo de libertação. Portanto, é essencial que o aluno compreenda a natureza do desafio que enfrenta ao dar os primeiros passos na autorrendição, caso contrário, pode cair numa armadilha.

Compreenda bem: render-se à vontade universal não é anular a sua vontade nem se tornar indiferente à vida, entregando-se de

forma negativa ao sabor dos acontecimentos. Render-se à vontade universal é executar uma fórmula, uma verdadeira fórmula alquímica que precisa utilizar os 7 elementos de consciência-eu para transformá-la. Essa fórmula dá a chave de como transformar a vontade, invertendo sua polaridade em ação dinâmica sobre os 7 elementos de nossa consciência-eu.

Ela começa dizendo: "dai e vos será dado", ou seja, primeiro é preciso criar espaço, para então permitir que uma nova força nos preencha. Por isso ela afirma: "o aluno deve começar dando, e não pedindo; somente então o segredo da medida transbordante lhe será revelado".

E, para que isso aconteça, para que a ligação entre o que está em cima e o que está em baixo aconteça, para que a vontade humana seja novamente ligada e orientada pela vontade do todo, é imprescindível que tenhamos uma atitude inteligente e consciente de cooperação com essa força, abrindo-lhe espaço em todos os aspectos de nosso ser. Como?

- permitindo que o átomo centelha se torne ativo;
- abrindo sua alma à força do átomo centelha;
- realizando toda a renovação necessária;
- estabelecendo e sustentando a ligação com o Logos;
- realizando o que for preciso, utilizando sua inteligência;
- superando as dificuldades;
- vencendo na alma e por intermédio dela.

Todos que estão dispostos a realizar esse sacro ofício sétuplo são auxiliados com a força necessária para trilhar o caminho. Por isso é preciso iniciar esse caminho dando e não pedindo. Aquele que se doa, recebe em abundância.

Esse processo se concretiza em meio às experiências da vida. É pela observação de nós mesmos, mediante as tribulações que

vivemos, que percebemos nossos apegos e as ilusões que construímos, para assim superá-las.

Abrindo todo o nosso ser à força da vontade universal, realizamos a mudança fundamental do santuário da vida que, em primeiro lugar, se traduz em uma mudança interior, a nova atitude de vida, para depois manifestar-se como a nova ação libertadora, o novo poder da ação.

Dessa forma, em conhecimento, ligação e rendição, mediante o autoconhecimento, a ligação consciente e a autorrendição, ergue-se o radiante triângulo equilátero da nova alma, na cabeça, no coração e na vida.

Que não nos falte coragem para celebrar com alegria, gratidão e amor o sacro ofício sétuplo!

Sim, que assim seja!

20. NOVA ATITUDE DE VIDA

Um axioma muito utilizado pela Escola Espiritual fornece uma chave importante para a senda da autoiniciação: "estado de consciência é estado de vida". Nele se encontra a ordem que deve ser seguida no processo alquímico da autoiniciação: primeiro é necessário transformar a consciência para, em seguida – como consequência espontânea – transformar a vida.

Os versos áureos de Pitágoras dizem: "Nunca faças algo que não compreendas. Mas aprende tudo o que necessitas saber, e assim terás uma vida ditosa". E, em linguagem contemporânea, a Rosacruz Áurea traduz essas palavras da seguinte maneira: "Não façam nada que não esteja claro em sua consciência. Pois a consciência é o instrumento que impulsiona o processo de mudança fundamental, ela é a alavanca propulsora".

Ainda que tais palavras pareçam óbvias – primeiro compreender para depois fazer – especialmente no mundo complexo e desafiador em que vivemos, elas têm significado muito mais profundo do que parecem: esses axiomas não se referem à vida comum, mas a como transformar nosso estado de vida através de uma nova compreensão.

Para maior clareza, é possível mudar a perspectiva e reformular o que está acima, dizendo: "Não tente agir de maneira nova *antes* de possuir uma nova compreensão".

Qual seria a consequência de tentar agir de maneira nova, isto é, viver de acordo com o que nos pede a senda da autoiniciação, sem antes possuir um pouco da nova compreensão? O resultado seria, obviamente, que nossas ações refletiriam nosso velho estado de consciência.

E, se nos forçássemos nesse caminho, a consequência seria nos tornarmos ainda mais egocêntricos e aferrados aos velhos hábitos de vida. Em outras palavras, isso apenas reforçaria as tendências ocultas, místicas e mágico-naturais de nossos três santuários – o coração, a cabeça e a vida.

Por essa razão, o caminho da Escola começa de uma maneira totalmente diferente.

Primeiro, com base no toque da centelha do espírito no âmago de nossa consciência, começamos por construir um novo triângulo, o triângulo da nova consciência. Desse modo começamos por adquirir o novo conhecimento essencial para atingir uma nova maneira de agir. Como foi explicado no capítulo anterior, é preciso construir esse novo triângulo, cujos lados são: autoconhecimento, ligação consciente e, principalmente, autorrendição.

Mas também é preciso compreender profundamente nosso estado de ser, como seres nascidos desta natureza, aprisionados a condicionamentos impostos pela sociedade e cultura, e pelas heranças cármicas e sanguíneas. Esses condicionamentos são trilhas profundas em nossa existência, que precisam ser rompidas.

Ou seja, ao mesmo tempo que construímos a base de um novo estado de consciência, é preciso reconhecer o lastro que carregamos, sobretudo nas profundezas do nosso santuário da vida.

E, assim, partindo do chão firme de nossa realidade interior, utilizar todas as ferramentas que a Escola Espiritual oferece para dar início à transformação de nossa vida concreta.

A Escola da Rosacruz Áurea, com sua estrutura de linhas de forças que emanam do campo crístico e são dinamizadas para o mundo e a humanidade, oferece um verdadeiro cabedal de novas e poderosas possibilidades. O auxílio do campo de forças é

fundamental, porque os 3 centros de nossa consciência – localizados nos santuários da cabeça, do coração e da vida – precisam ser renovados, reconstruídos e transmutados.

No estado de vida comum, eles funcionam em desarmonia: pensamos, desejamos e agimos como se estivéssemos em um jogo de cabo de guerra, cada um desses aspectos nos puxando para seu lado, tentando se impor à nossa consciência, a partir da força eu-centralizada que os impulsiona em direções diferentes.

Paulo, na carta aos Romanos, descreve esse estado caótico da seguinte maneira: "Pois o que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero fazer esse eu continuo fazendo".

Como alunos de uma escola transfigurística, o que devemos fazer para reequilibrar esses três centros de nossa consciência?

Antes de responder essa pergunta, é melhor compreender o que não devemos fazer. O aluno dedicado precisar ter o conhecimento interior de que nunca mudará seu estado de vida a partir de sua consciência eu-centralizada, mediante a magia forçante da vontade de seu eu da natureza. Como mostrado acima, a tentativa de mudança dos três santuários em busca da autoiniciação, partindo de força provinda da vontade eu-centralizada, leva apenas ao reforço ainda maior da consciência egocêntrica nos três santuários pelo ocultismo (no santuário da cabeça), pelo misticismo (no santuário do coração) e pela magia natural (no santuário da vida). Tal atitude causa repressão de energias existentes no sistema do aluno. E essas energias, que se acumulam como as águas retidas por um dique, terminarão por rompê-lo, danificando todo seu sistema de vida. Portanto, tal resultado nunca será bom.

Então, qual é o caminho que a Escola apresenta, que leva à verdadeira transformação?

A transformação proposta pela Escola fala de uma mudança espontânea e não de uma mudança forçada. Uma mudança consciente, sólida, construída a partir do autoconhecimento verdadeiro e da ligação de nossa alma à centelha divina.

Porém, diante da resistência de nosso eu natural, entrincheirado em nosso santuário da vida, como podemos falar de uma mudança espontânea e não forçada? Sobre isso a Escola também não fala de um combate interior? Como equacionar os dois lados dessa questão: de um lado, a necessidade de um combate interior; de outro, uma mudança que deve surgir espontaneamente?

A resposta precisa ficar clara: o combate deve ocorrer no âmbito da consciência; e em decorrência desse combate, a mudança surge espontaneamente em nossa atitude.

Como isso ocorre? O primeiro passo é construir os dois primeiros aspectos do triângulo da nova consciência – ou seja, uma mudança na cabeça e no coração, a partir do autoconhecimento e da ligação consciente à centelha divina.

Quando essa mudança inicial ocorre, o aluno está pronto para o terceiro passo decisivo, que é a transformação de sua vontade, a qual denominamos autorrendição.

Autorrendição não significa anular a própria vontade; autorrendição significa mudar a polaridade da vontade. A vontade comum está voltada para o eu natural; a nova vontade tem como centro a centelha divina. Esse é o significado prático do axioma: "Que seja feita a Tua Vontade, e não a minha".

Essa é a grande batalha, pois a vontade, a força mais poderosa do eu natural, não se rende facilmente. Ela precisa ser vencida em batalhas diárias, travadas a cada batida do coração; batalha que demanda constante autodesmascaramento em que, em esforço crescente de autoconhecimento e apoiado pela ligação

cada vez mais real à centelha divina, vamos descendo às fontes de nosso subconsciente, revelando a verdadeira natureza das forças que movem nossa vontade.

A cada passo no campo da batalha interior da consciência avançamos de uma trincheira a outra, transformamos nossa vontade de um fogo egocêntrico incontrolável, em uma chama harmoniosa e inextinguível, a flama da nova vontade.

E o fruto dessa batalha é que o santuário da vida, até então impenetrável à força da centelha divina, começa a se abrir gradualmente, iluminado por sua luz, assim como os raios da aurora despontam no horizonte, anunciando um novo dia.

Essa é a mudança espontânea, e não forçada, que ocorre como resultado natural da grande batalha travada pela consciência, a mudança anunciada pelo verso 51 da *Rosa Mystica*:

> Estado de consciência é estado de vida
> Oh! Que possamos ter consciência
> Da nova era que surgiu
> No decorrer dos tempos!
> A luz matinal surgiu, o dia chegou.

Por essa razão, a Escola Espiritual descreve essa mudança espontânea como "uma nova atitude de vida", nova atitude interna como nova predisposição diante de tudo o que ocorre em nossa vida. Essa mudança ocorre nos fluxos de energia do corpo etérico, o corpo vital superior, o qual, pouco a pouco, passa a alimentar-se dos novos éteres disponíveis no corpo vivo da Escola, que começam a ser metabolizados pelo santuário da vida do aluno.

É assim que começa uma mudança real na vida do aluno. Uma mudança espontânea em sua atitude interior, fruto da

grande batalha travada por sua consciência. Essa mudança só ocorre quando parte de uma força que não provém desta natureza, uma força dinâmica e vibrante – a força do Uno, a força do Pai-Mãe do Universo.

"E onde está a fonte dessa força?", você pode se perguntar. Essa força já está em você, ela sempre esteve em você, em seu coração energético, pulsando a cada batida de seu coração de carne e de sangue, tentando ser ouvida por sua vontade eu-centralizada. Ela é a centelha do espírito, que não pertence a esta natureza, e que ao mesmo tempo vive e pulsa em seu ser, em consonância com o Ser Divino! Porém, envolvido pelo burburinho de seus desejos, apegos e ações impulsivas, talvez você não ouça o seu contínuo pulsar.

E assim seguimos nossa caminhada, dia após dia, ano após ano, nesse giro sem fim de nossa vida. E lá, com seu infindável amor, a centelha divina continua nos fustigando na esperança de que acordemos do sono letárgico em que vivemos. Se no exato momento de confronto interno tivermos a coragem de seguir seu impulso, então sempre poderemos reiniciar nossa caminhada.

A força que alimenta a centelha divina, provinda do Pai-Mãe do Universo, começa a circular em nosso sistema, primeiramente iluminando nossa consciência eu-centralizada, em nosso santuário da cabeça.

Tocada por esse fogo, em um momento fugaz, como que por um milagre, ela é iluminada por esse flash de luz, qual relâmpago em uma noite escura, que clareia nosso interior, e nos mostra e dá forças para os primeiros passos no caminho rumo à montanha de onde provém nosso socorro.

No momento em que a consciência se volta para a centelha divina, e como um espelho passa a refleti-la, o ser humano

tocado diz: "Sim, esta é a verdadeira realidade, este é o verdadeiro caminho!"

Assim, na unidade da cabeça e do coração, é iniciado o trabalho da mudança da vida, a mudança energética do santuário da vida e de todo o sistema de forças do microcosmo. Nesse estado de ser ocorre a mudança do corpo etérico, que passa gradualmente a alimentar-se de um novo fluxo energético, de novos éteres que, pouco a pouco, libertam o aluno das antigas correntes etéricas e astrais que condicionavam seu comportamento.

Travando o bom combate, a luta contra seu antigo estado de consciência, o aluno abre uma porta em seu santuário da vida e em seu corpo etérico para os quatro novos éteres, os quatro alimentos santos que lhe permitem a transformação espontânea e o levam a uma nova atitude de vida.

E então, na realidade de sua vida, ele também testemunha, cheio de gratidão e de júbilo interior:

> Estado de consciência é estado de vida;
> Estado de vida é estado sanguíneo;
> Estado sanguíneo é ação imperiosa
> Em espontânea atitude de vida!

21. A AÇÃO JUSTA E LIBERTADORA

Nada existe sem uma ação concreta. Desde o aspecto mais denso e bruto do mundo físico, até a faceta mais abstrata dos mundos sutis, tudo o que existe e se manifesta é precedido de uma ação.

Essa afirmação pode soar estranha aos que se propõem seguir a um caminho espiritual, podendo parecer algo materialista. Eles se perguntarão: Por que a Escola Espiritual atribui tanto valor à ação? Por que ela estimula os alunos a encontrar uma nova maneira de agir? Por que ela afirma que apenas esse "novo agir" o liberta do carma?

Este capítulo analisa a verdadeira essência da ação e a maneira como ela plasma toda existência.

O primeiro axioma hermético, que se lê no *Kybalion,* diz: "tudo é mente – o Universo é mental". Diante dessa afirmação, dizer que a ação concreta é a única base real da manifestação universal parece a antítese do que comumente se ensina nos círculos esotéricos. Mas por mais poderoso que um pensamento possa ser, se ele não gerar um efeito concreto, ele não muda a realidade.

Trazendo essa percepção para o âmbito do caminho proposto pela Escola, um "novo pensar" que não se traduza em um "novo agir" não é, por si só, libertador. Essa é a maneira correta de entender a consequência mais ampla do princípio proposto pela Escola quando diz: "estado de consciência é estado de vida". É impossível existir uma "nova consciência" que não se traduza em um "novo estado de vida".

Até a sabedoria dos povos reconhece tal verdade quando afirma: "saber, e não fazer, é não saber". Somente se realiza algo na senda da autoiniciação quando se muda a maneira de agir.

Diante disso, poderia parecer simples avançar pela autoiniciação: bastaria nos forçarmos a mudar a maneira de agir, e pronto! Correto? Algo como uma iniciação à moda do macarrão instantâneo!

A óbvia ironia desse raciocínio deveria nos convidar a algo mais profundo do que um mero sorriso, pois aqui se esconde o drama dos incontáveis seres humanos que, a despeito de todos os seus esforços, não mudam a maneira de agir, e seguem sua vida como prisioneiros de hábitos e reações, sem jamais escapar desse círculo vicioso e aprisionador.

A questão fundamental é: nossas ações não mentem; nós é que mentimos a respeito delas.

Talvez um exemplo ajude a compreender melhor essa questão. Pense em alguém que detesta outra pessoa. Ela sabe que isso é reprovável e não aceita seu próprio comportamento.

Lendo livros de autoajuda, assistindo a vídeos de influenciadores, seguindo conselhos de *coaches*, ou pedindo auxílio a uma divindade em que acredite, ela se força a mudar a maneira de agir através de treino, exercícios, pura contrição, ou qualquer outro tipo de prática.

E qual é o resultado? Uma farsa, pois a aversão à outra pessoa permanece. Se medisse sua pulsação, pressão arterial, transpiração, os hormônios que jorram para seu sangue, a dilatação de suas pupilas, todos os seus sinais vitais mostrariam um quadro tenso e intenso de ameaça, em que seu corpo está pronto para atacar ou fugir.

Porém, seu rosto sorri, e ela profere palavras afáveis. O que ela está fazendo? Ela não está agindo, mas representando. Nessa hora, ela não é agente mas ator.

A raiz da palavra ator provém do radical "act" que é a mesma de agir. Mas ela indica uma aparência de ação, não uma ação real. Toda tentativa forçada de mudar nossa maneira de agir não possui base sólida, pois não passa de representação. Quando nos forçamos a isso, estamos fingindo ser o que não somos. Enquanto nossas palavras mentem, nosso estado de ser nos conta a verdade sobre quem somos.

Essa é a razão pela qual, na Escola Espiritual, não é utilizado nenhum método de treino, exercício, prática ou magia forçante para mudar a maneira de agir. Isso não é feito porque não funciona.

Aprendemos desde muito cedo a arte de dissimular nossas verdadeiras intenções para conseguir o que queremos dos outros: somos verdadeiros atores profissionais! Por isso, qualquer mudança não pode passar diretamente para a ação, pois o resultado seria apenas mais dissimulação.

A mudança precisa brotar da realidade de nosso estado de ser. Ela precisa ocorrer no nível real, no plano invisível e interior de nosso santuário da vida, ou seja, em nosso corpo. Ela não pode ser uma aparência de tolerância em relação ao próximo. Ela precisa ser a manifestação espontânea dessa tolerância, que se confirma pelo bater de nosso coração, pelo que emana de nosso sangue, pelo que irradia de nossos olhos.

A mudança precisa ser o reflexo de quem já somos. Nossas palavras precisam ser o testemunho do que já irradia de todo o nosso ser.

Quando agimos assim, desencadeamos uma verdadeira revolução. Uma revolução que ocorre em nós e em nossos semelhantes, que brota de uma nova maneira de agir. À essa nova maneira de agir, a Escola denomina de "ação libertadora".

Essa ação libertadora possui o poder de transmutar o carma. Deixando de lado conceitos esotéricos complexos, no nível concreto e real de nossas vidas carma significa a força que nos faz repetir experiências eternamente, sem que nunca nos transformemos de verdade.

Mas existe uma nova maneira de agir, que é a consequência de um novo estado de ser, de uma nova atitude interna, que deve brotar de uma clara e profunda compreensão de nós mesmos, que denominamos de nova consciência.

Essa nova ação que transmuta o carma é conhecida como *dharma*, que significa a ação justa. No *Bhagavad Gita*, Krishna ensina a Arjuna as várias sendas que levam à ação justa. São as diferentes *yogas*, ou os diferentes caminhos da unificação: que indicam a autorrevolução que deve ocorrer em todos os aspectos e papéis de nossa vida.

Nessa autorrevolução é preciso ter a coragem de deixar de representar um papel, deixar de agir a partir da projeção mental e emocional de um modelo aceitável: é preciso agir a partir de um novo estado de ser, de uma nova realidade interior. É preciso ter a coragem de arrancar nossas "personas" (as máscaras que se usavam no teatro grego) para viver a vida real.

Em suma, deixar de viver como máscaras, como personalidades, para viver a partir da realidade da alma. Assim, livres da farsa do eu, livres das máscaras de nossa personalidade, somos capazes de agir a partir da nova alma, da nova consciência,

que mediante uma nova atitude de vida se manifesta em ação libertadora.

Essa é a senda da ação, a senda do coração, a senda que transforma o carma em dharma, a senda que liberta a partir da alma.

Para que isso de fato ocorra, uma transformação essencial precisa ocorrer em primeiro lugar: a autorrendição. Se não oferecemos todos os aspectos de nosso ser à Onivontade do Ser Divino em nós, se voluntariamente não rendemos a vontade do eu à Vontade Universal em nosso ser, continuamos a representar um papel. Talvez o papel mais elevado e sublime que um ser humano possa aspirar a representar: o papel de um aluno que trilha a senda interior. Vez ou outra a verdadeira natureza desse ser se imporá, e revelará seu real estado de ser.

Para que essa farsa não ocorra, é essencial que desde o primeiro passo na senda se tenha a coragem de encarar de frente a necessidade incontornável de uma autorrendição incondicional de nosso eu ao ser divino em nós. Isso não significa anular-se como ser humano, ou viver uma vida sombria e desprovida de brilho e de alegria. Muito pelo contrário!

A verdadeira autorrendição é a única fonte de júbilo e de libertação; ela é a única saída para sofrimento sem fim e sem sentido do eu, que busca objetivos inatingíveis de realização, plenitude e felicidade.

Sim, pois o eu busca como alguém que persegue miragens no deserto. Quando se descobre isso, cessa toda a dor e sofrimento. No mesmo momento em que a vontade do eu se rende à Vontade do Todo, a força mais poderosa do Pai-Mãe do Universo vem a nós, preenchendo-nos como um bálsamo que cura as feridas do peregrino que alcança um oásis.

Não se trata mais de uma miragem, mas de uma nova realidade. No deserto da vida encontramos novamente a fonte da Água Viva, que brota em profusão e faz florescer a Rosa das Rosas.

Assim, em pleno deserto, na realidade nua e crua de nossa existência, encontramos o sentido de nossa vida, o sentido de cada papel que devemos desempenhar, o sentido em nosso carma e em todas as experiências que se repetem em nossa vida, em nossa família, em nossa profissão e em todos os nossos relacionamentos.

Interpenetrada pela água viva (a inteligência universal da vontade divina), a areia seca e poeirenta do carma de nossa vida comum se transforma no solo fértil de uma nova vida, onde as sementes do verdadeiro sentido de nossa existência brotam, crescem, florescem e dão os frutos do *dharma*, os frutos da ação justa e libertadora.

Assim, a inteligência universal nos mostra o que deve ser feito, em cada momento, e em cada situação, e na força invencível da vontade universal, transformamos cada uma de nossas ações em um testemunho da única ação libertadora, a ação que brota do coração, a ação que brota do âmago da alma.

Que assim seja!

22. HÍLICOS, PSÍQUICOS E PNEUMÁTICOS

A observação de nossa realidade pessoal mostra que a alma, nossa consciência, não é um bloco único e monolítico, mas oscila entre extremos quase irreconciliáveis. Sendo colocados diante dos desafios da vida, ora expressamos grande grau de maturidade, ora parecemos uma criança imatura que não sabe o que quer ou o que fazer. Esse também é o retrato da humanidade, em que o grau de amadurecimento espiritual varia em cada ser humano.

Imaginem a complexidade da engenharia espiritual para auxiliar esse tecido existencial tão variado! Tente imaginar-se tomando conta de um gigantesco jardim de infância com 8 bilhões de crianças que travam entre si, a cada segundo, as relações mais complexas e inimagináveis!

Como você dividiria as turmas? Como alocaria os professores e monitores entre elas? Qual seria o auxílio para cada tipo de aluno? A quem colocaria no colo e com quem seria firme?

Essa é uma metáfora simples e abrangente do trabalho da Fraternidade da Vida que cuida desse complexo emaranhado que abrange todas as esferas da vida, desde a material até a mental. E é a alma do mundo, por meio das escolas espirituais, que sempre cuida desse grande jardim de infância planetário.

Como essas escolas, incluindo a nossa, classificam a variedade de maturidade espiritual da massa humana?

No passado, uma das importantes figuras do gnosticismo original, Valentim, empregou os termos hílicos, psíquicos e pneumáticos para classificar os tipos humanos.

Hílicos eram aqueles completamente imersos na matéria e na ignorância espiritual; os psíquicos eram os que possuíam

uma alma capaz de se elevar através da sabedoria ou gnose, e os pneumáticos eram os que tinham a centelha divina em estado de plena atividade, estando destinados à união com o pleroma, como ele denominava o divino.

Embora esses termos sejam mais associados ao gnosticismo e, portanto, à nossa Escola, eles também apareceram em outras tradições esotéricas e filosóficas ocidentais e orientais, com variações de significado ou com conceitos análogos. De certa forma, essa divisão expressa a maturidade espiritual e o grau de atividade da centelha do espírito no coração energético do ser humano.

A centelha do espírito exerce papel central nessa multiplicidade, pois ela é a essência divina latente no ser humano que está mais ou menos ativa, dependendo do grau de receptividade e amadurecimento da personalidade que a carrega: em alguns ela está ativa e vibrante, em outros está adormecida.

O despertar dessa centelha, ou melhor, o despertar do portador dessa centelha, é o que impulsiona o processo de transfiguração da alma e a consequente evolução espiritual.

À medida que a centelha do espírito começa a irradiar sua força, ela provoca uma transformação na consciência do indivíduo, tornando possível sua passagem gradual do estado hílico para o pneumático. No exemplo do grande jardim de infância, para cada um desses três grupos existe um caminho espiritual próprio para cada classe, turma ou escola, caminho que atende os alunos de acordo com suas necessidades e possibilidades particulares.

A compreensão desse processo é essencial para se ter uma visão clara de como a grande inteligência espiritual planetária, a alma do mundo, possibilita a cada indivíduo um caminho espiritual particular. Essa compreensão também é importante

para perceber as possibilidades de crescimento e transformação que são oferecidas à grande coletividade humana.

Esse entendimento permite compreender a razão pela qual a Escola da Rosacruz Áurea está em processo de mudança, agora que entramos a pleno vapor na frenética Era de Aquário: como grupo, precisamos prestar auxílio a todo ser humano que deseje a transformação interior, a partir de sua ligação com o espírito. Mas com inteligência para perceber quais são as características e as necessidades específicas de cada um desses três grandes grupos humanos. Somente assim a Escola, dentro da sua proposta de trabalho, pode "abrir turmas específicas" para cada um dos grandes grupos de seres humanos.

E quais são as necessidades desses três grandes grupos?

No primeiro estágio de desenvolvimento humano, o hílico, estão aqueles cuja consciência está profundamente enraizada no mundo material. O termo "hílico" deriva da palavra grega *hyle*, que significa "matéria", e simboliza uma condição em que o indivíduo vive predominantemente voltado para as preocupações e os prazeres do mundo físico.

Para os hílicos, a realidade espiritual é desconhecida ou irrelevante, uma vez que suas energias e atenções estão inteiramente dirigidas às necessidades sensoriais e materiais.

Nesses indivíduos, a centelha do espírito encontra-se em estado latente, obscurecida pela densa identificação com o corpo e as emoções; há pouca percepção de uma dimensão além do que os sentidos físicos podem captar. A falta de maturidade espiritual os impede de compreender as realidades mais sutis da existência e, como resultado, estão sujeitos a uma vida marcada por ciclos de desejo, frustração e insatisfação.

O hílico vive preso na ilusão do ego, ignorante de sua verdadeira natureza. Por isso, o caminho espiritual que melhor pode beneficiar o hílico é aquele que, inicialmente, o desperta para a existência de uma dimensão além do mundo material.

Esse despertar inicial não é imediato e requer trabalho paciente, visando deslocar gradualmente o foco da consciência das relações temporais para a busca de um sentido mais profundo e eterno. Muitas vezes, são os poderosos golpes de Karma-Nêmesis, a deusa cega da justiça divina, que faz a consciência hílica acordar para a realidade da vida e perceber que há muito mais do que apenas o mundo sensorial.

É assim que o hílico pode começar a despertar: quando confrontado com a transitoriedade da vida material, uma pequena brecha para a possibilidade da busca espiritual pode ser aberta. Como alunos, o melhor auxílio que se lhes presta é dar nosso exemplo e compreender que o tempo e as experiências serão os grandes mestres.

O segundo grupo, os psíquicos, ocupa uma posição intermediária no desenvolvimento espiritual. O termo psíquico refere-se à dimensão da alma e à capacidade de perceber o mundo dos pensamentos, das emoções e das ações para perceber as experiências internas.

Ao contrário dos hílicos, os psíquicos já possuem algum grau de sensibilidade espiritual e estão conscientes de uma realidade além do mundo material. No entanto, sua compreensão dessa realidade espiritual ainda é limitada pela natureza dualista de sua consciência, que oscila entre o material e o espiritual, o temporal e o eterno.

A centelha do espírito nos psíquicos já começou a emitir algumas irradiações, despertando neles o anseio por algo além

do mundano. Entretanto, essa irradiação ainda é fraca e, muitas vezes, o psíquico está dividido entre as demandas do ego e os apelos da alma.

A consciência do psíquico é caracterizada por um intenso conflito interno, onde as forças do eu inferior, fortemente alimentadas pelos desejos e emoções, competem com a influência da centelha do espírito que se manifesta como aquilo que a Escola chama de pré-memória, uma espécie de aspiração espiritual inexplicável que o leva à busca espiritual.

O desafio do psíquico é purificar a consciência, para que ela se torne um receptáculo mais adequado para a luz do espírito. Neste caso, o auxílio da Escola é ser um portador dessa luz! Para os que estão nesse estágio, a proposta de um caminho espiritual deve dar ênfase à transformação da alma, ajudando o indivíduo a reconhecer a impermanência das suas emoções e pensamentos, e a direcionar suas energias para a busca de uma união mais íntima, mais autônoma e consciente com a centelha do espírito.

Em resumo, ser humano psíquico está mais próximo da realização espiritual, podendo desenvolver uma sensibilidade mais profunda e ressonante à centelha do espírito.

O último estágio de desenvolvimento é o do pneumático, palavra que deriva de "pneuma", que significa espírito. Descreve um estado de consciência em que o ser humano vive, ainda que em um grau inicial, em harmonia com a centelha do espírito.

Para os pneumáticos, a realidade espiritual não é uma abstração ou uma possibilidade distante, mas uma experiência viva e direta. Eles atingiram um nível de consciência em que a identificação com o ego e o corpo foi transcendida, e a irradiação da centelha do espírito permeia todos os aspectos de sua vida.

Em essência, o pneumático é um ser espiritual cujas ações, pensamentos e emoções são guiados pela sabedoria do espírito, pela *Sophia*.

Nesse estágio, a alma terrena, transitória e mortal, limitada e finita, passou ou está passando pela ligação consciente com os Raios do Espírito Sétuplo e, assim, está frente ao processo de transfiguração, tornando-se uma alma eterna, imortalizada pela luz do espírito. O processo de metamorfose da alma, que começou nos estágios anteriores, alcança aqui a maturidade.

O caminho espiritual do pneumático é o caminho do retorno à unidade com o divino, caminho que abre as portas para ficar livre dos conflitos e obstáculos que marcam os estágios anteriores; é um caminho de profunda entrega e serviço ao espírito. O pneumático se torna um canal para a manifestação da vontade divina no mundo físico, vivendo uma vida de serviço desinteressado e de compaixão.

Compreendendo as características das três grandes categorias de consciência, fica evidente que cada grupo requer um tipo específico de abordagem espiritual.

Não é possível que todos os indivíduos sigam o mesmo caminho espiritual, pois cada um está em um estágio diferente de desenvolvimento e possui diferentes capacidades de ressonância com a centelha do espírito.

Apesar de apontar para um único caminho, a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea é na realidade três escolas que se conectam e se complementam de forma transparente em termos de proposta de trabalho espiritual. Cada uma dessas três Escolas tem sua proposta de trabalho e busca atingir determinados objetivos.

E esse caminho precisa sempre ser atualizado e renovado em sua roupagem exterior, caso contrário se cristaliza e desaparece do radar de interesse dos buscadores.

J. van Rijckenborgh diz o seguinte a respeito dessa necessária renovação:

> A Escola explica as emanações que provêm do Pleroma com base nos fenômenos (…) da atualidade. Contudo, por mais moderno que isso nos possa parecer, são as mesmas verdades imutáveis transmitidas à humanidade, quer as consideremos no início de nossa era, quer as consideremos no presente.
>
> Todavia, no transcorrer do tempo, sempre se torna audível novo chamado gnóstico, pois as emanações da força divina eterna, ao longo dos tempos, sempre encontram situações diferentes.
>
> O tempo não deixa o mundo e a humanidade intatos. Aqui tudo está sujeito a modificações, visto que toda a natureza da morte, com tudo o que nela está contido, se consome, se cristaliza, se desvanece em véus cada vez mais densos …, em alternância e giro da roda praticamente eternos.
>
> Por essa razão, as emanações do Pleroma, embora permaneçam inalteravelmente as mesmas, deparam-se aqui, … no presente, com um mundo e uma humanidade totalmente diferente das do passado. Consequentemente, são necessários diferentes métodos de trabalho na utilização das emanações divinas.
>
> A humanidade precisa sempre ser tocada de modo diferente, para que a senda da salvação eterna possa ser aberta em todas as épocas e em todas as situações, tornando possível a salvação, na prática, agora.[14]

14. Rijckenborgh, J. van. *A gnose em sua atual manifestação*. Cap. VI – 1, Rosacruz, 2007.

23. AS TRÊS ESCOLAS

Vive-se hoje como dentro de um acelerador de partículas, onde colisões constantes de ideias, culturas e experiências geram tanto momentos de clareza e inovação, quanto crises e rupturas pessoais e sociais.

Os acontecimentos se desenrolam com rapidez crescente, exigindo esforço contínuo para entender e responder de forma equilibrada e consistente. Diversos temas surgem simultaneamente, impactando nossa consciência como verdadeiros blocos de concreto. Assim como nas colisões de partículas no laboratório, existe o risco de desintegração, que tem contribuído para crescente sensação de desorientação e confusão.

Por paradoxal que possa parecer, a origem desses movimentos está em nós, não fora de nós.

Atualmente atingiu-se um grau de individualidade jamais visto. Some-se a isso o impacto que o indivíduo comum recebe por meio das mídias sociais, e temos elementos para entender nossa situação.

O processo de desenvolvimento humano nos levou a este ponto de individualidade, como um limite para a vida.

Uma vida baseada em acordos sociais parece cada vez mais distante. As demandas específicas de cada um se tornaram tão particulares, que mesmo que as organizações, países e empresas se desdobrem para atendê-las, há muita frustração.

Um exemplo lúdico para ilustrar essa ideia seria imaginar um restaurante onde cada cliente tem preferências tão específicas que, mesmo com um cardápio gigantesco e um chef extremamente talentoso, ainda assim ninguém ficaria completamente satisfeito. Uma pessoa quer um prato vegano, mas com temperos

de uma cozinha asiática muito específica e só aceita legumes colhidos na lua cheia. Outra quer um prato italiano, mas com ingredientes que só podem vir de um determinado vilarejo. Mesmo que o restaurante tente atender cada um, as exigências continuam se multiplicando e, no final, alguns ingredientes não estão disponíveis, o prato não tem o gosto esperado, ou o tempo de espera é longo demais. A frustração surge não porque o restaurante não se esforçou, mas porque os desejos e necessidades de cada cliente se tornaram tão peculiares e complexos, que é impossível atender a todos de maneira satisfatória.

O problema do restaurante pode ser associado à vida em sociedade: à medida que o grau de individualidade aumenta, cada indivíduo passa a ter expectativas e demandas extremamente particulares em todas as esferas da vida – desde os relacionamentos até os direitos e deveres sociais.

Assim como no restaurante, onde o chef se esforça para atender a todos, as organizações sociais (governos, empresas, instituições) se desdobram para responder às expectativas e necessidades das pessoas. No entanto, quanto mais específicas e variadas se tornam as demandas, mais difícil é satisfazer a todos.

Nesse cenário, as tentativas de delimitar, demarcar ou impor modelos de comportamento ou normas fixas para todos, por mais bem-intencionadas que sejam, inevitavelmente falham ao longo do tempo, pois a diversidade das experiências humanas é vasta e em constante atomização. Nesse ambiente, a única solução para a vida em sociedade parece ser abraçar a liberdade, para que todos tenham espaço para descobrir, desenvolver-se e relacionar-se com o mundo de forma direta, sem a pressão para moldar suas vidas conforme padrões pré-definidos.

Por outro lado, a liberdade desenfreada gera, paradoxalmente, o seu oposto, levando à fragmentação da vida em sociedade. Quando cada indivíduo busca incessantemente a satisfação plena de sua individualidade, nunca se alcança um estado de contentamento. O resultado é uma sociedade dividida, onde a busca incessante por satisfação pessoal cria frustração e polarização.

Há solução para esse paradoxo? Sim! É preciso aprender a viver a partir das experiências de forma livre e consciente, sim, porém isso só ocorre se for desenvolvido uma nova base interna sólida de percepção, o que é bem diferente de padrões pré-definidos.

A partir dessa base interna pode-se observar o mundo de maneira que cada experiência seja única; desse modo se tem um processo acelerado de aprendizagem.

Mas essa base interna precisa ser conquistada! Mais do que nunca, agora é exigido que o ser humano desenvolva um espaço livre em seu ser, livre da constante necessidade de se agarrar a ideias, imagens ou conceitos impostos pelo mundo exterior.

Ao encontrar esse espaço original dentro de nós, experimenta-se paz, pureza e leveza, pois nos conectamos com o átomo centelha do espírito que está além da memória: está na pré-memória.

O contato com o silêncio interior, com um mundo interno desprovido de referências externas, abre espaço para o mais profundo potencial criativo. É a partir desse silêncio que pode nascer uma renovação, uma nova percepção da realidade.

Essa nova realidade criadora irradia para todos, criando um campo de forças individual. E ao criar esse campo próprio, abre-se um novo degrau de desenvolvimento para cada ser humano, o trabalho coletivo.

Aquele que dá um passo em direção à maior abertura interior, à verdadeira liberdade, percebe – como em uma experiência transcendente – o contato com o campo de forças da alma do mundo.

Mas não cabe à alma do mundo acolher ou impulsionar os seres humanos: por meio de novas experiências, ela devolve a cada um o que ele busca.

Se a busca é madura, esse encontro revela aos seres humanos, mesmo de forma muito sutil, como desvendar o mistério da verdadeira união humana com tudo e todos.

Nesse quebra-cabeça cósmico surgem as escolas espirituais que, quando bem-sucedidas, potencializam o que a alma do mundo oferece sutilmente.

Ao longo de sua manifestação, a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea desenvolveu um campo de forças que, como uma grande esfera magnética, envolve e impulsiona seus alunos. Embora esse campo de forças não possa ser medido e pesado com instrumentos disponíveis, ele pode ser percebido por muito alunos e buscadores que dele se aproximam.

Um dos atributos desse campo é o poder de coesão neo-humano. Mesmo quando perdemos a conexão interna e nos desconectamos de nossa base interna, do elemento transcendental em nosso mundo interior, a força desse campo ainda atua. Assim, a reconexão ocorre com certa facilidade, mantendo nossa coesão interna. Esse atributo do campo de força é fundamental nestes tempos de risco de desagregação da consciência.

O campo de uma escola espiritual também funciona como um grande laboratório alquímico, que estimula seus alunos a transcender as próprias limitações.

Embora criada no século passado, a Escola possui características que ainda hoje permitem trabalhar com a liberdade individual, de modo que as experiências de seus alunos se tornem o verdadeiro motor da transformação da consciência, em unidade de grupo. O que garante essa possibilidade – de trabalhar com o indivíduo em unidade – é a estrutura tríplice da escola, estrutura que é um dos grandes legados dos seus pioneiros.

Essa estrutura tríplice é composta pelas escolas externa, interna e interior. Uma escola externa que nada exige e apenas proporciona um campo de forças que acolhe, impulsiona e oferece um conjunto de ferramentas de trabalho para que o impulso recebido possa ser transformado em ação prática.

A escola externa, como uma grande praça, é um microcosmo potencializado da alma do mundo, um grande campo de experiências para que cada aluno reconheça a existência e o potencial da centelha divina e, sem interferências, estabeleça uma nova base interna de relacionamento com tudo e todos.

De tempos em tempos, os alunos são convidados a ingressar na segunda escola, a escola interna, cujo portal começa com o nome de segundo aspecto.

No segundo aspecto, pela primeira vez são apresentadas certas exigências para que o avanço da ligação interior, já estabelecida, se transforme em uma transcendência da própria individualidade. Questões como o vegetarianismo, a suspensão do envolvimento em partidos políticos, entre outras orientações, são introduzidas. A ideia é semelhante à de subir uma montanha: para a nova etapa da escalada é preciso estar leve, sem o peso de bagagens que outrora foram necessárias.

À medida que o aluno atravessa os diversos discipulados da escola interna, ele recebe diferentes ferramentas, e tem contato

com o trabalho de doação impessoal que funciona como a coluna central do trabalho anímico da escola de mistérios.

A ausência da sustentação concreta dos alunos ativos da escola interna cria grande dificuldade no desenrolar das atividades da Escola, pois limita a qualidade do campo de forças formado nos serviços templários e nas conferências, sobrecarregando animicamente os presentes. E isso obviamente é válido também para todas as atividades materiais da escola.

A escola interna é como uma rampa no formato de uma espiral para o desenvolvimento anímico. E sua principal tarefa é a sustentação e manutenção das atividades da Escola a partir do desenrolar da purificação anímica de seus três centros de consciência.

Na terceira escola, a escola interior, o trabalho é ir além de sustentar animicamente todas as atividades. Aqui é preciso uma doação completa e irrestrita da vida. E por essa doação, sem oscilações típicas de uma consciência anímica, é possível atrair força-luz da própria Fraternidade da Vida e assim manter acesa a chama do campo de forças da Escola.

Sendo a autoiniciação a essência do trabalho da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, é provável que a estrutura de discipulados formais seja mais fluída do que a apresentada. Por isso, nenhum aluno deve se apegar ao discipulado como se tivesse recebido uma condecoração.

A verdadeira prova de fidelidade ao propósito original de cada discipulado ocorre na própria vida, que oferece ao aluno as experiências necessárias para que avance em seu processo de autoiniciação. A Escola Rosacruz é tríplice porque essa triplicidade reflete a própria natureza da humanidade, em seus

diferentes estágios de desenvolvimento, como foi tratado em capítulo anterior.

Com base nesta atividade tríplice, a Escola mantém-se ativa e dinamiza um campo de forças puro que auxilia a formação de uma nova humanidade e de uma nova sociedade.

O resultado desse trabalho tríplice das escolas de mistérios é revelar o verdadeiro amor como a única força capaz de unir tudo e todos.

O amor é o verdadeiro elo, a amálgama que desvenda o mistério da união da individualidade humana com o universo e com cada ser. Só o amor ilumina o caminho em direção à verdadeira unidade.

Que todos possam se guiar por essa força, que emana de nós e de todo o Universo original.

24. AS TRÊS ESPIRAIS DE CONSCIÊNCIA

Tendo os capítulos anteriores tratado do tríplice desenvolvimento cósmico da humanidade e do corpo vivo da escola espiritual, este capítulo expõe o desafio que é colocado diante de cada um dos três tipos humanos de buscadores, ao encontrarem uma escola espiritual.

Como peregrinos que atravessam em caravanas o deserto da existência em uma jornada de mil vidas, existem três grandes grupos de buscadores que finalmente encontram o oásis de uma escola espiritual.

Na antiga linguagem do cristianismo esotérico, esses três grupos devem atravessar sucessivamente os três grandes portais da iniciação, que são a Fé, a Esperança e o Amor.

Em linguagem atual, esses três grandes grupos de buscadores possuem novas capacidades orgânicas que lhes permitem acessar gradativa e concretamente os três campos que formam o corpo vivo da escola espiritual. Trata-se dos 3 grupos dos que possuem: uma centelha do espírito ativa; uma ligação de alma à centelha do espírito; e uma abertura do círculo ígneo da pineal ao Espírito Universal.

Com base nessas três novas capacidades orgânicas (ainda que no início do caminho elas se apresentem de forma muito embrionária), o buscador coloca seus pés na senda interior, galgando cada um dos três degraus da autoiniciação: o autoconhecimento, o embrião da nova alma, e a abertura da nova alma ao Espírito Universal.

À medida que cada grupo avança nas espirais de desenvolvimento correspondentes no corpo vivo da escola espiritual, eles atingem o coroamento de cada uma dessas três fases que são: a

nova alma – o renascimento; a alma-espírito – a unificação; e o novo ser – a transfiguração.

Ainda que esse trabalho possa ser realizado no seio do corpo vivo, a partir de todas as forças e ferramentas colocadas à disposição do aluno, é crucial compreender que tal realização depende de três fatores absolutamente individuais e particulares a cada aluno: sua qualidade de alma, a força de seu anseio, e a intensidade de sua dedicação.

Qualidade de alma se refere ao grau de maturidade da consciência do aluno, quando ele encontra a escola espiritual.

Na Escola todos são alunos; nela não há mestres que possam realizar a iniciação por nós. Tampouco existe alguém que, por meio de alguma suposta capacidade suprassensorial, seja capaz de dizer se possuímos uma centelha do espírito ativa, se nossa alma já amadureceu o suficiente para ligar-se conscientemente a essa centelha, ou se nosso círculo ígneo da pineal encontra-se receptivo à efusão do Espírito Universal, proveniente do campo monádico de nosso microcosmo.

Assim como é dito no serviço de desligamento (que um dia também nos serão proferidas):

> A nós não é permitido julgar.
> A avaliação dos valores, nesta questão,
> pertence à Luz mesma, e não a nós.

Sem que ninguém se interponha entre o aluno e a Luz, somos diretamente acolhidos no corpo vivo da Escola mediante a manifestação livre, franca e desimpedida de nosso interesse genuíno em trilhar o caminho.

Por essa razão, encontram-se alunos com diferentes graus de maturidade de consciência, portanto com diferentes qualidades de alma, lado a lado nos diferentes discipulados da Escola que lhes vão sendo apresentados como passos seguintes de sua espiral de desenvolvimento, no ritmo que sua própria alma determina para a senda da autoiniciação.

A Escola nunca pode fazer algo por um aluno que esteja além de suas próprias qualidades de alma. Em outras palavras, ela pode estimulá-lo, apoiá-lo e sustentá-lo em seu caminho, porém, é o próprio aluno, de acordo com seu estado de ser, com suas próprias qualidades de alma, que determina se ele, a despeito do discipulado em que esteja, encontra-se sobre a primeira espiral do autoconhecimento, a segunda espiral do renascimento da alma, ou sobre a terceira espiral da alma-espírito.

Em relação à força de nosso anseio, é preciso compreender que, do ponto de vista do campo de forças da Escola Espiritual, não existem meias medidas ou qualquer reserva no tocante àquilo que ela possa ou não nos oferecer.

Se o campo de forças da Escola é um elo da corrente da Fraternidade Universal, portanto uma imagem do próprio ser universal em sua totalidade, quando nós nos ligamos a ele não recebemos apenas uma parte da força dessa corrente, mas sim a força do Todo.

Assim como uma pessoa que retira a venda dos olhos é capaz de enxergar o amplo horizonte que se descortina diante de si, do mesmo modo o aluno que possui, em seu coração, um anseio sincero pela Luz, recebe a totalidade do auxílio impessoal do corpo vivo da Escola Espiritual e de toda a corrente da Fraternidade Universal.

Portanto, o que determina a intensidade desse auxílio, dessa verdadeira torrente de força, luz e amor que é vertida sobre nós, é a abertura que nós damos a ela.

É como se a força de nosso anseio fosse equivalente ao tamanho da abertura de uma janela. O sol brilha lá fora, em todo o seu esplendor. Mas o que determina a quantidade de luz que penetra em nosso ser, pela janela da alma, é o quanto nos abrimos a essa luz. Assim como a luz do sol não força sua entrada em um quarto fechado e escuro, da mesma maneira a Luz das Luzes só entra em nossos corações se nos abrirmos a ela: se temos coragem de abri-lo, a Luz penetra instantemente em sua totalidade, e o iluminará por completo!

Em relação à intensidade de nossa dedicação ao caminho, a Escola Espiritual se comporta de maneira absolutamente harmônica com a intensidade dessa dedicação, utilizando a lei da proporção áurea, que é a manifestação da própria Inteligência Universal. Essa lei, também conhecida como a suíte de Fibonacci, rege o crescimento de toda vida e de toda manifestação universal, desde a forma de uma pequena concha, o desabrochar de um botão de rosa, até às grandes espirais das imensas galáxias.

A despeito de sua onipresença e manifestação infinitamente complexa, essa lei pode ser descrita com palavras muito simples, que Cristo, a grande alma do mundo, utilizou para indicar o seu funcionamento em nossas vidas: “Se dermos um passo, a Luz dará dois conosco”.

Existe imenso amor, respeito e acolhimento nessa frase! Sim, pois a Luz não nos força. Ao contrário, ela apenas aguarda um passo nosso, que realizemos o que somos capazes, e então, como a manifestação de uma lei imutável, ela nos toma pela mão e dá dois passos conosco.

É justamente isso que o corpo vivo faz por nós. Ele não nos força; mas na mesma medida de nossos esforços, ele os multiplica, e nos leva adiante na senda, muito além do que poderíamos realizar sozinhos.

Nestes tempos de individualismo exacerbado e de egocentrismo selvagem, muitos perguntam: por que ainda há necessidade de uma escola espiritual? Se o ser humano deve trilhar sua senda em autonomia, por que que ainda precisamos de um grupo?

Porque pela ação impessoal desse campo coletivo, respeitando a individualidade e autonomia de cada um, o corpo vivo é capaz de transformar o desenvolvimento individual linear em um desenvolvimento coletivo exponencial.

Tendo esclarecido a base individual sobre a qual cada aluno pode realizar seu próprio trabalho de livre construtor, sempre auxiliado de forma amorosa e efetiva pelo corpo vivo, na justa medida de seus próprios esforços, vejamos a tarefa que cabe a cada aluno em uma das três espirais de desenvolvimento do discipulado.

Àqueles que se encontram na primeira espiral do autoconhecimento, a tarefa é expressa nas palavras de acolhimento do primeiro aspecto, formuladas há mais de um século, por Jan van Rijckenborgh:

> Examinarei as profundezas de meu ser para saber, sim,
> para estar certo interiormente,
> de que aquilo que PENSO ser luz em mim,
> na realidade não sejam trevas.
> Não julgarei, pois julgamos segundo a APARÊNCIA
> das COISAS
> e NÃO segundo a natureza intrínseca.

Sempre me examinarei rigorosamente
antes de fazer a menor censura a meu irmão ou a minha irmã.
Serei muito cauteloso com a divulgação de tudo o que,
como aluno da Escola Espiritual, receberei e possuirei da verdade.
Com toda a seriedade, fortalecerei e purificarei,
mais e mais minha força de fé interior
mediante sua REALIZAÇÃO
na senda do renascimento da alma-espírito!

Em resumo, trata-se da tarefa de conhecer a si mesmo, até o âmago do ser, nele reconhecendo a luz, ligando-se voluntariamente a ela, abrindo a porta para o renascimento da alma.

Aos que se encontram na segunda espiral do renascimento da alma, a tarefa é colocar a vida da alma em primeiro lugar em sua vida, e de ter a coragem de viver da alma em todas as situações e circunstâncias.

Isso significa que, como prática da vida diária, é preciso colocar a ligação interior à nova alma em primeiro lugar, como alguém que se apoia sobre uma rocha que se eleva sobre o mar bravio em uma tempestade.

Trata-se de lutar pela alma, de batalhar interiormente contra a vida egocêntrica do eu em prol da alma, e assim abrir espaço no pensar, no sentir e no agir para que algo novo – que brota do mais profundo do ser – possa elevar-se à superfície de nossa vida, e nos transformar. Trata-se de ter a coragem de confrontar o próprio eu, no coração, na cabeça e na vida, permitindo que nesses três santuários renovados ressurja o jardim da alma, e nele a rosa das rosas possa florescer, abrindo-nos à união da alma ao espírito.

E aos que se encontram na terceira espiral da alma-espírito, a tarefa é trabalhar em prol de seus semelhantes, do mundo e

da humanidade, colocando todas suas capacidades e dons a serviço do próximo.

Somente oferecendo todas as nossas capacidades, todos os nossos dons, derramando o sangue etérico de nossa alma em prol da libertação de nossos semelhantes, é que abrimos o caminho para a transmutação do nosso ser, realizando em nós o mistério da transfiguração.

Todos nos encontramos, seja em um aspecto de nosso ser, em um momento de nosso discipulado, ou em uma determinada situação de nossa vida, em uma dessas três espirais.

Às vezes tropeçamos no caminho, e precisamos recomeçar de onde caímos. Às vezes somos estimulados a ir adiante, e ultrapassamos a nós mesmos. E às vezes somos elevados pela Luz, e recebemos em nosso coração uma gota do orvalho da eternidade.

Independentemente do momento vivido, já nos encontramos no grande círculo de irmãos que trilham o caminho nas areias do deserto do tempo, rumo às brancas margens do novo campo de vida, onde o tempo se dissolve na eternidade.

Aproveitemos cada instante de nossas vidas; a mão amorosa da Fraternidade da Vida encontra-se estendida a cada um de nós, agora, neste momento. Seguremos essa mão, firmemos nossos pés, e com o coração flamejante de alegria contemplemos o horizonte da nova vida, nela ingressando plenos de força, compreensão e alegria!

Que assim seja!

25. MEDO

Compreender os mecanismos que geram sofrimento é um primeiro passo para, na força de um discipulado vivido com intensidade, começar a dissolvê-los e encontrar a paz interior. Um desses sofrimentos é o medo, emoção que pode dominar o ser humano. A palavra emoção vem do latim *emovere* e significa "pôr em movimento".

Os cientistas descobriram que as emoções dependem menos do sistema sensorial do que do sistema límbico (autônomo), que já em tempos pré-históricos controlava os instintos primários.

O medo é um mecanismo essencial de autodefesa, que começou a se desenvolver no reino vegetal, alcançou grande desenvolvimento no reino animal e seu cume no reino humano.

Há dois tipos de medo. O medo útil, vital para a sobrevivência, gera a cautela, faz evitar situações de risco ou a se livrar delas quando ocorrem. O medo à vista de um cão raivoso, ou o medo que faz o homem dirigir um carro com cuidado, olhar antes de atravessar a rua, fechar sua casa etc. são exemplos do medo útil.

O outro tipo de medo é a inquietação em relação às coisas que podem não acontecer como desejamos: é a preocupação. O medo de não corresponder às expectativas dos outros (família, amigos, sociedade) ou às nossas; medo de não conseguir o sucesso que desejamos, medo de não ser querido ou respeitado, medo do futuro, de não termos dinheiro, saúde etc. A preocupação é o instinto de sobrevivência do ego, na luta contínua com o mundo; é um medo humano, inexistente no reino animal.

O medo surge da perturbação do ego, da personalidade voltada para a terra, num mundo onde as pessoas sabem que nada

é permanente, que tudo está em contínuo movimento e transformação, que tudo perece.

O ego humano apega-se ao corpo, aos bens, à família, ao status, às próprias ideias, e não quer abandonar nada: quer que tudo aconteça como ele quer e que dure para sempre.

A isso se acrescenta o processo de individualização, que gera o egocentrismo, do qual resulta o que Helena Blavatsky chamou de o grande mal da "heresia de separatividade".

Devido à separatividade, os seres humanos se vêm em oposição uns aos outros. Todos são como concorrentes ou rivais, em contínua luta – sutil ou declarada – contra tudo e todos. Isso se manifesta em conflitos e guerras no mundo e, no âmbito particular, em tensões, ansiedades, enfermidades e rompimentos.

O resultado é o sentimento fundamental de inquietação, de ameaça contínua, de incerteza quanto ao futuro, de luta e solidão, expressos em questionamentos como: o que será do amanhã? Conseguirei alcançar o que desejo? Será que outros são mais felizes ou melhores do que eu? Terei paz e segurança algum dia?

A forma como vemos o mundo, a sociedade e a vida, nossos direitos e anseios por felicidade e sucesso, as conexões engendradas com os que partilham ou ameaçam essas convicções têm consequências bem mais profundas do que se imagina.

Registrado no sistema magnético do ser aural, essa visão provém do passado da humanidade. E tudo isso se expressa por meio do sistema magnético do cérebro.

Por isso, cada ser humano se esforça, por meio de seu ego, para manter sua posição nesta natureza e dar toda atenção à realização de suas ambições e sua felicidade, com base em suas próprias necessidades egoicas.

Assim surgem inevitavelmente os medos e suas consequências diretas: uma luta contínua, incessante, expressa ou muito sutil. E o ego se nutre dessa luta, adquirindo justificativas e razão de ser: ele se torna importante, ganha identidade.

Não se admire que às vezes tenhamos pensamentos e sentimentos ligados a situações negativas, sem poder eliminá-los. Toda a humanidade está sujeita a isso.

Por outro lado, o aluno que decide trilhar o caminho da auto iniciação, através da ligação consciente com sua centelha do espírito, engendra outro medo existencial bem tangível: o medo de o ego perder sua importância ou seu lugar na vida.

Esse medo ancestral precisa ser vencido pelo aluno que quer se integrar ao imenso espaço gnóstico, que o pequeno ego considera como o Nada absoluto, e que para a alma é o Todo. O ego resiste e luta com seu intelecto contra o que considera uma rendição a algo lhe parece incerto, a algo que ele não pode conhecer, nem explorar, nem apreciar de antemão.

O medo do ego perder importância e se render constitui obstáculo considerável para o aluno, pois torna o ego fechado e voltado para si mesmo, produzindo efeito contrário à abertura e à espontaneidade necessárias ao desenvolvimento da alma.

Como o aluno deve se comportar diante desses medos? Como evitar a paralisação que eles provocam? Como escapar das tensões que se acumulam em seu cérebro devido ao estado do microcosmo, que interior e exteriormente causam incessante luta?

Medo, preocupação, temor e insegurança surgem da importância e da identidade atribuídas ao ego, tendo o pensamento como instrumento.

Só é possível encará-lo em outro nível, no nível da alma, tendo a centelha do espírito como instrumento. O medo é uma

forma de energia inferior, a própria essência do egocentrismo e da separatividade – um mecanismo que necessita de força considerável para manter-se.

O medo é uma das extremidades da alavanca de energia em nosso ser; na outra extremidade está o amor. O amor tem origem na centelha do espírito, que irradia luz e calor dentro de nós: ele precisa crescer.

É assim que o medo se esvai, junto com o egocentrismo e a separatividade. Os botões de comando dessa alavanca de energia são nossas aspirações e nossa confiança.

A despeito das tensões, criamos espaço e energia de alma em torno das tensões do ego; nos harmonizamos e colocamos sob a áurea luz do coração as emoções que nos amordaçam e dominam.

Então, o medo e a insegurança vão perdendo gradativamente sua energia e influência: eles já não nos dominam nem têm poder sobre nós.

E há ainda outra ajuda em face do medo, da preocupação e do temor: despojar a situação de seu sentido. Toda situação tem apenas o significado que nós mesmos lhe damos. E assim, nós sempre criamos nossa própria realidade.

O que nos acontece ou nos inquieta é simplesmente uma situação, um fato, um acontecimento. Retiremos sua importância, e nada restará senão o fato objetivo, sem afetação.

O que nos ajuda nesse sentido é a compreensão de que tudo o que nos acontece, especialmente nossos problemas e sofrimentos, são lições importante que temos que aprender na grande escola da vida: eles nos mostram as deficiências internas que precisam ser superadas.

Não deixemos, pois, o ego transformar tudo em uma tragédia, em uma história de como o passado deveria ter sido ou de como gostaríamos que o futuro fosse.

Porque o ego tem necessidade dessa tragédia autoproduzida para justificar sua existência e dar-lhe importância; ele precisa disso para sobreviver. Se não há importância, não há tragédia.

Na atenção profunda e silenciosa da alma, o aluno experimenta um desejo intenso por outra coisa, por uma vida nova. A tensão criada por nossa angústia interior, que se manifesta como preocupação, inquietude e medo agora toma direção totalmente diferente, e fornece a energia necessária para alcançar o objetivo.

Ainda que cause desconforto, a inquietude do ego é um bom sinal, porque revela uma força de oposição proveniente do interior e coloca a alavanca de energia na posição "amor".

É sinal de inteligência abandonar o medo, para que seja criado espaço para um estado de alma que está além das causas do medo. Desligados de valores exteriores, tornamo-nos seres humanos abertos à inspiração e respiramos na realidade espiritual.

J. van Rijckenborgh fornece algumas indicações preciosas, quando diz:

> Há apenas uma solução para o imenso conflito de consciência: desenvolver forças magnéticas novas e diferentes no campo de respiração.
> Isso se realiza mediante fé inabalável, aspiração intensa e dedicação ininterrupta. Se vocês o conseguem, o seu campo de respiração mudará.
> Então já não assimilarão seu veneno, mas inalarão apenas o que serve para sua paz e saúde e sua respiração se modificará.[15]

15. Rijckenborgh, J. van. *Nuctemeron de Apolônio de Tiana*, Rosacruz, 2011.

Aceitemos a ideia de que o medo é uma emoção inerente ao ser humano terreno. Não se deve negá-lo nem o condenar, nem tampouco lutar contra ele, pois seria inútil. Devemos aceitá-lo e considerá-lo com mansidão. A mansidão é a coragem absoluta que nada força, mas que decorre de um estado interior.

A fé é a pedra fundamental dessa transformação e não se confunde com acreditar num conjunto teórico de pensamentos e proposições, em alguém ou alguma instituição à qual se atribua autoridade.

Essa fé nasce da sólida convicção interior do aluno, de si mesmo e para si mesmo, de que sua verdadeira essência é imortal e irmã da eternidade, e que a vida imortal que sustenta o todo está presente nas profundezas de seu próprio ser e, em verdade, é seu verdadeiro ser. Assim, desponta a certeza das imensas possibilidades de transformação de sua vida e da vida coletiva. Essa esperança é a força que desperta o amor em seu ser, e essa força de amor é o instrumento com o qual trabalha.

Não se preocupe com o dia de amanhã. Tão logo uma entidade se torna consciente no cosmo, e a centelha espiritual central nela se manifesta, ela, com base nessa consciência, atiça a centelha para que esta se transforme em chama e, em colaboração com seus irmãos e irmãs, mantém aceso o fogo do plano de amor de Deus e o conduz a seu objetivo. Então, tudo de que ela necessita para sua manutenção ou para a continuação de sua tarefa será providenciado, não importa em que momento seja.

Preocupar-se é falta de inteligência. Sua presença no cosmo tem como consequência seu amparo. Essa é a lei, essa é a ordem! O Amor Universal conhece suas necessidades onde quer que você esteja.

Não se trata de uma lenda edificante. O fato de que tudo na natureza terrestre é compelido à inquietação e à preocupação deve fazer o aluno compreender que ele perdeu o rumo.

O Sermão da Montanha é muito claro: busquem em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça – isto é, preocupem-se com o mundo real – e todas essas coisas lhes serão acrescentadas.

Não se trata de "atear fogo aos navios", de lançar-se em meio a incertezas. É mais a questão de trocar um barco a remos por um transatlântico. Quando o verdadeiro trabalho espiritual é levado avante no mundo, o que se necessita flui de todos os lados.

A todos os que sobem a montanha do espírito é dito: perca sua vontade pessoal, não se preocupe com o desenvolvimento de sua vida, com as forças e os valores espirituais de que pode precisar no caminho, pois trata-se da vida mesma, da vida da renovação.

Expulse de seu ser todo egoísmo e medo refinados. Busque o reino de Deus e sua Justiça. Cumpra a lei do amor, a exemplo de Cristo, e o restante virá por si mesmo, pois é o cumprimento de uma lei.

"Encarei meu medo, e ele era tão-somente o que eu temera. Ele era apenas uma forma inflada, sem substância real, coberta com vestes obscuras e pardacentas, que se retorciam como restos de não saber e não poder. Coloquei-os numa taça de ouro em meu coração e sacrifiquei-os ao grande espaço que tudo envolve.

E o Grande Espaço transformou esses restos em sabedoria e poder."

26. O SOFRIMENTO E AS QUATRO NOBRES VERDADES

O capítulo anterior tratou dos aspectos biológico, vital e psíquico do medo, e como compreender e superá-lo no caminho da iniciação. Este capítulo trata do sofrimento com base nas Quatro Nobres Verdades, síntese da sabedoria de Buda.

Buda viveu em torno de 500 a.C., época em que a fé nos Vedas e nos *Upanishads* começava a declinar na Índia, e o povo hindu adorava um panteão de milhares de deuses e utilizava muitas práticas místicas e esotéricas. A essa "selva de sistemas mitológicos", Buda trouxe o ensinamento das quatro nobres verdades, esclarecendo que a vida comandada pelos sentidos e pelo apego é a causa do sofrimento; e indicava o caminho óctuplo das transformações necessárias para se libertar do sofrimento. É uma análise lúcida da condição humana e da possibilidade de triunfar sobre ela; análise isenta de considerações sobre o além e de especulações sobre uma entidade divina.

Esse ensinamento é atemporal, razão pela qual ultrapassou as fronteiras da Índia e é de grande importância para os buscadores do caminho espiritual.

Buda transmitiu seus conhecimentos oralmente, nunca os registrou por escrito; isso foi feito mais tarde por seus discípulos, para preservá-los do esquecimento. O essencial do ensinamento de Buda está contido em um pequeno fragmento em que ele compara a importância das quatro nobres verdades à pegada dos elefantes, que é a maior e abrange as outras. Com essa comparação ele quer ilustrar que todas as qualidades benéficas do caminho budista podem ser abarcadas dentro das Quatro Nobres Verdades:

1. a realidade do sofrimento, reconhecendo que a vida é insatisfatória;
2. a origem do sofrimento, identificando o desejo e o apego como sua causa;
3. a cessação do sofrimento, afirmando a possibilidade de acabar com ele;
4. e o caminho que conduz à cessação do sofrimento, que é o Nobre Caminho Óctuplo.

Essas quatro frases contêm o essencial do caminho de libertação, tal como Buda ensinou para que se compreender a natureza do sofrimento e encontrar o caminho para a iluminação. Elas exprimem, de modo conciso, as possibilidades oferecidas à humanidade para elevar-se de sua condição terrena e egoica. Essas verdades não são apenas doutrinas filosóficas, mas guias práticos para a vida cotidiana. A reflexão sobre elas permite desenvolver maior compreensão de nós mesmos e do mundo, promovendo a compaixão e a sabedoria em nossas ações. O budismo convida a olhar a realidade com sinceridade e a buscar um caminho de transformação pessoal e coletiva.

A primeira nobre verdade fala do sofrimento inerente à vida humana. Ela reconhece que a vida está repleta de sofrimento e insatisfação não apenas no nível físico, mas também se refere à angústia emocional e ao desconforto existencial. Do nascimento à morte, o ser humano passa experiências de dor, de perda e de descontentamento: estar ligado a algo ou a alguém sem o desejar, estar separado de algo ou de alguém sem o desejar, desejar algo que não se pode ter são todas causas de sofrimento.

É importante perceber que é o sofrimento que nos leva a questionar sobre a existência; que ele nos arranca da vaidade,

nos sacode e, ao mesmo tempo, desperta a compaixão para com o sofrimento dos outros.

Prisioneiro do mundo dos sentidos, o ser humano agarra-se a tudo que gera o sofrimento, e ele mesmo é a sua causa.

A segunda nobre verdade fala da causa do sofrimento. Ela ensina que o apego e o desejo são as suas causas principais. Em princípio, o ser humano vive em função do desejo, desejo por coisas materiais, desejo sexual. Tão logo esses desejos são realizados, eles são substituídos por outros: desejo por prestígio, sucesso, felicidade, prazer, afeto, ou o desejo de fazer desaparecer o que não se quer, como doenças, deficiências, pobreza, tristeza.

Para Buda, o sofrimento também decorre das leis deste mundo de aparências: da ignorância nasceram as formas, das formas nasceu a consciência, da consciência nasceram a mentalidade e a materialidade, e delas nasceram os cinco sentidos – a visão, o paladar, a audição, o olfato, o tato e o sentir com a consciência, que é o sexto sentido. A partir dos seis sentidos, o contato torna-se possível; e por meio do contato, o sentimento; o sentimento cria os desejos; os desejos engendram o apego; do apego surge a geração/gestação; a geração engendra o nascimento, a velhice e a morte, a dor, as lamentações, a tristeza, o desgosto, o desespero.

Este é o estado do mundo do sofrimento. Pode-se escapar à fatalidade do sofrimento? Buda seguiu, ele mesmo, o processo de libertação do sofrimento, libertando-se da roda dos nascimentos e das mortes. Para ele, isso é uma questão de discernimento.

A terceira nobre verdade fala sobre a cessação do sofrimento. Ela traz esperança ao afirmar que é possível cessar o sofrimento. Para pôr fim ao sofrimento, é preciso extinguir os desejos e os apegos pelo desaparecimento da ignorância. Graças ao desapa-

recimento da ignorância, a forma resultante da vontade cessa; pelo desaparecimento da forma, a consciência não mais existe e com ela deixam de existir o sutil e o grosseiro, e assim por diante. Logo, toda a cadeia do sofrimento é interrompida: desaparecem os nascimentos, a velhice, a morte, a tristeza, as lamentações, o sofrimento, o desgosto, o desespero.

Assim é alcançado o estado de paz interior e libertação, o Nirvana, o estado de plenitude e libertação do ciclo de renascimento.

Portanto é possível fazer cessar o sofrimento. Buda utiliza como ponto de partida vencer a ignorância. Seus conselhos dirigem-se ao ser humano que se sente dividido, àquele que realizou a experiência da dualidade. Ao ser humano que despertou e venceu a ignorância, o plano divino é revelado: toda a dúvida é afastada e ele compreende a temporalidade de todas as coisas.

Foi desse modo que Buda mostrou um caminho prático ao buscador que atingiu os limites das possibilidades de seu ego, para que ele possa ultrapassar esses limites e se libertar dos laços deste mundo tridimensional.

A quarta nobre verdade apresenta o Caminho Óctuplo para a cessação do sofrimento. Trata-se de um guia prático para viver de maneira ética e sábia. Esse caminho inclui:

1. compreensão correta,
2. pensamento correto,
3. fala correta,
4. ação correta,
5. modo de vida correto,
6. esforço correto,
7. atenção correta e
8. concentração correta.

Seguindo esses princípios, cultiva-se uma vida harmoniosa e livre de sofrimento.

O buscador do Espírito não trilha o caminho da satisfação dos sentidos e do prazer, nem o caminho da mortificação e da ascese. Ambos são inúteis: o primeiro não conduz à vida santa, ao discernimento e ao despertar; o segundo só traz sofrimento nesta vida e no além.

Buda fala do Caminho do Meio para evitar esses dois caminhos: o caminho do meio é a realização do caminho óctuplo, que desperta, abre os olhos, traz o conhecimento e conduz à calma, à realização, à iluminação, ao Nirvana.

As quatro verdades são alicerçadas na experiência do sofrimento causado pelo egocentrismo, pelo nascimento natural e seus laços cármicos. Esses quatro alicerces são universais e foram comprovados por todos os grandes instrutores da humanidade.

O Nirvana é a meta do caminho. O caminho da vitória tem, em toda parte, a mesma meta.

Em geral, compreende-se por Nirvana o "nada", o que fez alguns considerarem Buda, erroneamente, como um ateu. Para o ser humano que não despertou, que não é iluminado, o Nirvana é o "nada", quando na realidade é o caminho que liberta do sofrimento, do carma ligado ao nascimento e à morte, e que representa "tudo" para o homem desperto.

No cristianismo se diz que aquilo que há de mais elevado, Deus, está além da nossa imaginação, que Ele é incognoscível e que Dele não podemos fazer uma imagem.

Cristo colocou diante de seus discípulos a visão do reino dos céus, do lar de seu Pai, onde ele lhes prepara um lugar.

Isto deu lugar a inúmeras especulações localizadas no além e suas alegrias terrenas. A meta última é não mais dar importância

ao mundo dos sentidos, após uma vida rica em experiências. É ser liberto do ciclo de nascimentos no mundo dos opostos, do vai e vem constante entre o sofrimento e a alegria. Então já não se poderá formar imagens sobre aquilo que ultrapassa o entendimento da personalidade humana.

O aluno que trilha o caminho adquire conhecimento e compreensão sobre essas quatro verdades. Mas conhecimento e compreensão não bastam: é preciso aplicá-las na prática e expressá-las em atitude de vida. Apenas quando o aluno aplica o conhecimento, a experiência e o que interiorizou em uma "ação" visível ocorrem, de fato, a transformação, a transmutação e, finalmente, a transfiguração.

27. O CAMINHO ÓCTUPLO

Tendo visto que o medo é a força onipresente na alma que vive na separatividade do divino, e que as quatro nobres verdades apresentadas pelo budismo são ferramentas que devem ser utilizadas na transformação da jornada diária, este capítulo aprofunda a compreensão do caminho óctuplo, que consiste na compreensão correta, pensamento correto, fala correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, atenção correta e concentração correta.

Além do budismo, um caminho de oito passos é apresentado por Paulo, na Epístola aos Efésios, e pela Escola da Rosacruz Áurea. Todos eles apontam uma mesma trajetória, ainda que orientada a grupos humanos distintos e, portanto, escritos de maneira adequada ao grupo humano da época e do lugar.

Descrever esses caminhos é como falar de uma escada que leva de um patamar de vida interior para outro, dentro do mesmo ser humano: todos falam de transformações que vão ocorrendo no interior da alma humana.

O ponto de partida é o rumo que damos à caminhada. Na Escola se fala de orientação única, ou objetivo único. No budismo se fala da visão correta. Para onde aponta esse rumo? Para alguma autoridade externa? Para uma doutrina? Para uma certeza ou um dogma pessoais?

A orientação única é a reconexão da consciência com a centelha interior, o que torna o ser humano alguém que busca a iluminação, não apenas por fé, no sentido místico comum, mas por um processo de despertar interior.

No budismo, a visão correta é o reconhecimento da realidade última, o não-eu. Mesmo que não fale de uma centelha, o centro

imóvel do Espírito está vibrando e convidando a consciência a se voltar para ele.

Isso é o que é indicado aos alunos como o primeiro passo no caminho: estabelecer contato com a centelha do espírito, que possibilita o autoconhecimento

O segundo passo do caminho é estabelecer um ritmo de vida equilibrado.

Na sociedade atual, agir em equilíbrio é desafiador, dada a velocidade com que as coisas acontecem. Como obter equilíbrio, se nada fica em pé na alucinação da vida moderna?

Por isso é necessário apoiar-se interiormente na sustentação intuitiva que vem do centro imóvel em nós. Baseado no autoconhecimento, pode-se avaliar o ritmo da vida diária e buscar, mesmo no dia mais frenético, um momento em que a consciência busca apoio no supra-humano interior. Quando isso acontece, seja por uma fração de segundo, tem-se a visão clara do que se deve fazer ou não fazer. Esse momento de harmonia emerge naturalmente quando a pessoa se liga com sua essência interior.

Quando cada aluno vive tais momentos, é natural que se forme uma rede de apoio mútuo, ainda que estejam separados e cada um vivendo sua vida em aparente isolamento.

O fato de estarem ligados a um campo energético comum, o campo da Escola, e o fato de estarem vivendo seus momentos de harmonia, cria uma reciprocidade.

A ciência não despreza essas sincronicidades, embora não saiba explicá-las muito bem.

Esse campo síncrono, em que se vive um despertar coletivo embora de maneira individual, cria o que se chama de unidade de almas em grupo. O *Sangha* no budismo também é uma comunidade espiritual, não um grupo que se reúne como uma

espécie de clube de assuntos esotéricos, mas uma união que se dá no campo da alma em desenvolvimento.

Mesmo que não se perceba esse campo – e possivelmente ninguém se atreveria a dizer que o "vê" – ele conecta invisivelmente os indivíduos de maneira eficiente, por estar acima das idiossincrasias e mesquinharias pessoais, e baseado nas novas forças de alma.

Quando os indivíduos se descobrem unidos, em quarto lugar nasce neles o anseio para que outros recebam a mesma oportunidade que lhes foi dada. Isto é, surge o anseio de cooperar com todos os seres que sofrem a carência da nova alma.

A disposição para servir, compartilhada tanto no Rosacrucianismo moderno quanto no budismo, tem como valor central o altruísmo baseado no Espírito.

Na visão da Escola, esse servir é visto como um reflexo da centelha divina que busca o bem de toda a criação; servir ao próximo é uma forma de expressar o despertar espiritual e a unidade com o Todo. Essa força de doação impessoal está baseada em valores da nova alma, caso contrário, o que se manifesta são sentimentos muitas vezes antagônicos: para uns tudo, para outros nada.

Assim como o sol não faz distinção de quem deve receber sua luz e seu calor, assim também, quando o Sol interior se levanta e ilumina a gruta interior do santuário da alma, todos são auxiliados.

Auxiliar de maneira impessoal não significa ser um bonzinho ingênuo que não sabe o que faz, nem porque faz. Muitas vezes o auxílio é dado na medida do que é necessário, e não da maneira como um ego ameaçado ou destroçado deseja. Por isso, somente a inteligência espiritual que brota da nova alma pode orientar

o que de fato deve ser feito, para que não se caia na armadilha de entender a disposição para servir como um ato que brota de nossas preferências.

Quando o ser humano constrói esse quadrado, que atua como alicerce para sua edificação interior, a casa espiritual começa a ganhar forma. É assim que tem início a renovação estrutural da personalidade quádrupla.

Pode-se fazer uma analogia dessa fase com a redenção ou transformação inicial dos corpos físico, etérico, emocional e mental.

Essa transformação acontece na medida em que os centros da alma vão sendo tocados pela força espiritual que desperta no interior da pessoa. O pensar, o sentir, o agir e a própria vida vão sendo paulatinamente tocados e influenciados pela força impulsionadora da nova alma.

Essa renovação se dá à medida que a centelha divina desperta e transforma o ser de forma integral. Isso reflete um processo alquímico de purificação e regeneração, que transforma o ser humano em um canal puro para a Luz.

No budismo essa transformação é o "Esforço Correto": o budismo enfatiza o esforço correto para purificar a mente e desenvolver qualidades espirituais. A ideia de renovação dos corpos e do despertar de uma nova consciência baseiam-se no esforço, como um meio de libertar a mente das ilusões.

Então vem o sexto passo do caminho óctuplo. O Rosacrucianismo moderno fala da construção de uma nova consciência, ou uma nova alma, como força animadora que atua acima do psíquico natural. Por isso, às vezes é denominada de realização do suprapsíquico.

Uma nova alma traz ao campo da percepção individual uma nova capacidade de perceber as coisas. Dito de outra maneira, trata-se de um novo estado de consciência no interior da própria alma.

É preciso ter cuidado com o jogo de palavras, pois cada pessoa sente esse passo de maneira própria. É possível que alguém diga que "algo novo" nasceu em seu interior. Outro dirá que "algo conhecido, mas esquecido, ressurgiu". Pouco importa se a pessoa percebe a nova consciência como sendo nova ou uma transformação ou uma nova manifestação da sua própria consciência. O fato é que, independentemente da taxonomia que se empregue, a própria consciência perceberá a si mesma de maneira nova e revolucionária.

Por isso, no budismo se emprega a expressão "Atenção Plena Sagrada". A expressão que se usa aqui, "Atenção Plena", não deve ser confundida com o aquietamento da consciência ou a observação do momento presente com atenção: não se trata de se concentrar no momento presente, livrando-se de pesos que voam em torno da mente como os pesados pássaros de chumbo dos vícios mentais.

Tudo isso tem seu valor, mas aqui se trata da consciência de que um novo nível de capacidade de percepção foi alcançado. É como se o núcleo da consciência falasse, independentemente das vozes do pensar, sentir, agir etc. Não se trata de se estar consciente dos pensamentos, sentimentos etc.: trata-se de estar consciente do núcleo da própria consciência, o que é algo diferente.

Na Escola da Rosacruz Áurea, essa transformação é denominada "Nascimento da Nova Alma", diferenciando-a do estado funcional da alma natural.

É essa nova força de consciência que dará o sétimo passo na senda óctupla, a união da Nova Alma com o Espírito.

Quando isso acontece, Nova Alma e Espírito se concentram em um só ser, algo revolucionário. Por isso, o budismo denomina essa fase de a Concentração Correta, que leva à libertação do sofrimento: atinge-se o Nirvana e a dissolução do ego.

De qual sofrimento se fala aqui? Da dor da separatividade! Do estar-se desligado do Espírito!

Na epopeia Rosacruz Clássica, esse acontecimento é tratado como as núpcias entre a Rainha (a nova alma) e o Rei (o Espírito).

Em último lugar, como oitavo degrau da senda óctupla, vem o retorno existencial ao campo da eternidade, o ingresso no Novo Campo de Vida. Esse é o estágio em que o ego é absorvido pelo núcleo da consciência e cessa o ciclo do renascimento, cessa a "Roda de Samsara."

Esse é um estado interior que nasce no próprio ser: não se trata de uma mudança física ou geográfica. Não se trata de atravessar um portal de luz místico, imaginário e desconhecido. Trata-se da descoberta na própria vida.

Tudo o que cooperou para a caminhada óctupla teve seu valor, mas esse ponto do caminho abre perspectivas totalmente diferentes, desconhecidas, que por isso não se consegue comunicá-los com exatidão, pois as experiências se passam em campos inalcançáveis para as palavras.

Por mais inexata que seja a descrição desse oitavo passo para nossa compreensão, o que importa é nosso desejo ser inflamado em percorrer esse caminho.

Ninguém está totalmente preparado para essa jornada: quem disser que está, ou que já alcançou o objetivo, é um tolo que voa nas nuvens do próprio egocentrismo.

Por outro lado, ninguém pode dizer que não está preparado, pois se a Sabedoria Divina, a *Sophia*, lhe abriu o caminho, seria insensatez se julgar mais sábio que a sabedoria, dizendo-se inapto.

O Caminho Óctuplo de Buda, de Paulo ou dos Rosacruzes nos lembra que a verdadeira transformação não está nos extremos, mas no equilíbrio sutil entre o que somos e o que podemos ser. É um convite constante a caminhar no "Caminho do Meio", onde não nos desviamos demais nem para a direita, nem para a esquerda; onde não ficamos presos ao passado nem ansiosos pelo futuro.

Olhar profundamente para cada passo dado, sem perder a serenidade, nos permite trilhar esse caminho com coragem e firmeza.

Dificuldades surgirão, como em qualquer jornada significativa; mas que elas não nos desanimem. O Caminho nos pede paciência e determinação, uma confiança tranquila de que, apesar dos desafios, estamos em direção à Luz do Espírito e à libertação.

Que cada tropeço seja uma oportunidade de aprendizado e que, a cada novo passo, sejamos capazes de nos reconectar com a fonte interior, a semente do silêncio em nosso coração.

Sigamos em frente com o coração desperto e a mente iluminada, sem temer o que possa surgir no caminho; que ele seja encarado como parte natural da jornada, e não como obstáculo intransponível. Que possamos observar as Quatro Nobres Verdades, pois elas são chaves preciosas mostrando que o sofrimento pode ser compreendido, suas causas transformadas, e que o Caminho Óctuplo é, de fato, uma via segura e iluminada para nos conduzir ao Espírito.

Sigamos plenos de fé, esperança e amor, na confiança de que, a cada passo, estamos nos aproximando de nossa essência mais pura e verdadeira.

28. O PODER DO PENSAR

As novas tecnologias oferecem oportunidades e ameaças para a liberdade humana, e este capítulo trata a respeito da influência que elas exercem sobre a nossa forma de pensar e o impacto que causam em nossa vida.

A composição tríplice da personalidade confere a todos as faculdades de pensar, de sentir e de agir. Mas para que essa estrutura tríplice se manifeste plenamente, é necessário um processo de purificação.

O ser humano contemporâneo vem sendo confrontado de maneiras diversas, e cada vez mais intensamente, com o pensar e seus processos. Em grande parte, isso se deve aos avanços dos algoritmos de inteligência artificial.

Conhecer o poder do pensar tem grande relevância para a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, porque o processo de libertação humana passa necessariamente pelo desenvolvimento do pensar, pois o ser humano em geral, de maneira espontânea, não pensa com liberdade. Frequentemente a faculdade do pensamento está submetida aos desejos ou sentimentos, que comprometem sua autonomia.

Essa falta de autonomia mental traz consequências nefastas, pois cabe ao pensamento moderar os sentimentos e orientar as ações, e não ser por eles dominado. Além disso, um pensar alinhado e submisso aos desejos impede que se viva com plenitude, impede que as experiências sejam um mecanismo eficaz de aprendizagem.

Quando o pensamento é controlado pelos sentimentos, os impulsos podem tornar-se incontroláveis e, por vezes, levar a consequências imprevistas e difíceis de gerir.

O autoconhecimento, nesse contexto, torna-se uma ferramenta essencial. Ele permite que o indivíduo observe a si mesmo e reconheça a subordinação do pensamento aos desejos. Por meio dessa observação objetiva, o ser humano pode libertar a faculdade do pensar.

A partir desse ponto, a consciência passa a identificar os mecanismos automáticos do pensamento que, mesmo livres dos desejos, permanecem condicionados por um conjunto de informações acumuladas, as memórias.

As memórias também condicionam a maneira de pensar, e a libertação desse condicionamento constitui uma etapa avançada no processo de autoiniciação. Porém, muitos ficam estagnados nessa fase durante anos. É essencial, portanto, investigar como o pensamento se relaciona com os desejos e com a memória.

De maneira geral, tudo tem início com impressões que partem do nosso exterior. A natureza sempre impôs ritmos aos quais o ser humano teve que se adaptar. As estações do ano determinavam a agricultura, o nascer e o pôr do sol regulavam as atividades diárias e, até mesmo os ciclos internos dos corpos obedeciam a essa cadência natural.

Para as sociedades agrícolas, esses ciclos representavam uma forma de aprisionamento à natureza, ainda que não impedissem a busca espiritual e a conexão com o transcendente.

As reflexões filosóficas de Immanuel Kant o levaram a investigar e constatar que o conhecimento humano pode ser oriundo do conhecimento empírico, baseado na experiência, e do conhecimento *a priori*, que independe da experiência.

Sob essa perspectiva, nossa percepção da realidade não é uma receptora passiva de informações, mas sim um processo ativo,

no qual a mente organiza e estrutura as percepções através de conceitos formados *a priori*.

A capacidade de montar roteiros mentais de causas e efeitos está intimamente ligada ao exercício do pensamento, e nos tempos atuais a intensidade da atividade intelectiva se expandiu significativamente. Hoje, estamos expostos a um fluxo constante e crescente de informações, que demandam esforço para interpretar e processar tantos estímulos.

Imagine nossos sentidos como cavalos, que correm em busca de informações e nos expõem a uma infinidade de estímulos que evocam reações variadas. Quanto mais rápida e variada a coleta de informações, maior a exigência do intelecto para organizá-las em narrativas coerentes de causa e consequência.

Esse cenário contrasta muito com a vida no século XVIII, época de Kant, em que o acesso à informação era muito mais limitado. Não havia meios de comunicação instantâneos entre cidades e aldeias; uma mensagem enviada por mensageiro dificilmente ultrapassaria 30 km de distância, pois entre a ida e a volta o mensageiro demoraria mais de um dia para completar o trajeto. Algo, mesmo que muito impactante, que ocorresse a pouco menos de 100 km não seria de conhecimento geral; conflitos que ocorressem em outros continentes seriam ignorados.

Hoje sabemos instantaneamente de tudo, nos impondo reações diante do noticiário. E graças à grande memória gerenciada pela inteligência artificial, somos inundados com informações que efetivamente nos sensibilizam. Nosso celular e outras mídias são portas de acesso sem filtro à nossa personalidade, gerando uma sensação de aceleração que requer uma nova solução estrutural para o pensamento humano. Não conseguimos nos esconder da atuação dos algoritmos que, invisíveis e onipresentes,

guiam decisões e moldam comportamentos muitas vezes sem que se tenha plena consciência disso. Redes sociais, plataformas digitais e sistemas de recomendação criam bolhas de informação e influenciam o que se consome, se acredita e deseja.

Até onde tudo isso tem o potencial de nos afetar? Até onde permitimos! Simples assim! Vejamos o porquê: as relações humanas estão sendo moldadas por algoritmos de inteligência artificial (IA) e sobre isso não há mais dúvida. Esses algoritmos influenciam nossas interações e escolhas, levantando preocupações sobre a autenticidade das conexões que estabelecemos.

Embora as consequências de um mundo dominado pela IA ainda sejam incertas, alimentando especulações e abstrações de todo o tipo, não há como negar que este momento tem propiciado expor as fronteiras da percepção humana.

Hoje, por causa da precaução com os efeitos dos algoritmos, nos questionamos se estamos realmente vivendo ou se nossos comportamentos são condicionados por padrões algorítmicos. Há pouco tempo questionamentos como esses poderiam ser vistos com estranheza fora dos meios filosóficos e existenciais, mas hoje se trata de questão corriqueira, que abre para a humanidade a possibilidade de algo realmente revolucionário: questionamentos sobre si mesmos!

E esses questionamentos são uma grande oportunidade de mudança, pois já se fala abertamente sobre o perigo de nos tornarmos prisioneiros de uma liberdade simulada, na qual nossas escolhas parecem autônomas, mas já foram previstas e moldadas por sistemas digitais.

Diante disso, o ser humano está começando a despertar para a necessidade de uma luta verdadeiramente existencial, uma luta

que permita a possibilidade de erigir um pensar consciente e autônomo.

E essa é a luta que vale a pena ser vivida, pois ela tem implicações muito profundas. A libertação do pensamento não depende apenas de superar desejos e memórias, mas também de reconhecer e resistir às influências invisíveis que moldam nossas decisões.

Este sempre foi o grande paradigma da busca espiritual, a conquista de um pensar superior capaz de equilibrar o sentir e o agir.

Apesar dessa grandiosa possibilidade aberta a todos, três possibilidades de escolhas se apresentam de forma evidente à onda de vida humana: a primeira é a recusa da vida com as novas tecnologias. Nesse caso, agiríamos como os ascetas do passado, que se isolaram do mundo numa forma de escapismo, evitando os desafios e as complexidades da convivência com a sociedade e o progresso.

A segunda possibilidade é a tentativa de adaptação, como se fôssemos capazes de criar métodos e metodologias eficazes para lidar com a massa de informações recebidas, sem nenhuma reação emocional que nos cause sentimentos contraditórios.

A terceira possibilidade consiste numa revolução interna do pensamento, deslocando seu controle dos desejos para a liberdade interna adquirida no coração — uma liberdade que surge do processo de autoconhecimento e do reconhecimento da essência humana presente no interior de cada um, aquilo que é e sempre será anterior à memória: a pré-memória ou centelha do espírito. Dessa forma a mente permanece livre e atenta, aceitando o fluxo de informações sem manifestar medo, pesar ou dor, e sem ceder a preocupações que possam tirar sua paz.

Estamos convictos que essa forma de agir é a evolução humana necessária para os dias atuais. Mas há um mistério que é preciso revelar: o papel da vontade.

A vontade ligada à centelha do espírito é o verdadeiro impulso para a liberdade. É como um fogo sem forma que se manifesta como uma busca, mas não uma busca caótica. É uma vontade purificada que surge do contato consciente com a centelha do espírito, levando à integração ordenada com a vontade do Todo.

O essencial é aprender a usar a vontade como ferramenta para construir caminhos próprios e coletivos, onde a autodeterminação se revela como a chave para superar os desafios contemporâneos.

Mas esse uso da vontade não pode ser confundido com a busca por domínio de outras pessoas e situações por meios forçados, pois a vontade própria não transformada é marcada pelo desejo de adquirir forças ocultas, com foco na manipulação e no controle. Esse tipo de vontade emerge do ego, e é um simulacro.

A vontade purificada, por outro lado, reflete um novo estado. Nesse contexto, o caminho concreto de transformação da alma humana passa pelo necessário desenvolvimento de um novo pensar por meio da senda da autoiniciação, tendo como guia a vontade pura.

Cada aluno que abraça de forma genuína esse caminho e o vive em sua prática diária, possui um valor inestimável. Com a força de seu exemplo pessoal, ele não apenas transforma a si mesmo, mas também inspira e impulsiona todos ao seu redor na direção de uma vida mais consciente e unificada.

A unificação da vontade individual com a vontade do todo nos afasta da ilusão de isolamento, e permite que encaremos as

transformações na vida (sociais ou tecnológicas) como oportunidades para o avançar. Essa é tarefa dos dias atuais!

Que estejamos sempre prontos para perceber que nada nem ninguém pode bloquear o verdadeiro desenvolvimento humano, a não ser nós mesmos. E com base nessa nova compreensão, percebermos que há para todo ser humano um futuro a ser construído, livre e autônomo.

Que estejamos juntos nesta jornada!

Inteligência artificial e inteligência superior

O capítulo anterior abordou as transformações tecnológicas, e em particular como os avanços da inteligência artificial têm reconfigurado a maneira como pensamos e nos relacionamos com o mundo. Foi proposta uma reflexão profunda sobre como esses progressos impactam a liberdade humana, podendo tanto oferecer novas oportunidades quanto representar uma ameaça à autonomia do pensamento, levando a uma crise na capacidade de pensar de forma autônoma.

A Rosacruz Áurea apresenta o autoconhecimento como primeira ação transformadora no caminho do buscador, e a liberdade de pensamento como caminho para a libertação humana. E, como foi tratado no capítulo anterior, a liberdade do pensamento, dos desejos e das memórias exige prática contínua de observação e desenvolvimento pessoal.

O impacto dos algoritmos e das redes digitais sobre o pensamento é uma questão central. Os algoritmos, invisíveis e pervasivos, moldam comportamentos e decisões de forma sutil, muitas vezes sem que se tenha consciência disso. Essa influência coloca em xeque a autenticidade das nossas escolhas e das conexões que estabelecemos. E aqui se destaca a importância de cultivar uma

postura crítica e consciente frente a essa realidade, para que se preserve a liberdade interior.

É fato que a era digital trouxe avanços significativos na maneira como se percebe e se interage com o mundo, ao mesmo tempo que impõe desafios profundos para nossa liberdade de pensar. O crescente impacto dos algoritmos e das tecnologias sobre nossa consciência revela uma questão crucial: estamos realmente no controle de nossos pensamentos e escolhas? temos consciência de que estamos sendo empurrados mais intensamente para os limites de nós mesmos?

O ser humano – dotado das faculdades de pensar, sentir e agir – enfrenta hoje um cenário em que sua autonomia está em risco, moldada muitas vezes por influências externas sutis e constantes. Essa realidade convida a refletir sobre a necessidade de expandir a consciência para além dos limites do ego. A percepção dos limites da consciência se intensifica em um mundo digitalizado, onde cada decisão e comportamento são previsíveis. O ser humano, movido por desejos e memórias, é conduzido a agir mas, ao entregar o pensamento aos impulsos do conhecimento reformatado pela IA, perde a capacidade de interpretar o mundo com verdadeira liberdade.

O pensamento, essencial para trabalhar em conjunto com os sentimentos e se refletir em ações, torna-se prisioneiro de uma estrutura mental que privilegia o imediatismo e o autocentrismo.

Sabe-se que a consciência autocentrada limita o potencial humano de vivenciar a realidade de forma plena. Quando suas percepções estão sob o domínio do ego, sua visão de mundo torna-se restrita, dificultando o acesso a uma sabedoria mais ampla e profunda. Essa limitação fragmenta sua experiência,

em que as ações e os sentimentos são filtrados pelo interesse pessoal e pelo prazer momentâneo.

Superar essa barreira implica a disposição para transcender o ego e se abrir ao conhecimento além do concreto da humanidade, conhecimento que se baseia na observação e na compreensão do que é universal.

Talvez aqui esteja o limite da inteligência artificial. Todo o conhecimento da humanidade está em nossas mãos. A IA tem alcance inimaginável, mas ela contém apenas o conhecimento humano registrado e processado pelos seus algoritmos, o conhecimento concreto.

A compreensão do que é universal, e que transcende o campo do pensamento e conhecimento concretos, ainda é uma possibilidade do ser humano e não da máquina. Esse campo abstrato vai além da acumulação de informações; ele exige uma abordagem de auto-observação, onde o ser humano observa a realidade da vida de maneira objetiva, sem as distorções dos desejos, dos apegos e das intenções pessoais.

Já foi mencionado que a consciência necessita de uma base firme de auto-observação, uma base no ser mas que é desconhecida do ser; uma base de outra natureza, que percebe os mecanismos profundos dos apegos e memórias.

Esse campo superior não se alcança por métodos automáticos, repetitivos ou processos meramente intelectuais ou mágicos naturais. Ele exige o despertar de uma vontade interna, que se manifesta como um anseio por algo além do visível e palpável. Esse anseio é a real busca espiritual: o impulso de um desejo além dos desejos frívolos naturais, de conectar-se a uma verdade que transcenda o ego e as limitações da individualidade.

O contato com essa dimensão abstrata da consciência é o que pode trazer ao ser humano a liberdade genuína, livrando-o das amarras do ego e das influências externas. Algo que a IA ainda não consegue compreender.

Uma imagem pode tornar essa questão mais clara. Imagine uma pessoa flutuando no mar. Essa pessoa não tem consciência de que está flutuando, sua percepção é de que sempre foi assim. Sua realidade, ou tudo o que é experimentado, vivido, esperado tem como pano de fundo o mar e sua fluidez; ela não percebe o mar ou sua fluidez. Para essa pessoa, flutuar no mar é como ter os pés em terra firme.

A IA mostrará para a pessoa um ambiente cada vez mais firme, mais seguro, mas ela continua flutuando no mar.

O ser humano que começa a perceber as oscilações desse mar, induzido pelo lampejo de uma nova luz que parte do centro de seu microcosmo, percebe o quanto é movimentado por esse ambiente, percebe o subir e descer como um passageiro novato em um barco que balança, impedindo que o enjoo desapareça. A esse passageiro do mar tempestuoso é dada a possibilidade de vislumbrar um barco seguro que não flutua sobre esse mar, mas que sua escada de cordas toca a superfície das ondas maiores.

Milhares de pessoas no mundo estão na fase do autoconhecimento, em que um espaço interior de autopercepção é ampliado, de um lado pelo impulso ao movimento induzido pela centelha do espírito, e de outro, pelo discernimento presente no microcosmo.

O autoconhecimento permite que o buscador coloque os pés pela primeira vez em uma rocha firme em alto-mar; e uma vez com os pés firmes, permite que observe a amplitude e ao

mesmo tempo a pequenez do que compõe o ser humano e que precisa ser transmutado.

Essa conquista é apenas a etapa inicial. Para alcançar a verdadeira transformação, é preciso extrapolar os limites da consciência egoica e abrir-se a um campo de consciência superior, onde o conhecimento abstrato se torna possível.

Quando o ser humano alcança essa dimensão mais abstrata, ele se liberta passo a passo dos apegos e amplia a percepção do que é ver o mundo. Essa perspectiva não busca apenas o que é útil ou agradável para o indivíduo, mas o que é verdadeiro e necessário para a real transformação do mundo e da humanidade.

A partir desse ponto, a vontade interior, agora purificada e desvinculada do ego, se torna o guia essencial para a construção de caminhos que favoreçam a consciência coletiva e o bem comum.

Nesse ponto existem as escolas do espírito, escolas iniciáticas como a Escola da Rosacruz Áurea que, pelo esforço neo-humano, construíram um caminho em direção ao pico das altas ondas do mar tempestuoso a partir da firme base na centelha do espírito, permitindo ao candidato trilhar esse caminho.

A Escola da Rosacruz Áurea auxilia fornecendo as ferramentas para a transformação interior, que possibilita o reconhecimento do verdadeiro ser. Corrobora a fala de Shri Krishna a Arjuna, registrado no *Bhagavad Gita*, quando diz, "Torna-te consciente de ser o Imortal".

Neste momento ímpar para a humanidade, em que as irradiações de Aquarius movimentam como nunca o mar da existência humana, a tomada de decisão não é apenas uma possibilidade, mas uma necessidade.

No entanto, vivemos também o que pode se tornar um dilema: perceber além das construções da IA, ou permanecer

no fluxo de informações e construções da IA, iludidos de que avançamos os limites de nossa própria consciência?

A busca pela libertação do pensamento não implica afastamento das novas tecnologias, mas sim o desenvolvimento de uma vontade purificada e integrada ao propósito espiritual. Essa vontade, alinhada ao autoconhecimento, possibilita o surgimento de um pensar livre e atento.

O mental superior nos ajuda a reconhecer o papel essencial das novas tecnologias e da inteligência artificial. Em vez de serem vistas como ameaças ou poltronas de tranquilidade, elas devem ser percebidas como instrumentos que, usados com discernimento, liberdade e responsabilidade universal, facilitam a comunicação e o irromper da grande coletividade humana.

Para que essa relação seja saudável, é fundamental que cada indivíduo se autodetermine. Isso significa que, de um lado, ele deve perceber seus apegos e tomar a decisão de não ser mais comandado por eles; e de outro, compreender a IA como mais uma ferramenta e não como um fim em si mesmo, como o resultado maior do desenvolvimento humano, e assim, possa resistir às manipulações algorítmicas que tentam moldar sua percepção e comportamento.

Nesse sentido, o caminho para o mental superior e uma nova consciência tornam-se uma luta existencial. Ao expandir os limites do ser, rompe-se as limitações impostas pelo ego e pelo condicionamento autocriado, buscando o real equilíbrio entre o sentir, o pensar e o agir. Esse equilíbrio é fundamental para uma vida plena e autônoma, em que cada decisão é tomada com clareza e em conexão com o verdadeiro propósito da existência humana.

A busca por uma consciência renovada é, em última análise, uma busca pela liberdade autêntica. Ao abrir-se para o conhe-

cimento universal, o ser humano passa a viver em sintonia com o todo, encontrando sentido e propósito em cada experiência.

Essa jornada de autoconhecimento e transformação interior é franqueada a cada ser humano: o verdadeiro caminho para a real existência, em íntima conexão com o todo universal. "Torna-te consciente de ser o Imortal".

29. INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E INTELIGÊNCIA SUPERIOR

Existem diferenças fundamentais entre a inteligência comum – refletida de forma potencializada pelos grandes computadores na inteligência artificial – e a inteligência superior, cuja forma de expressão é o quinto corpo, o corpo-alma ou corpo mental superior. As diferenças têm a ver com o relacionamento entre as glândulas hipófise e pineal, que representam o foco da flama da consciência, e a maneira como essa relação rege os outros quatro fluidos da alma, a saber, o fluido nervoso, o fogo serpentino, o fluido hormonal e o sangue. Essa relação determina a manifestação de um determinado estado de consciência, quer regido pela inteligência comum do mental concreto ou pela inteligência superior do mental abstrato.

No plano da biologia comum, a hipófise é chamada de glândula mestra, porque ela rege o funcionamento de praticamente todas as outras glândulas do corpo humano: a hipófise influencia e determina o funcionamento de todo o organismo, regendo seu ritmo e predisposição.

Ainda no plano da biologia comum, a pineal é responsável pelo ciclo de vigília e sono e pelo bem-estar, regulando a produção de melatonina e serotonina. E pelo fato de controlar o ciclo cronobiológico do organismo, a pineal influencia diretamente a glândula hipófise.

Correlacionando esse conhecimento biológico com o ensinamento universal, reconhece-se na hipófise o centro da alma ou da consciência humana, e na pineal o portal para um estado de consciência que vai além da consciência comum, podendo

transformar-se na sede da consciência alma-espírito e no ponto de apoio para a inteligência superior do mental abstrato.

À luz do que foi mencionado, fica evidente certa hierarquia entre os sucessivos fluidos da alma que, por consequência, produzem o funcionamento da consciência egocêntrica e da inteligência comum ligada ao mental concreto.

Vejamos, passo a passo, como isso funciona. Tudo começa pelo sangue, que é o aspecto material mais denso, pois o sangue contém a síntese material do corpo, nele carregando todas as informações e necessidades mais prementes, desde o nível de oxigênio, a taxa de glicose, até fatores contaminantes externos, ou a perda de imunidade frente a patógenos.

O sangue circula por todo o organismo e carrega em si o fluido hormonal, permitindo que as glândulas endócrinas se comuniquem quase instantaneamente, gerando verdadeira reação em cadeia. O sangue também irriga o sistema nervoso central e periférico, influenciando o fluido nervoso e o fogo serpentino, formados pelo produto da atividade dos neurônios e demais células do sistema nervoso.

E, finalmente, o próprio cérebro, no qual se encontra a flama da consciência, é influenciado diretamente não apenas pelo sangue material, mas também por todos os impulsos que chegam até ele do fluido nervoso e do fogo serpentino, pela atividade do sistema nervoso.

Assim, a flama da consciência egocêntrica comum é produto direto dos agregados biológicos dos fluidos mais densos da alma: sangue, fluido hormonal, fluido nervoso e fogo serpentino. Por essa razão, a luz que emana dessa flama da consciência, que denominamos de inteligência, isto é, a faculdade operativa manifestada pelo eu-consciência, também é de natureza

puramente material e biológica, por mais refinada e sutil que possa parecer.

Pelo mesmo motivo, a inteligência artificial, por mais espetacular que possa parecer, não passa da inteligência biológica e material comum, pois utiliza a mesma base de construção, o mesmo empilhamento de aspectos, dos mais concretos e grosseiros, até os mais sutis; ela o faz utilizando um "cérebro" muito mais rápido e poderoso na manipulação desses elementos, formado pela rede mundial dos grandes servidores de dados.

Assim como a consciência comum tem sua base concreta no sangue material – para depois agregar informações mais sutis como marcadores de hormônios, sinapses neurais e impulsos elétricos, para finalmente concentrar-se na flama do eu-consciente que projeta a luz da inteligência biológica –, a inteligência artificial também tem sua base na imensidão de dados armazenados nos grandes servidores em nuvem, que são então organizados por aspectos dinâmicos e muito mais sutis em diferentes camadas sobrepostas de algoritmos.

Mas existe um outro tipo de inteligência, uma inteligência superior, que não pode ser imitada pelo acúmulo de informações ou pela manipulação de algoritmos e que requer um funcionamento totalmente diferente do santuário da cabeça, um funcionamento que inverte a ordem do circuito fechado da consciência comum e dos cinco fluidos da alma biológica natural.

É a essa inversão do funcionamento biológico dos cinco fluidos da alma que se dá o nome de processo de autoiniciação. Sim, é uma outra maneira de funcionamento do sistema biológico, que está gravado em nosso DNA como a possibilidade oculta de um verdadeiro salto evolutivo da espécie humana. Esse salto evolutivo é a única maneira de a humanidade escapar da

prisão que criou para si mesma, a prisão de sua autoimagem de Narciso, a superimagem do eu biológico inferior, projetada na superfície do grande lago da rede mundial, a imagem da inteligência artificial.

Para que esse salto evolutivo ocorra, é necessário, em primeiro lugar, um processo mínimo de purificação dos fluidos mais densos da alma natural comum (o sangue, o fluido hormonal, o fluido nervoso e o fogo serpentino), permitindo ao candidato à autoiniciação uma pequena, mas fundamental liberdade de consciência.

E aqui está o cerne da questão, pois esse processo inicial leva a um grau de autonomia da flama da consciência (o mais sutil dos cinco fluidos da alma), que permite que seu funcionamento atinja como que um "ponto morto". Esse ponto morto se refere a determinado tipo de funcionamento da flama da consciência, cujo ponto de apoio é a glândula hipófise, em que ela se encontra em grau mínimo de liberdade em relação aos quatro fluidos mais densos da alma. É como se o núcleo da alma pudesse escolher que tipo de estado de vida vai vivificar, como se ela se encontrasse entre o velho estado de vida, com todos os seus determinismos e condicionamentos biológicos comuns, e um novo estado de vida, onde a própria alma pode guiar o funcionamento de todos os seus veículos – os sutis e o material –, a partir de um impulso próprio e independente.

Nesse momento preciso, se houver real autorrendição da vontade e a consciência comum abrir mão de sua prerrogativa de determinar o funcionamento de seu sistema de vida a partir de seus velhos padrões de consciência, então algo maravilhoso acontece: abre-se o círculo ígneo da pineal, que até então fun-

cionava de maneira automática e binária, como se fosse apenas um grande espelho do inconsciente.

Essa abertura, que ocorre a partir da escolha consciente e da verdadeira autorrendição da consciência egocêntrica comum, permite que o vórtice de energia – que se encontra represado acima do círculo ígneo da pineal – penetre a estrutura orgânica da consciência e reoriente o funcionamento do santuário da cabeça.

Tal reorientação permite que a pineal – que regula o ciclo de luz e sombras, de atividade e de repouso – passe a funcionar a partir de uma "fonte de luz" completamente diferente. Essa nova fonte de luz é o fogo invisível do espírito, que se torna luz intuitiva perceptível assim que atravessa os cristais, o verdadeiro prisma formado pela pineal.

Essa luz intuitiva concentrada é o próprio pensamento superior abstrato, um pensamento que acessa a realidade de maneira direta e sem intermediários, um pensamento no qual a imagem vivente da realidade se reflete sem as distorções dos véus da percepção temporal, percebendo a realidade como ela é, de maneira clara, pura, direta e real.

O pensamento superior abstrato não é um agregado de imagens, não é uma montagem de dados, nem a mera somatória de impulsos sanguíneos e condicionamentos energéticos. Ele é uma imagem sem reflexos, uma vibração sem som, o verbo impronunciável do espírito, que se torna perceptível diretamente pelo núcleo da consciência, e nele se traduz em imagens, em sons e em verbo criador completamente diferentes.

Assim, o fogo invisível do espírito se torna a luz perceptível do pensamento superior abstrato ao atravessar o prisma da pineal, para então se transformar em uma nova luz concentrada no centro da hipófise, no núcleo da alma, o núcleo do pensamento

concreto, iluminando-o com a luz de uma nova inteligência, a inteligência superior da alma-espírito.

É essa luz de uma nova inteligência superior que inflama o fogo serpentino com um novo fogo astral, que abrasa todo o sistema com a força vital de um novo fluido nervoso, que se traduz em uma nova informação bioquímica, no novo éter químico do fluido hormonal e que se materializa em um novo estado de vida no sangue material.

Dessa forma nasce a inteligência superior da alma-espírito que transfigura os cinco fluidos da veste da alma renascida e eleva o ser humano no arco ascendente da única e verdadeira evolução espiritual possível, o arco superior, o arco da promessa, a senda, o caminho das estrelas.

Desde o passado imemorial, incontáveis seres humanos abriram a porta desse arco superior em si mesmos e para toda a humanidade: Melquisedeque, Akhenaton, Zoroastro, Lao-Tsé, Pitágoras, Buda, Platão, Cristo, Mani, CRC… Todos eles trilharam o mesmo caminho, abriram a mesma senda, vivenciaram a mesma transformação estrutural em seu ser e, em sua época, manifestaram a luz da inteligência superior sobre toda a humanidade, como um raio de luz do sol eternal do Espírito, anunciando a aurora de um novo tempo.

Esse tempo chegou, não apenas para alguns poucos, mas para todos os que se enobreceram para isso, e atingiram o limite do arco evolutivo da consciência comum e de sua inteligência biológica e material. Para todos aqueles que chegaram ao limite de si mesmos, soa agora o raiar de uma nova era, a tão sonhada Era de Aquarius, onde a luz da inteligência superior e o quinto corpo, o corpo ígneo do mental abstrato podem se tornar posse

coletiva, como um novo tempo para toda humanidade, para todo o cosmo e seus incontáveis seres.

Essa é a era da inteligência superior, a única força que salva o ser humano de si mesmo, e resgata a vida, reequilibra o meio ambiente e o cosmo, transmuta toda a dor e todo o sofrimento do eu, mediante a liberdade da vida superior da alma.

É isso que se enxerga quando, com os olhos da alma, se perscruta os horizontes do tempo.

Que essa promessa se torne a realidade para todos os que verdadeiramente anseiam!

30. O INÍCIO DA ESCOLA DA ROSACRUZ ÁUREA

Quatro grandes valores são oferecidos continuamente a quem quer alcançar a autorrealização, valores que podem ser usados quando se tem a coragem de abrir o cubo em uma cruz. Trata-se de uma dupla atitude de vida: a atitude de quem procura a verdade, de quem quer encontrar e libertar a verdade dentro de si. Ele é então atingido pela sabedoria divina no centro do microcosmo, no coração.

A sabedoria descendente tem uma estrutura de linhas de força, que ao longo dos séculos tem sido chamado de Águia Voadora. A águia é a protetora da verdade, símbolo e realidade ao mesmo tempo: símbolo, pelas alturas a que se eleva como nenhum outro ser, por sua força e nitidez de visão; realidade, por sua estrutura de linhas de força e de sua concepção astral.

Aqueles que recebem a verdade única avançam e se revelam na segunda atitude de vida, a da realização e plenitude. A primeira atitude de vida prepara o terreno para a construção; a partir da verdade, a pirâmide se ergue. A segunda atitude de vida é a da realidade, da própria realização.

A primeira atitude de vida é criada pelo toque da águia, que entra no sangue. A segunda atitude de vida é a da Pomba, a pomba da sinceridade que, com honestidade e sinceridade implacáveis, cumpre o caminho da realização, o caminho do estado de alma-vivente até o fim vitorioso. A pomba, também símbolo e realidade, é uma concepção astral espiritual do próprio espírito que se conecta à alma. Ela é o símbolo do Espírito Santo, símbolo do nascimento do homem verdadeiro, do renascimento.

A pomba desce sobre a cabeça de Jesus, sobre o homem que abre o cubo, dando forma à cruz vivente. Então a Águia é o começo, como uma tempestade, e a Pomba a realização, a ascensão à glória. A pomba é símbolo da pureza, da aspiração, da civilização, da natureza superior que desce até a natureza inferior, e daí ascende unida ao homem alma, pela transfiguração e libertação. Através da verdade, a realidade da realização se liberta!

Ao celebrar o centenário da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, reúnem-se todos os que estão agora conectados ao corpo vivo da Escola, assim como todos os que vieram antes: todos constituem o Grande Templo, e a força é multiplicada dez vezes!

A reunião de celebração não é em gratidão por uma revisão histórica, pois essa gratidão consiste no amor que brota nos corações quando se percebe o que a revelação da Luz proporcionou na vida de todos os alunos, com a ajuda da Escola: por intermédio da moderna Rosacruz, encontramos uma liberdade interior inviolável; a fonte interior em nosso coração foi desbloqueada e somos capazes de descobrir suas profundezas.

A reunião em celebração do centenário da Escola foi para dar um passo completamente novo, pois esse é o papel do corpo vivo dentro da corrente de Fraternidades: uma escola espiritual do século XXI consiste em portadores conscientes de um microcosmo, em que cada indivíduo é indispensável; pessoas que, por sua conexão consciente, mantêm viva uma escola de mistérios revelada – que transcende todas as fronteiras de espaço e tempo – mas também a faz florescer.

Há cem anos, Wim e Jan Leene plantaram uma semente no jardim cósmico (ou Jardim das Rosas do Espírito), onde a corrente de Fraternidades (ou o Corpus Christi) está enraizada. É

um jardim eterno, cuja beleza é difícil de expressar em palavras. Não pensem em plantas, árvores ou flores, pensem apenas na delicadeza de uma flor, de uma borboleta ao sol de verão ou na expectativa da Água Viva e cintilante que se ouve, mas ainda não se vê. Pensem em uma promessa eterna, um vento espiritual de amor e esperança que nunca enfraquece ou cessa. Coragem, vida e força murmuram em seu toque.

Os últimos capítulos deste livro foram objeto da conferência do centenário da Escola. Durante sua leitura, saboreiem essa ternura, essa impressão, essa expectativa em suas mentes, pois é com isso que a Fraternidade da Vida os envolve. O jardim da Fraternidade não é um lugar de aparências externas; o mundo da alma não é definido por aparências externas. Ele se abre para toda pessoa que se esforça por conhecer os valores que melhor descrevem seu caráter: fé espiritual, esperança e amor.

Com esse conhecimento em seus corações, os dois irmãos Leene, tanto pelo sangue quanto pelo espírito, plantaram a semente de uma Escola Espiritual no jardim cósmico e ao mesmo tempo no mundo. Dessa semente surgiu a ideia, o trabalho a serviço do ser humano, trabalho árduo e ao mesmo tempo uma das obras maravilhosas da Luz.

Muito cedo eles descobriram que o verdadeiro cristianismo é uma luta heroica. Seguindo os passos dos irmãos da Rosacruz, eles transmitiram os conhecimentos da sabedoria de Cristo e ergueram no mundo uma cruz áurea, uma cruz de Luz. Em seguida encontraram nos axiomas da Ordem da Rosacruz uma hipótese de trabalho, tornando-a realidade.

A inspiração e o espírito de Wim e Jan Leene fizeram Hennie Stok Huizer decidir se juntar ao trabalho em 1930. E após a Segunda Guerra Mundial, Jan van Rijckenborgh e Catharose de

Petri fundaram o Lectorium Rosicrucianum, com uma missão realmente única e revolucionária. A obra dos fundadores da Escola é maravilhosa, bela e edificante, especialmente considerando as muitas maneiras pela qual foi transmitida: a literatura, os rituais e o material templário. Através do trabalho duro e persistente dos fundadores e dos amigos que estavam com eles, a Áurea Cruz com Rosas da Luz pôde crescer como uma árvore sétupla, que recebe seu sustento da esfera de calor mais elevada do cosmo terrestre, brilhando em Cristo. Como resultado, agora pode oferecer abrigo astral e etérico a todos que foram acolhidos neste campo de consciência sétuplo.

Após cem anos, as raízes da árvore estão firmemente enraizadas na terra. E a cada dia essa árvore recebe alimento do firmamento da vida, a esfera solar do Cristo. Mas o processo de conversão da luz ocorre nas folhas. A conversão da energia da luz em oxigênio espiritual, ou a fotossíntese dessa árvore, é o trabalho de seus integrantes, a tarefa dos alunos para o mundo e para toda a sociedade.

Os manifestos da Fraternidade Rosacruz formaram a base do trabalho. A viagem ao sul da França, em 1954 (como é mostrado em uma carta deixada pela Sra. Els Hamelink-Leene), e o encontro com Antonin Gadal, criaram uma conexão mágica direta com a Fraternidade precedente e com a toda a corrente Universal: isso significou o acolhimento da jovem Escola pela Fonte Universal.

Depois do *conhecimento* da Luz, Jan Leene, Hennie Stok-Huizer e o grupo receberam os *poderes* da Luz. Sobre a viagem ao sul da França eles escreveram:

> Quem eram os perfeitos? Não perfeitos no sentido absoluto, mas participantes conscientes do 6º plano cósmico, renovados na alma. Assim, participando de uma vida eterna perfeita, crescendo nela.
> Viver no 6º plano cósmico, nele participar, é uma vida divina, uma verdadeira base de desenvolvimento. Todos nós poderemos em breve participar dessa perfeição mediante a utilização do Fogo. Aprender a trabalhar com o fogo é colocar-se a caminho, focar nesse caminho, e compreender o estado consciente do não-Eu. Essa vida do não-Eu é a magia gnóstica. A vida do não-Eu é o serviço consciente do 'Eu' ao Fogo. Quando empreendemos essa jornada, o Fogo torna-se perceptível no santuário da cabeça.
> E assim, agora sabemos que os éteres do Reino da Luz existem para nós no Corpo Vivo da Escola. Eles foram preparados mediante a grandiosa ideia pela Escola, mas especialmente pela Fraternidade precedente.
> Assim, há inúmeras imagens gravadas nesse corpo etérico, verdadeiros valores-forças. Eles não são meros éteres; são alimentos preparados, alimentos santos completamente sintonizados com certas vibrações. Mas esse processo de preparação continua. E, portanto, de tempos em tempos, ocorrem impulsos, e alguns de grande significado; como também agora.

Agora nos encontramos também em um momento de grande significado. Os fundadores da Escola, em seu tempo, aceitaram a Luz para com ela realizar um grande trabalho. Eles foram conduzidos por um caminho desconhecido para eles.

A humanidade é chamada pela Luz, que envia seus mensageiros e sinais para que possamos encontrá-la.

Deus já enviou mensageiros da Sua vontade, estrelas aparecidas no Serpentário e no Cisne, os grandes signos do seu poderoso Conselho ... O Livro da Natureza é, por conseguinte, desvendado a todos os olhos, mas bem raros são aqueles que

o podem ler e, mais raros ainda, aqueles que o podem compreender.[16]

Este foi o anúncio do raiar de uma nova era espiritual. E hoje, como rosacruzes, também vemos um sinal: agora mesmo, como um pequeno sinal, surgiu uma Nova, uma estrela de brilho muito intenso, chamada *T Coronae Borealis*.

Há cerca de 77 anos, algo semelhante foi observado pela última vez: uma Nova, termo em latim que designa o nascimento de uma nova estrela. Trata-se de uma estrela dupla, a cerca de 3.000 anos-luz da Terra, formada por uma estrela anã branca e uma gigante vermelha que está chegando a seu fim. Na constelação da Coroa do Norte *(Corona Borealis)* ela brilha intensamente nestes dias como a Estrela do Norte. Sem especular ou procurar um significado que não esteja lá, façamos deste o nosso sinal: uma estrela com o nome T brilha AGORA acima de nós.

Não se pode ignorar esta palavra da Luz: T – assim como o livro T encerrado entre as mãos do irmão C.R.C. E assim dizemos: Deus, o Pai das Luzes, está conosco!

16. Rijckenborgh. J. van. *A Confessio da fraternidade da Rosacruz*. Pentagrama, 2017.

31. O NOVO COMEÇO

Nada imperfeito pode existir no Universo de Deus. Vemos ao nosso redor uma vida sujeita ao bem e ao mal, na qual o ser humano imperfeito foi trazido à existência. Há um plano subjacente ao Universo de Deus. E cabe ao homem perceber que, em sua forma natural atual, ele está no primeiro nascimento e, com a ajuda dos Dez Poderes, pode banir todas as imperfeições.

Hermes diz que desses dez poderes nasce a alma, que vida e luz estão unidas nela. O número da unidade nasce do Espírito. Devidamente entendida, a unidade contém o décimo e o décimo contém a unidade. A dezena hermética é o Espírito original da vida que virá a existir quando o homem, estando no primeiro nascimento, se abrir para isso.

Um é o símbolo universal do Espírito, o zero ou o círculo a alma, a substância primordial pura, a matéria de *Sophia*. O dez pode se tornar a veste áurea de Bodas que nos envolve, o corpo da alma que nos envolve unido ao Espírito: a dezena. E esse estado de ser, esse fluxo de poder que surge disso superará os vícios fundamentais.

Depois de ouvir isso, Tat exulta: "Pai, vejo na Alma-Espírito o Todo inteiro e a mim mesmo".

Nesse estado de ser a forma natural não é descartada como sem valor, mas esse ser humano se torna o verdadeiro instrumento a serviço de Deus, a serviço da Luz, a serviço da humanidade. A forma natural, junto com a forma da alma, se torna o filho de Deus; o espaço-temporal se funde na Eternidade, a forma natural está fora do tempo sujeita ao tempo. A forma da alma está conectada às forças celestes e está na eternidade.

Assim, o tempo é anulado pela eternidade; a morte é conquistada através da manifestação do corpo alma; e a alma regenerada pode dizer: "Você não sabe que se

O que significa um trabalho ser mantido por 100 anos consecutivos? Não é um simples cálculo 2024-1924 = 100: o número "cem" tem um significado esotérico. Ele é uma plenitude, um ciclo completo de esforço e trabalho percorrido de duas maneiras.

Dez significa um ciclo, um círculo percorrido uma vez. Cem significa dez vezes dez, um desenvolvimento em duas dimensões, dois princípios de esforço e trabalho que se influenciam mutuamente e resultam em uma plenitude, uma nova completude.

Cem é dez ao quadrado, *square* em inglês. Dez ao quadrado em inglês é *ten square*. *Square* significa quadrado, mas também plano, espaço. Um espaço dez vezes dez é aberto por nós e para nós. Dois ciclos completos de desenvolvimento foram percorridos, concluídos, e agora um novo espaço, um novo plano, um novo campo de vida e trabalho foi aberto.

Como descrito em antigas histórias, é como se tivéssemos escalado o vale da dialética, o vale da natureza comum, subido a montanha e agora vemos diante de nós o novo país, a terra da vida real; ela se revela em um brilho de desenvolvimentos inesperados e inimagináveis sem fim.

Esse é o campo da vida, nossa terra prometida, nosso novo campo de vida ao qual, como grupo de aprendizes, somos convidados a entrar.

Neste centésimo ano de trabalho da Rosacruz Moderna, entrar nesta nova terra não é um fim, uma conclusão, mas um novo começo. Um começo de quê? De construção e trabalho sobre esse novo campo de atividade.

Usando a imagem do novo campo de vida como um plano de dez vezes dez princípios, nossa tarefa, e de todos os que virão, é construir sobre esse plano de perfeição, expandindo o campo de construção em altura, adicionando uma nova dimensão.

O que é o desenvolvimento de dez vezes dez que o grupo de alunos experimentou? Quais foram esses ciclos de desenvolvimento que o trouxeram até aqui?

O primeiro desenvolvimento pode ser descrito como a nova vida, o nascimento de um novo estado de alma na base da realidade material. Não importa quão bem-sucedido cada um foi nisso, mas que como grupo de alunos desejemos e busquemos arrancar nossas vidas do domínio da matéria. A pergunta que nos inquieta – "qual é realmente meu propósito, meu lugar nesta vida?" – por si só nos desvincula da vida biológica comum. Assim é, que dia e noite, a coluna de fogo do corpo vivo nos guia, nos leva adiante; cada um de nós, da sua melhor maneira, tenta incessantemente seguir essa coluna de fogo, essa palavra viva da Gnosis.

Por esse esforço contínuo, a despeito das deficiências de cada um, a bênção da Fraternidade é libertada em nosso grupo e em nosso trabalho. Isso nos prepara, passo a passo, para essa nova maneira de viver: viver conscientemente, respirar em uma nova atmosfera, a atmosfera etérea. Este é o segundo ciclo de desenvolvimento, intimamente ligado ao primeiro.

Trata-se, pois, desses dois princípios. Primeiro, despertar um novo estado de alma, o nascimento de um novo princípio de alma por meio de uma vida de esforço contínuo. Segundo, elevar e dar à luz o novo manto etéreo, a alma etérea, pela qual se entra na nova realidade, o novo campo de vida.

Esses dois princípios de desenvolvimento chegaram agora a certo ponto de plenitude, um desenvolvimento de dez vezes dez, um alcance centenário, a capacidade de se firmar na base de uma nova realidade.

E qual será o próximo passo, que o trabalho nos espera no futuro? Olhando do alto, vemos o primeiro passo da realidade material, o segundo da renovação etérica e o terceiro nos coloca diante de uma nova tarefa astral, de um campo de trabalho que nos coloca diante das grandes linhas do trabalho da humanidade. Será como começar a ver e entender como a vida na Terra se desenrola.

Isso nos conecta a uma tarefa jamais imaginada sobre o desenvolvimento da humanidade, a direção, a ascensão ou declínio que a vida humana na Terra seguirá, o que o *Nuctemeron* de Apolônio de Tiana expressa na décima hora como "A chave do ciclo astronômico e do movimento circular da vida dos homens". Ou, na linguagem do Evangelho de *Pistis Sophia*, nos coloca diante do trabalho dos éons e dos arcontes dos éons. Nosso trabalho, se cumprir seu objetivo, trará uma grande agitação, uma grande mudança.

Essa tarefa exige que, antes de tudo, vejamos o planeta Terra – o lar desta nossa humanidade – como uma escola de aprendizagem, uma escola de prática onde se aprende a ver as leis e as forças de radiação que governam e guiam a vida neste sétimo campo cósmico. Trata-se de perceber a inteligência elevada e assombrosa, e a sabedoria amorosa e infinita que mantém este planeta em sua órbita.

Você poderia questionar: "Inteligência, amor, sabedoria? Eu não vejo nada além de guerra e miséria. E ainda está longe de acabar!" E você também pode se referir ao que ouviu dizer

sobre alguma aliança monstruosa de escuridão e conspiração que mantém a humanidade e o planeta em seu domínio.

Lidar com essas ideias e pensamentos que assolam a Terra de tempos em tempos é um primeiro ensaio da tarefa que nos espera. Não evitamos a dramática situação do mundo e da humanidade, mas nossa missão e tarefa estão num nível totalmente diferente, num modo de trabalho totalmente diferente.

Devemos atravessar as esferas dos éons sempre com os olhos fixos na Terra Santa original, ser inatacáveis, estar sempre firmes na magia da invulnerabilidade. Então, sem qualquer luta, nos conectamos ao "movimento circular da vida humana", com as forças astrais que trabalham e determinam o destino da humanidade.

Como mencionado anteriormente, esse novo plano de construção contém três linhas distintas de atividade. Primeiro, trata-se do novo estado de alma; segundo, do novo manto etérico e, terceiro, no próximo período, da nova realidade astral. Mas nesses três desenvolvimentos há um único e mesmo princípio.

Primeiro, somos colocados diante da tarefa de renovar nossa própria realidade, de transformá-la vivendo de acordo com a suave voz da nova alma nascente. Novos problemas continuam surgindo, e sempre há novos obstáculos. Mas aqueles que persistem no processo de renovação, experimentam que este mar de obstáculos se afasta deles, que a vida sempre oferece uma passagem, porque o esforço pela renovação é mais forte do que qualquer força natural comum.

Em segundo lugar, trata-se de encontrar uma nova substância de vida, a nova jornada. Esse processo é descrito na literatura esotérica como a travessia no deserto, pois, à primeira vista, essa nova jornada não pode ser encontrada em lugar algum; tudo é árido e seco como um deserto, até que, com o cetro da perseverança,

a pessoa bata nas rochas dos obstáculos e sinta profundamente a necessidade de avançar. Não por interesse próprio ou para melhorar sua própria vida, mas pela necessidade do nascimento do Novo Homem, o habitante original do microcosmo.

Então, em terceiro lugar, se é confrontado com a nova realidade astral, uma realidade que nos conecta com o destino e a vida de toda a humanidade na Terra. É um novo campo de atividade para nós, e precisamos estar conscientes dessa necessidade.

Agora entendemos que, também aqui, a chave para a correta atuação reside em nosso interior. Tudo depende de se conseguir manter diante de nós a nova alma, a Estrela de Belém. Permitindo que essa orientação prevaleça incessantemente, nosso campo astral se conecta com a face astral do planeta Terra, com a Alma do Mundo. E então o novo campo astral da Escola Espiritual da Ordem Rosacruz Moderna se conecta com a Alma do Mundo. Essa alma, esse ponto de contato extremamente sensível do planeta Terra, será elevada além do sofrimento, e o destino da humanidade será elevado e iluminado. Essa é a atividade chamada de as Obras da Luz.

Para concluir, coloquemo-nos diante da figura simbólica de João, a quem é incumbido escrever sete cartas. Como João, somos colocados em um processo de preparação. E, se esse processo de preparação for suficientemente bem-sucedido, então as palavras do quarto capítulo do Livro de Apocalipse soam: "Uma porta foi aberta no céu e uma voz disse: Sobe aqui, e te mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas." Então ele vê, experimenta, e é envolvido nas Obras da Luz; ele é colocado diante do Trono Universal; ele vê como os sete anjos, os sete raios da Luz Universal libertam novamente a humanidade e a conduzem para o novo Céu-Terra.

32. OS SETE PILARES DA LUZ

Em *A Gnosis Original Egípcia* se lê:

> É por isso que você deve ver Deus da seguinte maneira: ele mantém como pensamentos tudo o que existe encerrado em Si mesmo: o mundo, ele próprio, o universo.
> Se você não se faz você mesmo igual a Deus, não poderá entendê-lo. Pois somente aqueles que são semelhantes se entendem.
> Cresça até a ilimitada grandeza, eleve-se acima de todos os corpos, transcenda todo o tempo; torne-se eternidade. Então você entenderá Deus.
> Penetre no pensamento de que nada é impossível para você, considere-se imortal e em posição de entender tudo, toda arte, toda ciência, a natureza de tudo o que vive. Torne-se mais alto que todas as alturas e mais profundo que todas as profundezas. Recolha em si as percepções de todas as coisas criadas: o fogo e a água, o seco e o úmido, e imagine-se em todos os lugares ao mesmo tempo: na terra, no mar, no ar; que você ainda é completamente não criado; que você está no ventre de sua mãe; jovem, velho; que você está morto, que está do outro lado da morte. Se você for capaz de conter tudo isso em sua consciência ao mesmo tempo: períodos, lugares, eventos, qualidades e quantidades, então, você pode entender Deus.
> Mas se você mantiver sua alma presa no corpo, se puxá-la para baixo e continuar dizendo: "Eu não entendo nada; eu não posso fazer nada; tenho medo do mar; não sou capaz de subir ao céu; não sei o que fui, nem sei o que serei"; o que você tem a ver com Deus?
> Pois você não pode abraçar o que é realmente belo e bom enquanto amar o corpo e for mau. O mal absoluto é negar o divino. Mas se você for capaz de conhecer o divino e tiver a vontade e a poderosa esperança para isso, encontrará o caminho direto para a bondade, um caminho mais fácil. Em todo lugar você encontrará o curso da sua senda. Em todo lugar isto será conhecido para você, mesmo quando você não o espera. Esteja você acordado ou dormindo, na água ou na terra, de dia ou de

> noite, esteja você falando ou em silêncio. Não há nada que ele não seja.
> Você dirá então: "Deus é invisível?" Quem se revelará mais do que o próprio Deus? Ele realmente criou tudo para que você o conheça através de todas as criaturas!
> Essa é a glória, o milagre de Deus; revelada através de todas as suas criaturas.
> Não há nada invisível: a Alma-Espírito se revela na contemplação viva e Deus se revela em sua atividade criativa.[17]

No capítulo anterior foi apresentada a nova fase que temos pela frente, com base no quadrado de dez vezes dez que foi concluído no período passado.

Estamos diante da tarefa astral que nos conecta com o destino e a vida de toda a humanidade na Terra. Vemos, no novo campo da vida, o novo céu e a nova terra, que constituem o campo de atividade e que nos conecta à Alma Mundial. Então, o destino da humanidade e a onda de microcosmos associados a ela são elevados, iluminados. Essas são as Obras da Luz.

Mas há outro aspecto das obras da luz sobre o qual é preciso refletir da forma mais ampla possível para nos conscientizarmos do grande contexto em que estão incluídos todos os seres vivos e todas as criaturas. Assim como não há espaço vazio, não há matéria morta.

A Luz emana da Fonte Original, e essa Luz é a Vida. Para entendermos algo da grande oficina da luz, na qual a luz se torna vida, aproximemo-nos dela, pois não há nada mais misterioso e profundo do que essas obras da luz.

A luz é como um fogo vivo, pois em essência é a substância astral da qual surgem os materiais de construção de toda a

17. Rijckenborgh J. van. *A Gnosis original egípcia,* Tomo I. Cap. 25, Rosacruz, 2006.

revelação. Os materiais de construção se diferenciam como os vários éteres da substância astral.

O microcosmo é uma criação eterna, um pequeno mundo, perfeitamente formado de acordo com a ideia do campo de vida original. É um pequeno campo de vida, correspondente ao logos sétuplo da Terra e, portanto, aos sete campos de vida do homem original.

Assim como surgiu o universo, o homem também nasceu em um princípio primordial como uma centelha divina, como um enorme potencial de poder; como uma semente da qual floresceria um glorioso Homem-Deus, de grandeza inimaginável. Se pudéssemos olhar esse início, veríamos o ser humano microcósmico, nossa imagem primordial, o ser humano que essencialmente somos. Constataríamos que essa revelação da vida sétupla divina não se encaixa na estrutura de nossa consciência comum. Para conseguir isso, o pensamento deve romper os limites do espaço e do tempo, aprender a ver as dimensões e se tornar espiritual.

Tudo isso é possível graças a Aquário, a força destes tempos, uma força que tudo sacode e revela, cujos efeitos já se percebe de forma avassaladora. Por exemplo, a tecnologia, dentro dos vários ramos da ciência, está fazendo descobertas que mudarão completamente a visão do mundo. Isso se refere ao pensamento quântico no qual a energia, a matéria, o tempo e o espaço convergem para um ponto no nível atômico, depois voltam para dentro e depois para fora da manifestação.

Olhando para trás no espaço-tempo por meio de telescópios, até o mistério do Big Bang, o momento do nascimento ou da criação da Terra, parece virar a teoria existente de cabeça para baixo, porque a expectativa de ver um universo muito jovem,

logo após sua criação, revelou-se equivocada. As imagens produzidas pelo telescópio espacial James Webb mostram um universo maduro, não um sistema nos estágios iniciais de formação. É como se nos fosse dito que a manifestação da criação está ocorrendo a cada momento, *agora mesmo*. Todos os dias ela surge de seu centro misterioso, como de uma fonte inesgotável – para dentro e depois para fora da manifestação. E isso nos leva ao cerne das obras da luz.

Os trabalhos provenientes do Espírito Sétuplo produzem, em sua coerência, existência, crescimento e desenvolvimento em tudo o que vive. As obras da luz são realizadas sem interrupção pelos Sete Espíritos ou sete poderosos pilares ou campos de vida que sustentam a casa de Deus.

São como poderosos rios de força fluindo, nos quais tudo está presente para gerar toda a vida, renovando-a incessantemente e impulsionando-a infinitamente para frente.

Não há nada que não seja composto por essa matéria de luz. Tudo o que nasce da ideia divina, do Espírito, ganha forma e revelação. É esse Espírito Sétuplo que se invoca quando acendemos o candelabro mantramicamente e se pronuncia: "Em nome dos Sete Espíritos diante do Trono Universal de Deus".

Esse é o trono universal de Deus, o centro eterno, a oficina alquímica ou o local de nascimento do Agora, do eterno vir a ser...

É a criação que ocorre continuamente, tanto na Casa de Deus, quanto na casa que chamamos de mundo. Esses são os Sete Espíritos que estão ativos, tanto no campo da vida da existência em que nascemos, quanto no campo da vida em que o microcosmo tem sua origem, o sexto domínio cósmico.

Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri sempre nos conectaram às forças do Espírito Santo:

> Sete escadas erguem-se *às regiões divinas da humanidade-alma.* Cada escada tem sete degraus. Sete vezes sete colunas sustentam, eternamente, a sexta região cósmica.[18]

Os sete pilares estão em nosso atual campo da vida e conduzem ao novo campo da vida, para dentro e através dele. E é *agora* que esse novo domínio foi aberto para nós. Pioneiro é um dos primeiros a entrar em um novo domínio, onde tem que encontrar seu próprio caminho. A Escola sempre falou de pioneiros. Agora, mais do que nunca, isso se aplica a nós!

Se quisermos cumprir a missão que sustenta a Escola e continuá-la no novo século, todos nós temos que ser pioneiros; tendo chegado ao final do primeiro século da Escola, temos que cruzar uma fronteira, para a qual nos sentimos irresistivelmente atraídos.

Para nós, esse é o significado de Aquário: entrar como um pioneiro nas novas dimensões em que a escuridão e a luz se anulam mutuamente, e saber o que é a consciência onipresente da alma-espírito e conhecer as obras da luz.

Conhecemos os conceitos de escuridão e luz; conhecemos a ideia de que esta natureza é chamada de escuridão em oposição ao mundo da luz. Mas, originalmente, o conceito de escuridão representava o Ser Absoluto, o Ser Não Revelado no qual a Luz, ou a Aurora, está contida. A própria Aurora, a Luz – a revelação do primeiro Não Revelado – também foi indicada pela palavra Cristo.

Os sete pilares da construção, ou os sete pilares da Luz, que brilham em toda a criação como executores do Plano e estão diante do trono de Deus, trabalham juntos em duas fases. Essas

18. Rijckenborgh, J. van; Petri, C. *Rosa Mystica*, 81.

duas fases estão intrinsecamente ligadas e ocorrem simultaneamente e o tempo todo. Essas são as fases do ser não revelado e a do ser revelado.

A sabedoria primordial apresentava isso da seguinte forma: há três pilares do Ser Não Revelado e três pilares do Ser Revelado. No meio há o pilar da Casa de Deus – o quarto pilar onde os dois grupos se encontram. Ali, o Não Revelado é trazido à luz do dia como uma forma de revelação.

No pilar central da Casa de Deus, ou sexto domínio cósmico, os dois aspectos se conectam um ao outro como o Espírito Santo Sétuplo. É o momento em que o amanhecer se transforma em Luz e o Sol Espiritual – Cristo – surge.

Cristo, a Estrela da Manhã, é o Amor infinito que conecta e nunca falha, é o mediador no campo original da vida. Mas também é a força do amor, ou a luz do mundo, como o centro em nosso campo de vida espaço-temporal. Essa é uma dupla ação sétupla.

Para simplificar, podemos pensar no arco-íris, com suas sete cores de vibração variável, todas inseparavelmente ligadas em um arco radiante. Às vezes, um arco-íris duplo é visível! Em um dos rituais do Trabalho da Juventude, essa imagem do arco-íris duplo é usada e diz: "Em sua conexão, os dois arcos nos dão a chave para o Renascimento".

Então os sete pilares, como base de toda a existência, formam o veículo eterno e são, em menor vibração, os portadores da natureza espaço-temporal e de suas formas e criaturas.

A centelha divina, o microcosmo imortal, criado como um pensamento de Deus, é construída a partir das sete sagradas obras espirituais da Luz. O homem original foi criado a partir

dos quatro mundos, dos quatro pilares do Ser Não Revelado e dos três pilares do Ser Revelado.

Nos quatro primeiros campos se encontram os quatro éteres originais, por isso chamados de quatro alimentos sagrados, as forças etéricas superiores do sexto domínio cósmico. Essas forças do éter, que também estão ativas no campo de vida espaço-temporal, são o éter químico, o éter vital, o éter luminoso e o éter refletor.

No primeiro pilar, ou primeiro mundo, o éter químico sagrado atua como base para a forma em sua unidade, sem ainda se transformar em forma. No segundo, atua o éter vital sagrado, como base para a forma em sua multiplicidade e riqueza de cores, mas sem se transformar em forma. No terceiro pilar, ou mundo, atua o éter de luz sagrado, que é a base para a forma em sua mobilidade e capacidade dinâmica. No quarto pilar atua o éter refletor sagrado, que é a base para a sabedoria divina e a onipresença associada à forma.

Uma vez que esse fundamento quádruplo tenha sido estabelecido, chega o momento de o Ser Absoluto sair da escuridão para a luz da manhã, para começar a jornada da consciência como filho da luz.

Sustentado pelo pilar no meio, o amor que chamamos de Cristo, surgem nos três campos de revelação do ser: a consciência da alma, a consciência da alma-espírito e o estado homem-Deus. E isso para a imagem da criação do ser humano original, como microcosmo.

O mundo, no qual somos as crianças humanas nascidas que habitam o microcosmo, é também uma revelação de forma de três éteres, enquanto nós possuímos apenas parcialmente o quarto éter. Portanto, não há vida superior, e a consciência da alma-espírito está ausente.

No entanto, há incessantemente o primeiro Amor, Cristo, e o impulso para seguir em frente na forma de um desejo infinito de uma outra vida mais elevada. E a palavra da linguagem sagrada, a linguagem do arco-íris celestial, soa então: "Aquele que tem ouvidos e ouve o que o Espírito diz aos homens, esse vencerá. Eu lhe darei a comer da Árvore da Vida, que está no centro do novo Campo da Vida".

A árvore da vida é o pilar do meio. Essa árvore tem sete ramos, três do lado esquerdo e três do lado direito, e um se elevando para cima. É o candelabro com as sete luzes diante do trono universal de Deus.

Nascer de novo é retornar ao centro, ao dia em que a criação do homem recebe seu verdadeiro propósito. Isso significa passar de uma vida ligada ao material para uma vida espiritual; conectar nosso microcosmo, a alma, nossa mente e nosso corpo com a centelha, o fogo de Deus no centro, no nosso coração. É tomar consciência de que a criação ocorre continuamente no agora.

Coloquemos nosso coração e nossa cabeça na luz, em que os valores da alma se abrem para nós. A Escola Espiritual é a nossa oficina na qual os novos materiais de construção, os novos e sagrados éteres estão concentrados e completamente presentes. É onde as obras da luz operam para nós, conosco e por meio de nós. Na escola podemos absorver a metade do éter refletor que ainda está faltando em nosso sistema e, em cooperação como membros do corpo vivo, desenvolver ainda mais o pensamento abstrato.

A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea manifestada setuplamente é um corpo coletivo, um cosmo, no qual as obras da luz foram levadas à plenitude. É um cosmo no qual há um campo alma-espírito que está totalmente conectado ao campo de ressurreição homem-Deus.

E todos nós, como microcosmos ali contidos, também estamos conectados a todos esses aspectos. E todos nós, como veículos de personalidades que participam disso, também podemos vivenciar isso.

Que com essa compreensão, cumpramos nossa tarefa como alunos da Escola Espiritual, conectando verdadeiramente nossa consciência com o poder central de nosso microcosmo.

Ordenemos que nossa alma seja completamente absorvida pela ardente fonte interior, na qual o homem está em Deus e o divino está no homem. Ordenemos que nossa alma vá para lá!

33. DA SOMBRA À LUZ

Em uma de suas alocuções, Catharose de Petri disse:

> Sabemos que quando você está direcionado de maneira única, você pode experimentar o brilho da grande e pura Força Gnóstica da Luz interior.
> Quando os campos de trabalho conhecerem as leis da radiação magnética, que nos chegam do campo astral gnóstico, todos se sentirão incluídos num campo de potência no qual poderão trabalhar nas melhores condições possíveis.
> O campo de radiação de Cristo e o campo de radiação magnética abrangente da Escola Espiritual não são entidades separadas. Neste aspecto não há separação entre os campos. É o Amor e a Verdade que em tudo acompanham o campo de forças.
> Quando você aprender a discernir se sua alma assumiu a liderança em sua vida, você aprenderá a compreender e seguir sua Voz. Você tomará consciência da existência de um Campo Astral Divino, o Campo de Respiração da Fonte Original, no qual todos os átomos estão repletos de forças divinas.
> São esses átomos que formam a semente da serenidade divina na qual o seu princípio alma-espírito pode respirar e você é incorporado à Fraternidade Universal da Vida.
> Através desta ligação, a afluente Fonte de Luz Espiritual irradia em você e a partir de você. O éter do fogo elétrico torna-se ativo em você! O reflexo do Invisível, a Ideia divina, inicia sua atividade em tal homem-alma desperto. O Novo Dia começou! Portanto, eleve-se ao único grande Amor que se aproxima e o abraça.
> A Escola Espiritual não significa iniciação, mas sim redenção total, a transfiguração de todo o nosso ser. Cada pessoa pode aprender a reagir aos níveis de vibração muito refinados dos campos de vida superiores. Trata-se de conhecer e aplicar a nova atitude de vida. Saber o que o Amor faz nele, por que o Amor realiza nele o grande processo de mudança.
> No novo nascimento, no qual a alma é central, há mudança constante. Essa mudança significa, desde o nascimento, através

> do crescimento, de força em força, cada vez mais alto, continuar numa imortalidade perpétua.
> Portanto, a grande lição que todos temos que aprender é: transformar, a partir do nascimento natural, através da autoentrega, até o nascimento divino.
> Concluímos, portanto, com uma Palavra da Rosacruz clássica:
> Nascido de Deus – isto é, despertar imediatamente para a Nova Vida;
> Morrer em Jesus – abandonar toda a vida nascida da velha natureza, e entrar no caminho do novo nascimento; e assim
> Renascer através do Espírito Santo – para a imortalidade, na Luz das Luzes.

Em capítulo anterior foi dito que a tarefa essencial que temos a realizar é participar do verdadeiro trabalho da Luz a serviço da humanidade. Servir à humanidade significa conectar-se conscientemente com o mundo, confrontar sua realidade astral com todas as forças de Luz que recebemos e manter constantemente uma orientação interna perfeita para o campo astral gnóstico.

Mas o que isso significa para os membros da Escola Espiritual de hoje? Como podemos avançar concretamente, individualmente e como grupo, para que o campo astral gnóstico possa se conectar, envolver, penetrar e curar a alma doente da humanidade e seu campo astral planetário? Como podemos garantir que o destino da humanidade seja elevado na luz de Cristo e que seu caminho seja iluminado por ela?

Para responder essas perguntas, coloquemos diante de nossa consciência um aspecto importante que não deve ser negligenciado: o nosso relacionamento com o mundo como humanidade, como uma alma que percorre os caminhos do infinito. Este mundo foi originalmente criado pelo Logos como uma escola de aprendizado. E nessa escola de aprendizado criada por

Deus precisamos aprender e desenvolver habilidades específicas para cumprir a vocação original, colocada no coração de nosso microcosmo como uma promessa eterna, para cumprir nosso destino divino que é ser um verdadeiro colaborador na vinha de Deus, um colaborador na realização do plano divino, um cocriador dentro da criação original, para levá-la à conclusão, a uma realização cada vez mais nobre e elevada. Tarefa espantosa! Isso leva a uma visão ilimitada de desenvolvimento, que vai de glória em glória! Ser um colaborador na vinha de Deus é propagar o Vinho do Espírito, multiplicando-o e trabalhando com ele, porque ele é o princípio supremo de cura que dá vida a tudo o que está morto e degradado. E o que está morto e degradado nesta natureza, o está porque se encontra desconectado do Espírito, do qual vem a vida!

Tudo o que o homem cria exclusivamente com as forças astrais desta natureza são criações mortas, que aumentam o sofrimento da humanidade e a degeneração do planeta. Multiplicar o vinho do Espírito para curar o campo astral planetário é nossa verdadeira missão!

Podemos fazer isso e somos capazes de realizar esse trabalho alquímico graças à nossa conexão com o corpo vivo da Escola Espiritual. Ao completar os dois primeiros ciclos de dez vezes dez, a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea construiu o quadrado básico sobre o qual as matérias-primas – as substâncias indispensáveis à participação ativa no casamento alquímico – tornaram-se realidade irrefutável.

As duas condições para transformar água em vinho são a nova força astral da alma vivente e a nova veste nupcial etérica, a veste áurea nupcial das bodas. Essas duas condições são muito reais no corpo vivo.

A tarefa que estamos sendo solicitados a realizar é um trabalho individual e específico, com base no que foi adquirido coletivamente: sair pelo mundo como indivíduos, onde quer que nosso destino nos chame, onde possamos servir a todos que encontrarmos. A nova tarefa de hoje não é mais coletiva, mesmo que o trabalho coletivo no corpo vivo da Escola nunca deixe de existir.

Com base na alma vivente em nós – a alma nascida no santuário do coração – devemos, por meio de nossas experiências, aprender a descobrir o plano divino na realidade deste mundo. É assim que podemos tecer nossa própria veste nupcial, nossa veste áurea individual, e esse processo ativo ocorre enquanto estamos ligados à veste nupcial etérica pura já realizada no corpo vivo.

Mesmo que nos faltem muitas das qualidades necessárias para realizar esse esforço alquímico, temos, como indivíduos, graças à nossa unidade de grupo e à nossa conexão com o corpo vivo da Rosacruz Áurea, a força astral gnóstica e os alimentos etéricos sagrados para realizar nossa tarefa na vinha de Deus.

Dois pontos-chave estão relacionados a essa tarefa. Para tecer nossa nova veste nupcial etérica é preciso conhecer as leis divinas e ter acesso ao conhecimento das propriedades, substâncias e energias com as quais temos que trabalhar. O objetivo é descobrir o Livro T e o Livro M, atributos presentes na câmara sepulcral de Cristão Rosacruz. Por sua ignorância, os seres humanos só podem adquirir o conhecimento do plano divino por meio da experiência e do aprendizado. É por isso que estamos nesta escola de aprendizado, no mundo, para aprender a ler o Livro T ou o Livro de Deus (Theos).

O resultado é que podemos penetrar conscientemente no pano de fundo de todas as coisas. A sabedoria, como uma qua-

lidade que permeia todo o nosso ser e que não podemos perder nem abandonar, nasce em nós a partir do interior. Com base na nova força da alma, com base nessa nova e maravilhosa realidade em nosso coração, devemos experimentar, viver, assimilar e compreender as leis divinas que se manifestam por meio do Espírito Sétuplo e que são projetadas em nosso planeta; precisamos trabalhar com elas.

Ao fazer isso, nos é prometido o Conhecimento, o conhecimento que revela a relação entre Deus e o mundo. É somente por meio do conhecimento do plano superior da criação que a nova veste de luz (a veste áurea de bodas ou o novo corpo mental) será tecido. É esse corpo etérico da alma que liga o Espírito microcósmico (a mônada) à personalidade, a fim de transfigurá-la.

A escola de aprendizado, originalmente pura e plena de Luz em que deveríamos aprender e evoluir, se deteriorou a ponto de hoje o sofrimento gerado pela sombra, pelo mal, ter invadido o mundo. E qual é a origem das trevas e do mal? Anteriormente foi mencionado que "[...] originalmente, o conceito de escuridão representava o Ser Absoluto, como Ser Não Revelado no qual a Luz, ou a Aurora, está contida".

O que originalmente chamamos de escuridão é o imanifesto, mas isso não deve ser confundido com a sombra e o mal que o homem criou em sua ignorância. Aquela é uma energia infinita que impulsiona o TODO para uma manifestação cada vez maior! O imanifesto não tem forma nem contorno, nem consciência de existir. Ele EXISTE antes, durante e depois do surgimento do corpo, da forma. Ele manifesta a consciência absoluta, uma causa sem causa. Ele emana de si mesmo um universo no qual não está envolvido.

O Universo e todas as formas de vida estão em movimento, em um estado perpétuo de "tornar-se" e "dissolver-se" incessante. Todos os fenômenos no manifesto são limitados no tempo e, portanto, efêmeros.

Ora, a consciência do homem natural, sendo por essência ligada à manifestação, ou seja, ao corpo – e não ao Ser Absoluto, à sua mônada microcósmica – teme o imanifesto. O Espírito é o que a consciência do homem natural mais teme, pois o Vazio dá vida a tudo ao dissolver a forma depois de cumprir sua tarefa. O homem natural, que não tem vínculo consciente com o Espírito, não aceita o fim de tudo com o qual ele se tornou ligado e identificado.

É por isso que a consciência do homem natural rejeita o Espírito, porque para ele o Espírito significa a destruição da forma e, portanto, as trevas. Por essa recusa, o homem natural transforma o aspecto mais elevado de tudo – os impulsos do verdadeiro Ser, do Imanifesto – em um aspecto inferior, em uma imagem negativa projetada em um plano inferior, que acaba se tornando o mal.

Reconhecendo isso, pode-se ver em toda a degeneração do astral inferior o oposto do que foi previsto pelo plano divino.

Por isso, como trabalhadores a serviço da Luz, e por meio de nosso aprendizado, é importante não rejeitar as sombras, pois nelas há a imagem invertida do que o plano divino quer manifestar. Deve-se transformar essa imagem invertida em uma manifestação maravilhosa na Luz; opondo-se às sombras, nós as reforçamos.

Precisamos ter uma visão clara do plano divino para o mundo e para a humanidade, reconhecer esse plano em tudo o que se manifesta, seja em sentido positivo, intencional, ou

em sentido negativo, o oposto do que é intencional. E precisamos vincular essa visão elevada à realidade astral do mundo, até os mínimos detalhes.

O que isso significa? Significa que não se deve ter uma visão geral do Plano, simplesmente vendo que tudo é bom, unido e divino. Não, devemos ter a coragem de ver que, nesta grande escola de aprendizado, não podemos evitar passar por situações difíceis, sofrer, e que, se não o fizermos, não aprenderemos.

É por recusar o sofrimento que geramos o mal, e por isso o martírio da humanidade aumentou. Essa não aceitação causou imenso tormento e criou as sombras que enfrentamos em nossas provações.

Portanto, precisamos colocar o sofrimento em sua perspectiva adequada, pois se o rejeitamos, nós o reforçamos.

Nossa verdadeira tarefa é ser capaz de ver tudo o que acontece no mundo de forma clara, objetiva e de acordo com a realidade, em um espírito de neutralidade, e colocar tudo em sua devida perspectiva.

O plano divino não é um paraíso de felicidade eterna: é uma oscilação, um ir e vir, trazendo mudanças harmoniosas...

Precisamos encontrar o equilíbrio entre o sofrimento causado por nossas ações que confrontam as leis divinas e o reconhecimento dessas leis, por meio do qual nossa dor é transformada em alegria e felicidade. Surgem novas possibilidades, perspectivas brilhantes são despertadas, e é então que surge uma nova criação.

Quando conseguimos perceber o plano divino com a consciência da alma-Espírito, então vemos no mundo nossa verdadeira tarefa a ser cumprida.

O importante é saber que não precisamos nos perguntar o que devemos fazer ou como podemos servir ao mundo: se estivermos

na alma vivente e a serviço da humanidade, o mundo virá até nós para nos mostrar como devemos agir e o que devemos fazer.

Podemos então ler o Livro M ou o Livro do Mundo (Mundi): esse é o livro da magia gnóstica, o livro do fogo, como o amor de Deus.

Esse é agora o objetivo da missão em nosso tempo: inverter nossa consciência, vendo por trás das coisas e levando o Amor dentro de nós à maturidade. É transformar a sombra em Luz.

Percebemos a tarefa que nos foi atribuída por essa "inversão", pela reversão, pelo que está faltando, e é aí que podemos contribuir para dar o que está faltando ao mundo, transformando em Luz o que está degradado!

O trabalho alquímico de cura, de transformação da água no vinho energizante e vivificante do Espírito, é sempre uma atividade que desmascara as ilusões. Lutar contra nossas ilusões significa romper os vínculos prejudiciais criados pelo homem no mundo e na humanidade.

A essência desse trabalho alquímico é que ele se torna verdadeiro, puro e curador quando seguimos o exemplo das abelhas, um dos símbolos mais elevados do trabalho da Rosacruz. Ela defende a unidade sagrada da colmeia com as suas próprias armas e, ao querer defender a comunidade a que pertence com o seu ferrão, morre. A abelha nunca trabalha para seu próprio proveito: ou recolhe o néctar para alimentar os outros, ou sacrifica-se para defender a unidade da colmeia. Essa é a verdadeira missão dos rosacruzes.

Alimentar as almas em gestação no corpo vivo e defender a unidade da Terra Santa, desmascarando-se e sacrificando-se. Esta é a grande diferença entre o trabalho neste mundo e o trabalho previsto no plano divino. O trabalhador da vinha de

Deus nunca se preocupa com o seu próprio benefício. Ou ele traz a força do Amor e um novo alimento para os outros, ou defende a unidade, atacando a ilusão e desfazendo as amarras que o prendem.

Foi isso que aprendemos. Ninguém pode ler sem ter aprendido em nossa escola. Nós aprendemos, nós sabemos ler! É por isso que dizemos: leiam! E deem ao mundo, ao Criador, o Ato, seu Ato, como o terceiro livro.

De posse do Livro T – a Sabedoria ou Conhecimento de Deus, e do Livro M – a magia do Amor de Deus, podemos agir na vida concreta. Como herdeiros, possuímos o jardim, a Criação, no qual podemos tornar nossas obras de Luz visíveis a todos.

Esse trabalho é sempre e, sem exceção, realizado com Amor universal e sem prejudicar ninguém. Esse é o chamado mais elevado do verdadeiro rosacruz: não prejudicar, mas curar. Essa é a verdadeira missão cristã!

34. DESPERTA!

Em 24 de agosto de 1979, Catharose de Petri proferiu as seguintes palavras em uma alocução:

> Vocês sabem que um dos nossos objetivos é estarmos intimamente ligados, de corpo e alma, no poder unificador da radiação Crística. Por uma nova orientação coletiva, invocamos juntos uma lei gnóstica superior, uma Lei, que é referida no Evangelho como: "Onde dois ou três se reúnem em meu nome, eu estou no meio deles".
>
> Assim, numa unidade de iguais, isso significa uma orientação positiva para o Reino Imutável; como uma comunidade em perfeita unidade grupal, à qual o eu-personalidade se subordina incondicionalmente.
>
> Dessa forma, num determinado momento, os dois membros da liderança espiritual da Escola Espiritual tomaram unanimemente a decisão, na Luz do Santo Cristo que lhes foi revelada, de abrir o Caminho para o Campo da Ressurreição para todos aqueles que desejassem percorrer esse caminho em um forma processual, para a Ascensão de Todos os irmãos e irmãs que ingressaram na Escola de Mistérios da Rosacruz Áurea, e que poderão vir, posteriormente, a tornarem-se um Perfeito. Só podemos esperar que todos nos esforcemos para alcançar este grande e elevado Objetivo.
>
> Como vocês sabem, um grupo no sentido da Escola Espiritual não é simplesmente uma comunidade de orientação material dialética. Ele é uma comunidade que, desde a primeira hora de ingresso na Escola Espiritual, eleva-se *à* Plenitude Radiante! Qual plenitude de radiação?
>
> A Plenitude Radiante do Campo Eletromagnético da Escola Espiritual que se realiza no poder da graça de Cristo. É neste campo de vida que vocês podem conscientemente realizar a transformação de sua alma.
>
> Se todos aderirem à tarefa que lhes foi atribuída e quiserem ser responsáveis por ela, estará assegurado o progresso no campo de trabalho da Escola. Então ser-nos-á permitido e poderemos

aguardar o próximo período com alegria e certeza interiores. A confiança mútua, a este respeito, é, obviamente, de grande valor. Conseguir isso significa um grande presente, ou seja, fundir-se na Unidade, na Liberdade e no Amor, no Trabalho Uno Libertador e, portanto, redentor da Alma.

A consciência do eu, tal como a possuímos e a conhecemos, só é adequada para se expressar e, portanto, revelar-se, nas esferas da vida desta natureza. Entretanto, tal consciência não pode adentrar na realidade da Única Vida Verdadeira, muito menos entrar em um estado de vida consciente no campo de desenvolvimento da Escola Espiritual Sétupla.

Portanto, quem realmente deseja ser um aluno e seguir o caminho da vida libertadora da alma, deve, após um período de preparação, abandonar o antigo estado de consciência para revelar a Nova Consciência da Alma. Neste processo de mudança, a humanidade é atendida e auxiliada por poderosas correntes e impulsos espirituais, dos quais nenhum ser humano pode escapar. Portanto, certamente tampouco vocês o podem!

Vocês estão familiarizados com esta atividade radiante e podem, portanto, permanecer completa e verdadeiramente no Fluxo Universal do Amor. Todos receberão dela impessoalmente o que for necessário, sem que ninguém seja esquecido. Será uma revelação para todo aquele que esteja pleno de alma através do serviço impessoal.

Até agora, pudemos vivenciar muitos momentos excelentes, principalmente por meio de alunos dedicados e leais. Vocês dirão: mas não pode ser de outra forma. Não queremos nada além de nos reunirmos em unidade, alegria e entrega, para que o Corpo Vivo se torne cada vez mais intensamente vivo. Quando isso for verdadeiramente transformado em ação positiva, a Luz ficará permanentemente acesa, a qual será vista de longe!

Irmãos e irmãs, muito obrigado por tudo o que fizeram e farão no futuro próximo para cumprir o Plano de Deus!

E Z.W. Leene, em 1938, disse o seguinte:

Quando crianças, todos nós nos aventuramos no mundo dos contos de fadas e ainda estamos mais ou menos conectados ao nosso mundo de fantasia. Mas não queremos levá-los de volta

ao mundo da fantasia e dos contos de fadas. Queremos colocá-los diante da realidade, diante da realidade das coisas.

Dirigimo-nos aos que buscam a verdade, isto é, àqueles que compreendem algo da base da verdade gnóstica, do pensamento gnóstico; a verdade da magia gnóstica. Então quero lhes dizer que todos vocês praticam magia, ou pelo menos podem praticá-la, e que nossas vidas continuam cercadas de muitos aparentes milagres. E ainda que a nossa crença consciente e positiva nisso fosse tão pequena como uma semente de mostarda, poderíamos mover montanhas. Poderíamos dizer como Paulo com alegria positiva: "Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece".

Se vocês lerem os antigos sobre magia, para eles esta arte sublime equivale a criar "algo" a partir do "nada". Minha intenção, porém, é deixar claro para vocês que o maravilhoso "algo" do "nada" surge com base na razão, e que em todas essas coisas é apenas uma questão de um processo de conversão. Assim como a água se transforma em gelo segundo certas leis, devido a um processo de cristalização, a mesma água, sob a ação de outras leis ainda, converte-se em vapor, devido a um processo de rarefação, precipitando-se posteriormente novamente como água.

Portanto, estamos todos rodeados de forças, de possibilidades, de valores reais de essência espiritual. E por trás de todas essas forças, o Poder Único de Deus impulsiona o homem à realização no mundo material através da conversão do grau de vibração. Esse processo de transformação no homem é realizado por meio de um poder superior, o poder criador.

Agora, o homem é um criador em formação. Criados à imagem de Deus, espírito do Seu espírito, fogo do Seu fogo, nós também um dia seremos capazes de controlar completamente esse fiat criador. E até onde já concluímos parte desse caminho de desenvolvimento, todos somos capazes de realizar uma pequena parte desse potencial superior. Todos somos mais ou menos capazes de compreender a Ideia Universal das coisas a partir do invisível. Por exemplo, a Ideia chega até nós como intuição. O efeito sutil desse desenvolvimento nos nossos veículos permite-nos converter a Ideia num fato concreto. Aparentemente, do nada, coisas surpreendentes surgem e, através das forças dinâmicas da personalidade humana, o nada se torna algo.

> Se você pensar sobre essas coisas, descobrirá uma cadeia de milagres na qual todos somos agentes ativos. O início desse desenvolvimento é uma transformação completa do modo de vida.
> Se pudermos seguir desta forma a exigência de Cristo, a exigência da Luz, surge uma aliança com a Luz. Surge um desejo purificado. E vocês compreenderão que um desejo purificado também produz um pensamento limpo e puro.
> Após a limpeza do Corpo de Desejos, o espírito do mundo planetário do Espírito Vivente pode atrair e projetar na mente os valores mais perfeitos e puros. Esse é o primeiro som do fiat criador.
> A atividade da Luz soa e vibra no sistema humano e um movimento giratório é criado. O segundo som do fiat criador.
> O corpo vital, o corpo etérico, a matriz do corpo material agora ganha vida por todos os lados, atingindo uma vibração intensa. O terceiro som do fiat criador.
> Finalmente, o quarto som é emitido pelo sangue e pelas glândulas de secreção interna que foram completamente purificadas e desenvolvidas pelo processo de limpeza anterior.
> E qual será o resultado agora?
> Não é apenas uma função abstrata que, como ideia, torna-se concreta. Não, este poder superior é tão absoluto, tão completo, que montanhas podem realmente ser movidas por ele. Esta transformação mágica é a arma do ato de amor. Aquarius traz o ato de amor ao mundo.
> Quando vocês colocam esse ato de amor em seu ser, vocês encontram a chave para a realização. E, enquanto a porta estiver entreaberta, a Luz fluirá com grande clareza.

No lançamento da pedra fundamental do Templo de Renova, em 27 de maio de 1951, Jan van Rijckenborgh proferiu uma alocução, da qual o seguinte trecho foi extraído:

> Agora que nos reunimos para uma cerimônia que não poderia ter sido celebrada durante centenas de anos, e estamos todos repletos da seriedade, do significado e do poder deste momento, gostaríamos de reunir os nossos pensamentos antes do começo da festa da rosa estilizada, e antes de colocarmos a Pedra Angular do novo Templo da Fraternidade Universal.

Todos sabemos e experimentamos que existem duas existências cósmicas, dois mundos. Um campo espaço-temporal dialético e uma Setuplicidade Cósmica do Reino Imutável. Há duas existências, não porque um mundo seja concreto e o outro abstrato. Não, ambos estão presentes aqui e agora, quando quisermos experimentá-los e distingui-los um do outro. Portanto, ambos são reais.

A existência cósmica em que nascemos e crescemos é a da dialética. É um campo de vida no qual somos mantidos em constante rotação por uma atividade eletromagnética. O que nele vive, corre para a morte em sua ascensão. Nascer é morrer, morrer é nascer. Poderíamos dizer que em nossa existência cósmica não há vida nem morte. É por isso que os antigos falavam de ilusão, vida irreal ou não-divina.

Pode-se, portanto, dizer do microcosmo que ele existe. É, mas não está vivo no sentido absoluto. Talvez devêssemos referir-nos a este estado de ser como "sono".

Por isso se diz: 'Desperta, tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos'.

Um microcosmo pode despertar num novo sentido e, portanto, também deve haver um mundo desperto, um mundo em que a pessoa adormecida possa acordar, levantar-se, movimentar-se e trabalhar. Alguém que dorme acorda naturalmente quando o corpo está suficientemente descansado. Alguém que está dormindo também pode ser chamado e, em um determinado momento, despertado.

Tal chamado para o despertar é a prova de que o mundo desperto existe. Somos chamados para esse mundo desperto, porque vocês são tão reais no mundo da setuplicidade cósmica quanto quando estão neste mundo de fenômenos. Vocês acordam em sua existência quando o corpo se recupera o suficiente. Vocês acordarão na realidade quando seu corpo, seu microcosmo, desejar se adaptar a ela, ou já tenha a ela ou nela se adaptado.

Vocês conhecem o processo endurístico que a Escola Espiritual continuamente coloca diante de vocês. Despertem, vocês que dormem, e levantem-se dentre os mortos, e Cristo brilhará sobre você.

O que é isso, qual é a revelação de Jesus Cristo? Seria ele um ser humano assim como o conhecemos, um deus segundo nosso entendimento?

Não, essa revelação de Jesus Cristo é uma "pedra vivente". Esse é o antigo simbolismo da força eletromagnética original da setuplicidade cósmica; e da atmosfera quádrupla, a atmosfera dos quatro alimentos santos, que ocorre nesse poder e é liberada através dele. Essa força eletromagnética é chamada de Deus. A luz que se torna visível através dele é Cristo e a atmosfera da qual o Todo se torna – *é o Espírito Santo. Estas são as partes constituintes da pedra vivente.*

E agora é dito a quem está despertando: coloque sua esperança nessa pedra vivente; naquela atividade elementar cheia de graça que está existencialmente presente. Agora é claro e lógico que uma realidade se estende ao redor daqueles que ainda estão adormecidos, e que existam aqueles que ainda dormem e também aqueles que já despertaram.

Seria algo tão estranho que os despertos se voltem para os que dormem e os chamem e os ajudem a acordar? Tal trabalho só pode ser feito com o poder da Pedra Vivente. Esse é o poderoso trabalho da Fraternidade Universal.

A atmosfera da realidade está conectada a nós aqui e agora pelos Mestres da Pedra. E a serviço desta tarefa agora é estabelecido um Templo internacional. De maneira sétupla ressoará o chamado: despertem, vocês que dormem!

Irmãos e irmãs, agora todos vocês poderão ser utilizados como pedras viventes na construção de um lar espiritual. Na Escola da Rosa Sétupla Estilizada, uma pedra morta deve sempre ser sustentada por uma pedra vivente, para que não haja apenas um edifício material, mas também um lar espiritual.

Chegou a hora de o Novo Ser Humano se manifestar. Sejamos todos preenchidos com esse único chamado: despertem, vocês que dormem, e levantem-se dentre os mortos, e Cristo brilhará sobre vocês.

Sim, aceitamos a nossa tarefa de Cabeça, Coração e Mãos. Dedicamo-nos à Fraternidade Universal, a Ela, que é a Pedra Vivente. Realizamos nosso trabalho e continuamos a construir este Templo da Rosa Sétupla Estilizada.

Que o nosso Objetivo da Rosa seja alcançado através da Cruz!

35. A UM PASSO DA ETERNIDADE

Em uma de suas alocuções, Catharose de Petri disse:

> Desceu à natureza como um Filho de Deus, no Poder do Pai; como ser humano – como ser pensante – voltado para Deus, no Poder do Cristo; como Deus de Deus, ascendeu no Poder do Espírito Santo!
> O devir cósmico desabrocha em espirais. Deus Pai impulsiona Sua Criação adiante, irresistível através de espirais, dentro de espirais.
> Uma e outra vez, com o Santo derramamento do Seu Espírito, deixando uma antiga espiral, para entrar com o nascimento sagrado em uma nova.
> Repetidamente o Espírito Santo derrama Seu Poder, para tornar possível a participação de todas as pessoas nas progressões de Sua Criação! Repetidas vezes o Espírito deseja aproximar-nos do Homem-Alma-Espírito!
> Esperamos que nós, alunos da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, utilizemos os dons de Luz que nos foram dados. Pois a Luz nos dá espaço para o nosso olhar, profundidade à nossa reflexão, força à nossa palavra, brilho para a nossa convicção, firmeza para a nossa vontade superior, e valor eterno para nossas ações.
> Que a Luz do Espírito Santo brilhe sobre todos!
> A Escola Espiritual tem a missão de estabelecer no tempo a Escola de Mistérios da Jovem Fraternidade Gnóstica. Todavia, é preciso ter em conta que todo trabalho tem, necessariamente, um caráter temporário. Deveis compreender estas palavras conscientemente. Os servidores da Gnosis vão e vem, para retornar em momentos precisos. Por isso, há sempre um começo e um fim no espaço e no tempo[...]

Estas palavras nos colocam diante da missão central da Escola Espiritual e fornecem uma chave muito importante para o nosso trabalho, agora e no futuro.

> Qual é o futuro da Escola Espiritual?
> O que podemos esperar do seu trabalho nos próximos anos?
> E como podemos nós, como alunos dedicados e sinceros, contribuir para isso?[19]

Vivemos tempos desafiadores, isso é certo. Estamos imersos em uma situação geopolítica turbulenta, com guerras ocorrendo em locais extremamente sensíveis. Também há uma situação financeira e ecológica caótica e um grande desequilíbrio na distribuição da riqueza. E tudo isso, aliado à degradação ambiental cada vez maior, cria um panorama global muito tenso.

O trabalho da Escola Espiritual também tem seus desafios. Por um lado, floresce em uma série de novos países, por outro, em alguns dos campos de trabalho mais maduros, o afluxo de novos alunos não é suficiente para compensar a crescente faixa etária do grupo. É natural, portanto, que muitos de nós tenhamos perguntas sobre o futuro, especialmente neste momento do centenário da Escola Espiritual.

Mas apesar de tudo isso, podemos assegurar-lhes, em nome de todos aqueles que estão profundamente envolvidos no trabalho há décadas, que na realidade nunca houve tempos melhores para a Escola Espiritual. Uma Escola Espiritual é um produto que não surge espontaneamente neste plano de existência. Ela é uma árvore cujas raízes não se agarram ao solo desta terra, mas está enraizada nos níveis mais elevados da vida, no "reino que não é deste mundo".

Por outro lado, a Escola Espiritual é a expressão visível da eternidade no tempo. É a Gnosis eterna, em uma revelação real. E quando essa Gnosis nos toca, ela o faz completa e absolutamente.

19. Petri, C. *O Verbo Vivente*. Cap. 6.

A questão não é que "uma pequena parte da Gnosis" nos afeta. Não! Toda a gnosis nos afeta. E se o vivenciamos em parte, não é por causa da gnosis, mas por causa da nossa consciência, da nossa mentalidade e da nossa limitação sensorial. Pensamos que a gnosis nos tocará hoje com um de seus raios e amanhã com dois. Mas isso é uma ilusão.

Quando a gnosis entra em contato com a rosa em nosso coração, ela o faz com toda a sua plenitude. A luz da gnosis não é algo que se encontra no futuro, mas em cada passo, em cada respiração, em cada momento do presente vivo.

Se dermos um passo em direção à luz, estaremos na luz. Então já "chegamos" à luz. Mas se dermos um passo em direção à luz e depois outro passo em direção à escuridão, nós nos agarramos à polaridade da vida no tempo. Inspirar e expirar são complementares. Mas a luz e as trevas são contraditórias – trata-se aqui de uma ou outra, pois as duas nunca podem coincidir.

Podemos, no entanto, combinar os nossos períodos de ação e descanso, de falar e de ouvir, de orientação para a gnosis e de focar em nosso sustento. Podemos encontrar uma forma de alternar harmoniosamente ambas as orientações. E é aí que reside a importância de dois aspectos do quadrado da construção: o objetivo único na meta e a harmonia no intercâmbio de atividades. Descobrir como combinar esses dois aspectos é a chave para a magia gnóstica.

O que não queremos alternar é o nosso propósito, o propósito central da nossa existência: viver na Luz das Luzes. E se nos abrimos à preocupação com o futuro, preocupando-nos com "o que vai acontecer", abrimos nossa alma à escuridão e a afastaremos da Luz.

O que acontecerá já é uma realidade na eternidade. E se ainda não conseguimos perceber o que já é uma realidade na eternidade, então não somos capazes de visualizá-lo com o nosso pensamento racional.

Para nós, a única coisa que importa é saber em qual objetivo estamos focados e a qual deles estamos conectados: com a luz ou com as trevas. Essa é a única decisão que temos que tomar!

E assim podemos obter uma compreensão clara da imagem das duas árvores que formam a base para a manifestação da Escola Espiritual neste campo mundial. As árvores gêmeas que sempre ficam na fronteira entre o tempo e a eternidade, tal como o jardim do Éden, onde a consciência da alma encontra a alma-espírito.

A árvore da vida representa o corpo vivo, o espaço sagrado que desce do reino invisível do Espírito, a montanha sagrada da Fraternidade Universal. E, diante dela, está a árvore do conhecimento, que representa a manifestação física da Escola, a imagem material do imutável no tempo e, como tal, em constante movimento e transformação.

A chave para isso encontra-se nas palavras de Catharose de Petri, que lemos no início deste capítulo.

A árvore da vida – a escola de mistérios da eternidade; e a árvore do conhecimento – a manifestação material no espaço e no tempo.

E, assim como diz Catharose de Petri, como Escola Espiritual, como alunos e membros, todos nós temos uma dupla missão: manifestar a escola de mistérios neste mundo, e assim revelar a eternidade no tempo.

Ao mesmo tempo, compreender, aceitar e acolher o aspecto temporário de cada manifestação material. Em suma, entender que toda revelação tem um começo e um fim.

Os fundadores têm utilizado esses princípios desde o início da Escola Espiritual. Com um objetivo espiritual claro em mente, eles sempre trabalharam de acordo com as possibilidades do momento. Eles tinham apenas parte das etapas planejadas. Não porque não soubessem o que aconteceria a seguir, mas porque não é assim que a Fraternidade trabalha.

A Fraternidade compreende a constante mutabilidade da matéria e, diante disso, é extremamente flexível e inteligente; pois ela sempre utiliza a matéria como manifestação temporária, como imagem do que é eterno e imutável. Uma vez compreendida esta verdade profunda, somos capazes de superar o aparente conflito entre a eternidade e o tempo, porque nos concentramos no objetivo imutável, à medida que avançamos de acordo com as condições do nosso tempo, de forma inteligente e flexível.

Portanto, novos campos de trabalho continuarão a surgir e a crescer. Os campos maduros continuarão a dar frutos. E alguns campos se prepararão para sua colheita e um novo impulso, enquanto o trabalho continua no campo da vida Una para todos. Desde a eternidade, na eternidade, por toda a eternidade.

Assim, com fé inquebrantável, entusiasmo renovado e confiança inabalável, avançamos. E continuamos no sagrado trabalho da Fraternidade Universal, rumo à vitória final da Luz das Luzes. À medida que progredimos neste caminho sagrado e nos aproximamos dos limites da nossa consciência, aproximamo-nos dos véus do tempo, além dos quais está o novo campo de percepção da alma-Espírito. Quando atravessamos esse véu, somos imediatamente unidos a um novo estado de consciên-

cia que não conhece o passado nem o futuro, mas cria, neste momento, o presente vivo.

Ao chegar a este novo campo da vida, percebemos que a Fraternidade da Vida nos vê, sim, a todos nós, como a um passo da eternidade. Estamos a um passo do Ser eterno que já vive dentro de nós, como uma centelha, como uma promessa, como uma possibilidade sempre presente.

Em seu infinito amor e compaixão, a Fraternidade nos permite compreender que uma imagem do futuro é uma criação de nossa mente, ainda limitada pelo espaço e pelo tempo. E que as nossas expectativas de um plano para transformar o mundo de acordo com as nossas projeções são apenas ilusões. São pensamentos, girando como luzes fugazes e brilhantes no carrossel da vida material.

Só existe um tempo: o presente vivo, o agora eterno. O caminho real consiste em um único passo, um passo que nos leva ao âmago mais profundo do nosso ser real e nos une ao nosso verdadeiro ser imortal.

Como a brilhante luz de um farol, a Fraternidade eleva-se no novo campo da vida. Do alto de sua poderosa torre, construída com pedras vivas, ela projeta sua luz eterna e onipresente, acendendo a centelha vivente em cada coração! E como um coração cósmico, poderoso e pulsante, ela lança sua luz circulante sobre o mundo inteiro. Assim, incontáveis centelhas do espírito, semeadas nos campos da terra, são tocadas, despertadas e postas em movimento.

É isso que a Fraternidade vê, porque aos seus olhos somos centelhas de luz que irão desencadear o fogo universal do Espírito e acender todo o cosmos numa festa do fogo, da luz e da vida. Assim, ela permanece em seu imensurável amor e com-

paixão no limite do tempo, no limite de nossa consciência, e estende suas mãos amorosas para nós e diz: "Venha agora! Porque você está a um passo da Libertação!" Um passo, um instante, aqui agora!

Esse é o plano, esse é o futuro, essa é a nossa tarefa! Um farol é uma fortaleza que mostra o caminho na escuridão mediante a linguagem da luz. O Templo Branco é como um farol vivo, cujo poder mágico continua a crescer, de maneira cada vez mais e mais brilhante. Ele é um corpo vivo. E, assim, também podemos nos ver como uma construção enorme, na qual o interior daquela torre parece ser tão grande quanto o firmamento...

Essa torre contém milhares de torres, cada uma decorada sutilmente de maneiras diferentes, cada torre mantendo a sua existência individual sem romper a unidade do todo.

E, no centro, ergue-se uma torre particularmente alta, espaçosa e adornada em ouro, de beleza incomparável. E, nessa torre, vemos de relance o novo Céu-Terra.

Levados pela luz que irradia da torre, vemos como todas as criações são ordenadas de acordo com sua natureza e essência. Dos muitos elementos, descobrimos como tudo se torna simples e claro. É onde o homem se torna alma, a alma se torna espírito e a luz revela suas obras.

Unam-se firmemente a essa imagem; e com base nela, reflitam cuidadosamente no que acontecerá a seguir. Vejam como todo o grupo de habitantes do corpo vivo se integra à unidade original, adentrando no novo campo astral da Cabeça Áurea sem quaisquer impedimentos. Então, a luz incognoscível, com o brilho de uma explosão de milhares de sóis, passará pelo mundo de forma reconhecível.

Pois onde quer que estejamos, estaremos em contato vivo e vibrante com o coração do corpo vivo. O intenso poder do corpo vivo nos acompanha e se faz conhecido em todos os lugares.

A festa da Gnosis é agora, e todos nós devemos celebrá-la agora, abrindo-nos ao enorme potencial do coração radiante da nossa Escola!

Que possamos assim continuar juntos o trabalho a serviço da Fraternidade da Vida, guiados pela luz da sabedoria e do amor!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACH, Richard. *Fernão Capelo Gaivota*. São Paulo: Editora Record, 2015.

BIBLIA SAGRADA, Nova Versão Internacional. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2018.

BLAVATSKY, Helena P. *A voz do silêncio.* São Paulo: Ed. Pensamento, 2010.

FABRE-D'OLIVET, Antoine. *Os versos dourados de Pitágoras*. Trad. Edson Bini, Edipro Grupo Editorial, 2017.

FAVRE, François. *Mani, Christ d'Orient, Buddha d'Occident*. Tantonville: Ed. du Septénaire, 2002.

NAIMY, Mikhail. *O Livro de Mirdad.* Jarinu, SP: Ed. Pentagrama, 2014.

PETRI, Catharose de. *A tríplice aliança da Luz*. Jarinu, SP: Lectorium Rosicrucianum, 2014.

_____. *O Verbo Vivente.* Jarinu, SP: ed. Rosacruz, 2006.

_____. *Transfiguração*. Jarinu, SP: ed. Rosacruz, 2003

_____; RIJCKENBORGH, J. van. *Rosa Mystica: Raios de luz da magia gnóstica.* Lectorium Rosicrucianum, 1999.

RIJCKENBORGH, J. van. *A Confessio da Fraternidade da Rosacruz*. Jarinu, SP: Pentagrama, 2017.

_____. *A Gnosis Original Egípcia, Tomo I,* 2ª ed. Jarinu, SP: Ed. Rosacruz, 2006.

_____. *A Gnose em sua atual manifestação.* Jarinu, SP: Ed. Rosacruz, 2007.

_____. *Não há espaço vazio*, Jarinu, SP: Ed. Rosacruz, 2006.

_____. *O mistério iniciático cristão: Dei Gloria Intacta*, 3ª ed. Jarinu, SP: ed. Rosacruz, 2003.

_____. *O Novo Homem.* Jarinu, SP: Pentagrama, 2016.

_____. *O Nuctemeron de Apolônio de Tiana*. Jarinu, SP: ed. Rosacruz, 2011.

_____; PETRI, Catharose de. *A Gnosis Chinesa: comentários sobre o Tao Te King de Lao Tsé.* Jarinu, SP: Ed. Rosacruz, 2006.

_____; PETRI, Catharose de. *Chamados pelo coração do mundo,* Jarinu, SP: Pentagrama, 2015.